

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDUARDA ROCHA BORGHELOTT

A LATERAL PÓS-VOCÁLICA EM FRANCISCO BELTRÃO/PR

PATO BRANCO - PR

2024

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDUARDA ROCHA BORGHELOTT

A LATERAL PÓS-VOCÁLICA EM FRANCISCO BELTRÃO/PR

THE POST-VOCALIC LATERAL IN FRANCISCO BELTRÃO - PR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem Educação e Trabalho.

Orientador (a): Susiele Machry da Silva
Coorientador (a): Ana Paula Petriu
Ferreira Engelbert

PATO BRANCO – PR

2024



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco**



EDUARDA ROCHA BORGHELOTT

A LATERAL PÓS-VOCÁLICA EM FRANCISCO BELTRÃO/PR

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Data de aprovação: 29 de Maio de 2024

Dra. Susiele Machry Da Silva, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Denize Terezinha Teis, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Valeria Neto De Oliveira Monaretto, Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 29/07/2024.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela imensa generosidade, pelo cuidado e oportunidades concedidas.

Meu primeiro e especial agradecimento e admiração à professora Susiele Machry da Silva por sua tamanha dedicação, empenho, paciência e ajuda. Obrigada por me proporcionar tantas possibilidades de enriquecimento acadêmico e por aceitar gentilmente a me orientar e mergulhar junto comigo nesta pesquisa. Obrigada por cada conversa, conselho, ideia, ensinamento e por ser um exemplo de competência e dedicação profissional, você é incrível!

Expresso minha gratidão pelas valiosas contribuições das professoras Valéria Neto de Oliveira Monaretto e Denize Terezinha Teis. Agradeço pela minuciosa leitura realizada e pelas correções, sugestões e comentários, os quais enriqueceram significativamente este trabalho.

À professora Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert pelos maravilhosos ensinamentos durante as aulas de fonética e fonologia, bem como pelo aceite em coorientar esta dissertação.

Meu profundo agradecimento aos meus familiares e ao meu companheiro de vida pelo constante apoio, preocupação e incentivo. Obrigada por todas as orações dedicadas e por sempre torcerem para que o melhor fosse feito. Sem vocês, nada disso seria possível.

À minha querida e carinhosa Lady, que não resistiu para ver a conclusão deste trabalho, mas que esteve ao meu lado em tantos momentos deste processo, que por vezes é tão solitário. Agradeço do fundo do coração por toda a companhia e carinho que compartilhamos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e aos professores por todas as experiências e aprendizados compartilhados durante as aulas.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente ao longo desta pesquisa, expresso meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

BORGHELOTT, Eduarda Rocha. A lateral pós-vocálica em Francisco Beltrão – PR. 2024. 130 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2024.

Este estudo possui como temática principal a realização da lateral pós-vocálica no município de Francisco Beltrão, localizado na região sudoeste do Paraná (PR). No português brasileiro a lateral, quando em posição de coda, pode se manifestar de diferentes formas, sendo mais frequentes as ocorrências de: alveolar [l], velar [ɫ], vocalizada [w], apagamento [Ø] e rotacismo /r/ – pronúncia como tepe [r] ou retroflexo [ɭ]. Ao observar pesquisas anteriores, verificou-se maiores índices de produção da forma vocalizada em grande parte do território brasileiro; não obstante, na região sul ainda há uma tendência para a preservação da alveolar (Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020). Desse modo, esta pesquisa busca investigar o comportamento da lateral pós-vocálica em Francisco Beltrão/PR, observando se há, neste município, tendência a manter a realização da lateral alveolar, bem como o avanço da variante vocalização e a ocorrência de outras formas variantes como o rotacismo, e a velarização e o apagamento. Nesse viés, tomando como base estudos anteriores sobre o fenômeno investigado (Collischonn; Quednau, 2007; Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020; Hahn; Quednau, 2007; Nedel, 2009), a pesquisa trata do uso das formas variantes para o // pós-vocálico, mais especificamente olhando para o quanto se mantém na localidade a preservação da lateral e quais fatores linguísticos e histórico-sociais que contribuem para isso. Com esse propósito, o presente estudo segue como respaldo a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972; 2008). O *corpus* desta pesquisa foi constituído por amostras de fala de 14 informantes, sendo esses nativos ou residentes no município, com idade de 18 a 80 anos, sendo oito informantes do sexo feminino e seis informantes do sexo masculino. Para a coleta de dados, foram utilizados instrumentos, organizados em três momentos, a saber: (i) nomeação e descrição de imagens; (ii) produção de frases e (iii) conversa informal sobre temas diversos. No que se refere aos resultados, observou-se a predominância do uso da alveolar // (74,4%). No entanto, também foram identificadas, ainda que em menor proporção, o uso das variantes vocalização [w] (19,8%), velarizada [ɫ] (1,6%) e rotacismo [r] (4,1%), estando essas variáveis associadas a grupos mais específicos.

Palavras-chave: // Pós-vocálico. Variação Linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

BORGHELOTT, Eduarda Rocha. The pós-vocalic lateral in Francisco Beltrão – PR. 2024. 130 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2024.

The main theme of this study is the realization of the post-vocalic lateral in the municipality of Francisco Beltrão, located in the southwest region of Paraná (PR). In Brazilian Portuguese, the lateral can manifest itself in a variety of ways in the syllable coda position, including: alveolar [l], velar [ɫ], voiced [w], deletion [Ø] and rotated /r/ - realized as a tepe [r] or retroflex [ɭ]. When looking at previous research, there were higher rates of production of the voiced form in much of Brazil; however, in the southern region there is still a tendency for the alveolar form to be preserved (Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020). Thus, this research aims to investigate the behavior of the post-vocalic lateral in Francisco Beltrão/PR, observing whether there is a tendency in this municipality to maintain the realization of the alveolar lateral, as well as the advance of the vocalization variant and the occurrence of other variant forms such as rotacism, velarization and deletion. With this in mind, and based on previous studies on the phenomenon under investigation (Collischonn; Quednau, 2007; Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020; Hahn; Quednau, 2007; Nedel, 2009), the research deals with the use of variant forms for the post-vocalic /l/, more specifically looking at the extent to which the preservation of the lateral is maintained in the locality and what linguistic and historical-social factors contribute to this. To this end, this study is based on the Theory of Variation or Quantitative Sociolinguistics (Labov, 1972; 2008). The corpus of this research was made up of speech samples from 14 informants, all of whom were natives or residents of the municipality, aged between 18 and 80, eight of whom were female and six male. For data collection, instruments were used, organized into three moments: (i) naming and describing images; (ii) producing sentences and (iii) informal conversation on various topics. As far as the results are concerned, there was a predominance of the use of the alveolar /l/ (74.4%). However, the use of the variants vocalization [w] (19.8%), velarization [ɫ] (1.6%) and rotacism [r] (4.1%) were also identified, albeit to a lesser extent, and these variables are associated with more specific groups.

Keywords: Post-vocalic /l/. Linguistic Variation. Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS).....	32
Figura 2: Estado do Paraná – localização do município de Francisco Beltrão.....	62
Figura 3: (i) nomeação e descrição de imagens.....	67
Figura 4: Representação geométrica simplificada da regra telescópica da lateral pós-vocálica, em três estágios.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese dos estudos apresentados.....	48
Quadro 2 – Estratificação dos informantes por célula.....	65
Quadro 3 – Formas de realização da // para cada informante.....	83
Quadro 4 – Aplicação da lateral alveolar conforme item lexical.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Efeito da variável contexto fonológico precedente.....	88
Tabela 2 – Efeito da variável localização na palavra.....	89
Tabela 3 – Efeito da variável acento.....	90
Tabela 4 – Efeito da variável classe de palavra.....	91
Tabela 5 – Efeito da variável contexto fonológico seguinte.....	92
Tabela 6 – Efeito da variável etnia.....	93
Tabela 7 – Efeito da variável contexto fonológico precedente.....	96
Tabela 8 – Efeito da variável escolaridade.....	96
Tabela 9 – Efeito da variável sexo.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Formas de realização da lateral pós-vocálica.....	80
Gráfico 2 – Realização de // por cada informante.....	85
Gráfico 3 – Realização da lateral alveolar e vocalização para cada informante.....	95
Gráfico 4 – Efeito da variável faixa etária.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: HISTÓRICO, DEFINIÇÕES E DELIMITAÇÕES	13
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA	29
2.2.1 A variação da lateral // na história da língua	35
2.3 ESTUDOS SOBRE A LATERAL PÓS-VOCÁLICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL	39
3 METODOLOGIA	60
3.1 O MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO/PR	60
3.2 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: SOBRE OS PARTICIPANTES	63
3.3 COLETA DE DADOS	66
3.4 VARIÁVEIS INVESTIGADAS	68
3.4.1 Variável Dependente	69
3.4.2 Variáveis Sociais	70
3.4.2.1 Faixa etária	70
3.4.2.2 Sexo	71
3.4.2.3 Escolaridade	72
3.4.2.4 Etnia	73
3.4.3 Variáveis Linguísticas	73
3.4.3.1 Contexto fonológico precedente	74
3.4.3.2 Contexto fonológico seguinte	75
3.4.3.3 Posição da lateral	75
3.4.3.4 Posição quanto ao acento	76
3.4.3.5 Classe de palavras	76
3.5 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	77
4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
4.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	79
4.1.1 Análise da lateral // considerando os informantes	83
4.2 ANÁLISE DOS GRUPOS DE FATORES	87
4.2.1 Tomada de decisões para a primeira rodada	87

4.2.1.1 Contexto fonológico precedente.....	88
4.2.1.2 Posição da lateral.....	89
4.2.1.3 Acento.....	90
4.2.1.4 Classe de palavra.....	90
4.2.1.5 Contexto fonológico seguinte.....	92
4.2.1.6 Etnia	93
4.3 PRESERVAÇÃO DA LATERAL X VOCALIZAÇÃO.....	94
4.3.1 Contexto fonológico precedente.....	95
4.3.2 Escolaridade.....	96
4.4 APONTAMENTOS SOBRE A PRESERVAÇÃO DA LATERAL EM FRANCISCO BELTRÃO/PR.....	97
4.4.1 Faixa etária.....	98
4.4.2 Sexo.....	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	114
ANEXO A.....	114
ANEXO B.....	121
ANEXO C.....	122

INTRODUÇÃO

O segmento // pode ser caracterizado como uma lateral aproximante. Esse, de acordo com Silva (2002), é produzido quando o articulador ativo (língua) toca o articulador passivo (alvéolos, localizado na parte anterior da região alveolar do palato – “céu da boca”), ocorrendo uma obstrução da corrente de ar na linha central do trato vocal, fazendo com que esse escape pelos lados. No português brasileiro, pode ser observada a manifestação da lateral // em três posições, sendo estas: *onset* inicial, como *laranja*, ou medial, como *canaleta*; *onset* complexo como em *blusa*, e em coda silábica medial, como em *altura*, e final, como em *sal*. Segundo Lawson *et al.* (2011), o grupo de consoantes líquidas possui uma grande tendência à variação; quando se encontra em posição final de sílaba, essa propensão se acentua ainda mais (Hora, 2010).

A variação da lateral pós-vocálica não é exclusiva do português brasileiro, sendo também identificadas formas variantes em outras línguas, como no inglês, francês, polonês e catalão. Historicamente, o fenômeno pode ser visto desde o latim, conforme Leite De Vasconcellos (1911), presente nas pronúncias registradas do tipo *calculus~cauculus*, e, ao longo da evolução da língua, nos registros de vocábulos que sofreram mudanças e com o tempo se solidificaram e se estabeleceram, a exemplo de formas como *palpare~poupar*, *alterum~outro* e *altariu~outeiro*.

Nesse panorama, estudos vinculados à Sociolinguística, na linha laboviana, têm contribuído para uma descrição dos fenômenos linguísticos em uso nas formas atuais da língua. Essas pesquisas se caracterizam pela finalidade de compreender a heterogeneidade da língua e os aspectos linguístico/sociais que possam estar subjacentes a esse processo. Numa concepção heterogênea da língua, as investigações nessa área são pautadas em dados de fala real, em comunidades de fala e levam em conta toda a formação histórico-social dessas comunidades e de seus falantes. Desde as pesquisas de Labov (1972), os estudos da variação linguística passaram a ser sistematizados pela correlação de fatores linguísticos e sociais e para o quanto esses fatores influenciam na escolha de uma forma em detrimento de outra¹.

¹ Formas variantes, segundo Tarallo (2008), constituem diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. A isso, nos referimos quando expressamos escolhas do

No português brasileiro, estudos sociolinguísticos, identificam ao menos cinco configurações distintas de pronúncia da lateral quando em ambiente de coda de sílaba medial ou final, sendo estas: alveolar [l] (sa[l]to), velar [ɫ] (sa[ɫ]to), vocalizada [w] (sa[w]to), rotacismo /r/ (sa[r]to) – realizado como tepe [r] ou retroflexo [ɻ] - e apagamento [Ø] (sa[Ø]to). Pesquisas apontam que a forma predominante no português brasileiro é a forma vocalizada [w] – como em a[w]face - salvo a região sul, que apresenta maior conservadorismo para a lateral plena ou para a forma velarizada (Tasca, 2002; Câmara Jr., 1999; Pinho; Margotti, 2010; Quednau, 1993; Espiga, 2001; Collischonn; Quednau, 2009; entre outros).

Dentro dessa perspectiva, Pinho e Margotti (2010) observaram em seu estudo realizado em 25 capitais brasileiras, registros da lateral plena [l] e da variante velarizada [ɫ] apenas na fala de informantes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sobre esse cenário, Espiga (2001) relata que a manifestação da forma velarizada [ɫ], nessa região, acentua-se especialmente nos dialetos fronteiriços, devido ao seu uso estar associado ao contato do português com o espanhol. Outra condição relevante para a ocorrência dessas formas de produção como variantes de /l/ pós-vocálica é a formação étnica da região durante o processo de colonização.

Diante do exposto e na intenção de contribuir com as pesquisas na área da Sociolinguística, o presente trabalho possui como objeto de estudo a investigação da produção da lateral pós-vocálica na fala de 14 (quatorze) informantes oriundos do município de Francisco Beltrão, Paraná, fornecendo uma descrição do fenômeno nessa região, com base em aspectos linguísticos e sociais. Os dados seguem de uma amostra aleatória e estratificada. Para a coleta dos dados de fala e a realização das entrevistas, foram elaborados três instrumentos, sendo estes: (i) nomeação e descrição das imagens, (ii) produção de frases e (iii) conversa informal sobre temas diversos (os instrumentos são exemplificados no Anexo C desta dissertação).

Busca-se averiguar se há no município tendência à preservação da lateral alveolar em coda medial e final, as possíveis formas variantes que competem com a forma alveolar, bem como os fatores que possam influenciar na escolha de uma forma em detrimento de outra pelo falante. Dentro dessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo, que segue a proposta da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972), é analisar o comportamento do /l/ pós-vocálico em Francisco Beltrão,

falante quanto a uma forma em detrimento de outra (a exemplo, é produzir sa[w] ou sa[l], sem que isso mude o significado).

realizando a descrição e análise das formas em uso na comunidade. No que tange aos objetivos específicos tem-se: (i) observar se há tendência à preservação da lateral pós-vocálica no município e quais outras formas variantes competem; (ii) averiguar quais os fatores linguísticos e sociais manifestam papel na ocorrência dos fenômenos observados.

A decisão por uma investigação da produção da lateral pós-vocálica no município de Francisco Beltrão – PR se justifica por diversos motivos. Entre esses, menciona-se a formação histórico-étnica da região, formada em maioria por migrantes de origem alemã, italiana e polonesa, inicialmente instalados no Rio Grande do Sul e que ocupam hoje a região. Esses grupos étnicos trazem consigo particularidades linguísticas que influenciam na variação da lateral //, criando assim um cenário linguístico distinto de outras regiões do Brasil onde a vocalização é predominante. Ademais, considerou-se aspectos geográficos, já que Francisco Beltrão está situado em uma localização relativamente próxima à região de fronteira com a Argentina (distância de aproximadamente 100 quilômetros), proporcionando aos moradores maior contato com falantes da língua espanhola. O município também vem apresentando um crescente aumento populacional nos últimos anos, dado aos avanços na área empresarial e na educação, especialmente, o que traz também para a região uma diversidade linguística, com o convívio de pessoas oriundas de diferentes origens e regiões.

Ainda que haja registros na literatura sobre o predomínio da forma vocalizada [w] no Brasil (Collischonn; Quednau, 2009; Hahn; Quednau, 2007; Nedel, 2009, entre outros), esta pesquisa, apoiando-se nos estudos anteriores que mostram tendência à realização da lateral em sua forma plena (Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020) na região sul mais precisamente, parte da hipótese de que no município ainda há um predomínio da forma alveolar, isto é, a manutenção da lateral // nas posições de coda medial e final (assim, que ainda se mantenham pronúncias como sa[l] e a[l]tura, por exemplo). Formas variantes como a vocalização, rotacismo e velar devem ocorrer, mas em índices menores estando associadas a grupos ou falantes específicos (por exemplo, o uso da vocalização em falantes mais jovens). Tais hipóteses se sustentam pelas características históricas e geográficas da região, ou seja, pelo seu quadro sociolinguístico bastante diversificado.

De forma a atender aos objetivos propostos e testar as hipóteses levantadas, este estudo encontra-se estruturado em 6 seções. Nesta primeira parte, introdutória, foram abordados os aspectos gerais que compreendem a pesquisa, como: a apresentação da temática e os objetivos propostos. Na parte de revisão da literatura, que segue, tem-se uma exposição sobre o aporte teórico utilizado neste estudo, bem como das pesquisas já realizadas sobre a lateral pós-vocálica, especialmente na região sul do Brasil. Na sequência, já na parte metodológica, há uma explanação das decisões quanto à constituição da amostra, a comunidade e os critérios pensados para a análise. Em seguida, são apresentados e discutidos os resultados obtidos, e, por fim, as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta discussões que abrangem o surgimento e a concretização da Sociolinguística como ciência, os conceitos-chave tratados por essa ciência e as características que constituem o objeto de investigação das pesquisadas vinculadas a essa área. Na proposta de tratar, neste estudo, da realização da lateral pós-vocálica, as discussões se voltam também para o percurso histórico desse segmento na língua, na intenção de entender, com o respaldo da Sociolinguística, o seu comportamento do português brasileiro, a partir das pesquisas atuais, acerca dos processos de variação que incidem sobre o // na posição de coda silábica.

O capítulo se encontra dividido em quatro seções, na seguinte ordem: (i) os aspectos teóricos envolvendo a Sociolinguística, apresentando os conceitos desta corrente teórico-metodológica de investigação, a partir dos estudos de Labov, que compreendem a Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação; (ii) a caracterização da lateral pós-vocálica; (iii) as mudanças ocorridas no seguimento // na história da língua; (iv) as pesquisas sobre a produção de variantes na realização de // em coda, considerando estudos realizados, mais especificamente, na região sul do Brasil.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA: HISTÓRICO, DEFINIÇÕES E DELIMITAÇÕES

Por um longo período de tempo, sob o olhar de gerativistas e estruturalistas, o estudo da língua ficou restrito a questões formais e estruturais, numa noção de língua homogênea, observada em si própria, e numa perspectiva sincrônica, desvinculada da sua relação com os aspectos sociais e históricos. Nesse cenário, a Sociolinguística surge como uma reação a essas vertentes teóricas inatistas e estruturalistas, voltando-se para uma concepção heterogênea de língua e seu estudo a partir da sua relação com os aspectos histórico-sociais. Caracterizada como uma ciência, a Sociolinguística integra uma das subáreas da Linguística, ocupando-se da sistematização da relação entre a estrutura linguística e o social, isto é, olhando para a diversidade linguística e buscando explicar as motivações dessa diversidade com base nos correlatos linguísticos e sociais.

Mesmo antes do aparecimento da Sociolinguística, conforme revela Bortoni-Ricardo (2017), há registros de discussões entre teóricos² de caráter social, vinculados à Sociologia, que se dedicavam em seus estudos, a observar os aspectos de contexto sociocultural em que a fala era produzida, examinando a relação entre língua e sociedade. Entre esses, destaca-se o francês Antoine Meillet (1866-1936), um dos primeiros linguistas a caracterizar a língua como um fato social, que buscou explicar as mudanças na fala por meio de fatores históricos e sociológicos (Marra; Milani, 2012).

O teórico afirmava que as alterações na estrutura social deveriam influenciar diretamente em mudanças linguísticas, por também acreditar que a língua, em constante desenvolvimento, continha um caráter evolutivo (Cezario; Votre, 2008). Nesse sentido, os autores, a partir da leitura de Meillet, conceituam que a linguagem é a própria condição de existência da sociedade, sendo criada e recriada pelos indivíduos que a compõem.

Meillet (1926), procurando uma explicação para as mudanças linguísticas na França, afirmou que toda a modificação na estrutura social acarreta uma mudança nas condições nas quais a linguagem se desenvolve e que, portanto, a história das línguas é inseparável da história da cultura e sociedade. (Cezario; Votre, 2008, p. 147).

Observa-se em Meillet uma ênfase para a importância da comparação entre línguas e para com os aspectos históricos e evolutivos, mostrando como a língua pode mudar ao longo do tempo; ou seja, evidenciando uma preocupação que se volta para a natureza social e heterogênea da língua, para além de sua estrutura. Tais ideias são mais tarde de fundamental relevância para os estudos na área da Dialetoлогия e da Sociolinguística.

Um exemplo claro da importância da comparação entre línguas pode ser observado na evolução do latim vulgar para as línguas românicas modernas, como o português, o espanhol e o francês. Por exemplo, a palavra latina 'aurum' (ouro) evoluiu de maneiras distintas nas diversas línguas românicas: em português tornou-se 'ouro', em espanhol 'oro' e em francês 'or'. Essas mudanças não apenas refletem a evolução fonética e morfológica da língua, mas também a influência de fatores históricos e sociais, como a migração de povos, a invasão de diferentes grupos e as variações regionais no uso da língua. Outro exemplo é a palavra latina 'filium' (filho),

² Meillet (1866-1936), Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo de Praga.

que evoluiu para 'fils' em francês, 'hijo' em espanhol e 'filho' em português, demonstrando como diferentes processos de simplificação fonética e inovação linguística ocorreram em contextos sociais e geográficos distintos.

Bakhtin (1990) também apresentou uma proposta mais sociológica para a análise da língua, voltando-se principalmente ao signo linguístico. Esse atribui ao signo e ao significante um valor de relação social, sendo assim, as formas linguísticas se constituem pelo fenômeno social da interação. A palavra, na visão do autor, não é entendida como neutra e imutável, mas como variável e flexível, dependendo do contexto real de uso da língua para a adoção de sentido.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1990, p. 23).

Um exemplo dessa perspectiva pode ser observado na palavra 'legal'. Em contextos diferentes, essa palavra pode assumir significados variados. No contexto jurídico, 'legal' refere-se a algo que está conforme a lei. No entanto, em conversas informais entre jovens brasileiros, 'legal' pode significar algo bacana ou interessante. Esse exemplo ilustra como o significado de uma palavra pode variar significativamente dependendo do contexto social em que é utilizada. Outro exemplo é a palavra 'barato'. Em um contexto econômico, 'barato' significa de baixo custo; contudo, em um contexto coloquial, 'barato' pode referir-se a uma experiência divertida ou agradável. Esses exemplos demonstram como os significados das palavras são moldados pela interação social e pelos contextos específicos de uso, refletindo a visão de Bakhtin (1990) de que as formas linguísticas são flexíveis e dependem do contexto para adquirir significado.

Dessa forma, salienta-se o pioneirismo de Antonie Meillet e Bakhtin ao proporem perspectivas de caráter sociológico sobre a linguagem. Esses, como se observa, destacavam a importância de considerar fatores históricos e sociais no estudo da língua. Meillet contemplava a língua como um fenômeno social, argumentando que as mudanças na estrutura social influenciam diretamente as mudanças linguísticas. Bakhtin, por sua vez, enfatizava a interação verbal como a

verdadeira substância da língua, destacando a importância do contexto real de uso da língua na atribuição de sentido.

As ideias de tais pesquisadores foram, portanto, precursoras no sentido de elucidar questões relacionadas à língua e sua relação com aspectos histórico-sociais, influenciando, como temos enfatizado, os estudos subsequentes e constituindo-se de base para o entendimento do fato social vinculado à língua. Nas correntes de estudos que surgem no século XX, como a estruturalista e a gerativista, concretizando a ciência linguística, não há, no entanto, uma preocupação tão direta em relação aos aspectos sociais e de um estudo na língua na perspectiva de seu uso pelos falantes inseridos em espaços sociais.

A corrente estruturalista, que representa o marco do surgimento da Linguística Moderna, ainda que reconhecendo a dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala), passa a dar ênfase maior ao estudo da língua (*langue*) em si mesma, como forma e estrutura, não tomando os fatores externos à língua como objeto de estudo. O precursor dessa é o suíço Ferdinand de Saussure; os seus estudos estão concentrados nesta área e marcaram o início da ciência Linguística por meio da publicação da obra “Curso de Linguística Geral” (1916). Uma das preocupações do linguista foi sistematizar métodos científicos para o estudo da linguagem, sendo influenciado por estudiosos anteriores, como o já referido Antonie Meillet, e também por William Whitney e Wilhelm Humboldt (1767-1835), herdando desses noções e conceitos quanto aos fatos sociais da língua, ao caráter evolutivo, e às relações e regras. Seus estudos também seguem noções do movimento neogramático, movimento que, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968), se consolida principalmente a partir da busca por regularidades fonéticas, as chamadas “leis fonéticas”, que seguem um estudo de língua mais voltado para uma visão homogênea, sendo essas leis baseadas nas ideias de Herman Paul (1880), um dos principais representantes do movimento neogramático.

Um dos grandes feitos desse teórico foi a delimitação do objeto de estudo da Linguística, voltando-se exclusivamente para questões da língua. Dessa forma, Saussure afirma, como já mencionado, reconhecer que a linguagem é composta por duas faces: a língua e a fala (*langue* e *parole*). A primeira é caracterizada como um sistema de valores constituído por palavras lexicais e gramaticais, sendo então um produto social. Já a fala é de caráter individual, e atua como um veículo para a realização da língua (Fiorin, 2019). Nesse sentido, Saussure buscou compreender

os aspectos que permeiam a *langue*, elegendo essa como objeto de estudo. Ao tratar de mudanças linguísticas, o linguista afirma que essas são resultado de fatos da fala individual.

A visão de Saussure sobre a evolução da mudança linguística é, portanto, como tudo o que a sua teoria propõe, centrada na língua e não na fala [...]. Sendo assim, mesmo tendo buscado conferir historicidade a seu modelo de sistema linguístico por meio da admissão da participação da fala dos indivíduos na construção dos estados sucessivos desse sistema, a visão de mudança de Saussure mantém o foco de estudo na língua, e não no da fala. Trata-se de um modelo estático, no sentido de o que interessa são as configurações de diferentes estados do sistema, ao longo de um período de tempo. (Viotti, 2019, p. 142).

Ou seja, na abordagem estruturalista, que segue a perspectiva Saussureana, o objeto de estudo é a língua, sistema de signos, com uma análise da relação/associação entre os elementos que a compõem, de caráter sincrônico, sem preocupação com a evolução histórica ou com as relações com fatores que são externos à língua (Saussure, 2006, [1913]). Ainda que tenha feito referência à fala, distinguindo e isolando-a da língua, seu objeto de estudo foi a língua como um sistema de valores (que parte da observação entre os signos linguísticos e suas combinações e relações).

Mais tarde, com o surgimento da Teoria Gerativa, proposta por Noam Chomsky, a língua passa a ser compreendida como um componente abstrato e central da natureza humana, e não como um objeto social. Por conseguinte, a gramática gerativa define a língua como “[...] um sistema de princípios conhecidos intuitivamente por qualquer falante, princípios esses que integram, juntamente com outras capacidades cognitivas, a mente humana.” (Negrão, 2019, p. 76). Logo, essa é constituída por princípios inatos, biologicamente determinados e de caráter homogêneo. Nesse sentido, os estudos chomskyanos se voltam para a competência linguística em oposição ao desempenho.

A atividade real e concreta de linguagem, e que de fato a constitui como fenômeno observável, foi mantida no exterior dos limites do objeto de estudos, sob o nome não mais de fala, mas de desempenho e seu enfoque só seria possível a partir do esclarecimento das regras da competência. Nesse caso específico, o falante é identificado como o sujeito cartesiano, lógico e universal, abstraído das relações sociais que estabelece com seu interlocutor no processo de interação verbal. (Camacho, 2010, p.145).

Ao discutir sobre mudanças linguísticas, a Teoria Gerativa a considera uma falha na transmissão de características linguísticas durante o processo de aquisição da linguagem (Viotti, 2019).

[...] um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade completamente homogênea, que conhece perfeitamente a sua língua e que, ao aplicar o seu conhecimento no uso efetivo, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais e característicos). (Chomsky, 1975, p. 83).

Os postulados da teoria gerativa se voltam, portanto, para um olhar ao caráter inato da língua, à noção de comunidades homogênea e a um falante-ouvinte ideal. Pautados na ideia de um sistema de língua de caráter universal (Gramática Universal - regras da GU), desenvolvido, sobretudo, com base na sintaxe, os gerativistas preocuparam-se com o funcionamento da língua, com a composição de regras que governam o sistema, assemelhando-se em alguns pontos às ideias estruturalistas (mas com ênfase aqui aos aspectos inatos e biológicos da mente humana).

Não há, desse modo, nas duas abordagens, estruturalismo e gerativismo, nenhum avanço em relação à preocupação de entender a língua na sua relação com os aspectos históricos e sociais, pelo menos não foram esses definidos como objetos de preocupação para os seus estudos. Dessa forma, o estruturalismo e o gerativismo priorizavam a regularização dos dados de base para a análise linguística, de modo a eliminar a variabilidade existente na linguagem enquanto fenômeno real (Chambers, 1996 *apud* Camacho, 2010). A princípio, esses compreendiam que as diferentes formas linguísticas pertenciam a diferentes sistemas linguísticos coexistentes ou como variação livre, ou seja, o sujeito teria acesso a diferentes sistemas gramaticais podendo migrar de um para outro livremente (Camacho, 2010).

Mudanças em relação ao pensamento linguístico sobre a heterogeneidade da língua e a correlação com os aspectos sociais, começam a surgir de forma mais efetiva a partir da década de 60, com o surgimento de estudos linguísticos mais voltados à diversidade linguística e à análise da relação de fatores linguísticos e sociais. Nesse sentido, questões que por vezes foram negligenciadas pelos teóricos

da época, começaram a ganhar enfoque e a variação recebeu *status* de unidade estrutural. A ocorrência de formas variantes na língua, isto é, o uso de uma forma em detrimento de outra, passou a ser entendida a partir da correlação de elementos linguísticos e sociais.

Durante muito tempo, os linguistas descreveram variáveis como variação livre. Por livre eles queriam dizer que não havia restrições linguísticas claras que previssem quando você tem uma variante em vez de outra. Portanto, livre significa essencialmente irrestrito. Você ainda ouvirá linguistas usarem a frase variação livre, mas é um pouco inadequado empregá-las agora. Isso ocorre porque, desde a década de 1960, os linguistas acumulam evidências consideráveis mostrando que a variabilidade do falante pode ser limitada por fatores não linguísticos (elementos externos ao sistema linguístico), bem como por fatores linguísticos. (Meyerhoff, 2011, p. 12)³ (tradução nossa).

A Sociolinguística emerge no século XX, em 1960, como uma área autônoma e interdisciplinar, sendo propagada no Brasil na década de 1970. Surge, nesse contexto delineado, como uma reação às concepções de língua das correntes do estruturalismo saussuriano e do gerativismo de Chomsky, que, como discutido, concentravam os seus estudos na língua e não na fala, propondo uma visão dessa como um sistema em si mesmo, homogêneo e idealizado. A Sociolinguística passa a ver a língua como um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado que se constitui de elementos variáveis.

Diferentemente do que propõem o modelo saussuriano e a gramática gerativa, a sociolinguística variacionista entende que as línguas não são desenhadas como sistemas regulares perfeitos, mas se forjam pelo modo como os falantes as usam em contextos interpessoais e sociais. Em clara ruptura com as teorias linguísticas desenvolvidas desde o século XIX, os proponentes da teoria da variação questionam a ideia de que a língua deve ser vista como um sistema estruturado homogêneo, para propor que ela seja vista como um sistema *heterogêneo ordenado*. Essa nova perspectiva de entendimento da língua humana busca, então, compatibilizar duas ideias: uma, a de que a língua é uma estrutura inerentemente ordenada, como punha Saussure; outra, a de que a língua é também, inerentemente variável. (Viotti, 2019, p. 145-146, grifo do autor).

³ For a long time, linguistics described variables like this as examples of free variation. By free They meant that there were no clear linguistic constraints which would predict When you got one variant rather than another. So free essentially meant unconstrained. You will still hear linguistics use the phrase free variation, but it is a bit sloppy to employ it now. This is because since the 1960s sociolinguists have amassed considerable evidence showing that speaker variability can be constrained by non-linguistic factors (things external to the linguistic system) as well as by linguistic factors. (Meyerhoff, 2011, p. 12).

Essa ciência aparece em um cenário permeado por duas premissas, sendo estas: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística. O primeiro está relacionado à concepção de que nenhuma cultura ou língua é superior à outra; já o segundo, a heterogeneidade linguística, trata do reconhecimento da existência de variações existentes nas línguas, sendo essas inerentes e sistemáticas (Bortoni-Ricardo, 2017). Dessa forma, Mollica (2004, p. 9) define a Sociolinguística como “[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

A Sociolinguística possui como objeto de estudo a língua falada e nessa se propõe a busca pelo vernáculo, caracterizado como “[...] a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção à língua, ao *como* da enunciação.” (Tarallo, 2008, p. 19). Por essa perspectiva, a língua pode ser observada em situações reais de comunicação em conjunto com todas as variações existentes que também a constituem.

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (Mollica, 2004, p. 11).

O linguista americano William Labov é considerado pioneiro do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa, também referenciada como Sociolinguística laboviana ou Teoria da Variação e Mudança Linguística. Esse autor, como antecipado, baseou-se nas ideias desenvolvidas anteriormente por Antoine Meillet (1866-1936) e publicou, em 1968, como obra precursora, em conjunto com Uriel Weinreich e Marvin Herzog, o livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*⁴. A obra, que impulsiona e sistematiza o estudo da mudança linguística, apresenta outra concepção de língua, rompendo com a visão de fala homogênea e com a ideia de falante-ouvinte ideal, atentando-se para a presença do componente social e compreendendo que os fenômenos linguísticos não ocorrem livremente, mas são motivados por fatores linguísticos e/ou sociais (Coelho *et. al*,

⁴ Obra traduzida por Marcos Bagno (2006) da obra original WEINREICH Uriel., LABOV , William; HERZOG, Marvin (1968), *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, Austin, University of Texas Press.

2010). Por conseguinte, esse modelo teórico-metodológico propõe uma perspectiva sistemática e estruturada da variação, fornecendo instrumentos metodológicos que permitam analisá-la.

Os dados empíricos confirmam plenamente a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades linguísticas investigadas. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade que pode ser posta em dúvida. (...) chegamos à conclusão nos últimos anos de que essa a situação normal é a de que a heterogeneidade não é apenas comum, mas é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Postulamos que disfuncional seria a ausência de mudança de estilo e de sistemas multi-estratificados de comunicação (Labov, 2008, p. 148).

As inquietações surgem a partir da observação de que a variação está presente na língua e de que não existem sistemas ou comunidades homogêneas. O pensamento sociolinguístico avança, portanto, no sentido de compreender como essa variação ocorre e qual seria a motivação, linguística ou social, para que uma dada forma, venha ou não a ser “elegida” pelos falantes. Nesse sentido, os estudos de Labov, que transcorrem a partir das ideias discutidas em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, buscam sistematizar o estudo da variação e mudança linguística, a partir do pressuposto de que a variação, antes da mudança, passa por estágios até a sua implementação.

Podemos identificar pelo menos cinco problemas diferentes relacionados à explicação da mudança linguística, mas nem todos eles estão relacionados ao quadro social da mudança. Os *condicionamentos* universais sobre a mudança linguística são, por definição, independentes de qualquer comunidade particular. A questão de identificar a *transição* entre dois estágios quaisquer da mudança linguística é um problema linguístico interno. O problema do *encaixamento* tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças (ou constantes) linguísticas, e também como encaixada num complexo social, correlacionada com mudanças sociais. Existe também um comportamento social no problema da *avaliação* - mostrar como os membros da comunidade de fala reagem à mudança em progresso e descobrir que informação expressiva as variantes veiculam. Por fim, podemos esperar que haja fatores sociais profundamente implicados no problema da *implementação*: por que a mudança ocorreu num tempo e lugar particulares e não entre outros. (Labov, 2008, p. 326).

A sistematização da variação linguística ocorre, por conseguinte, por meio da análise dos cinco problemas que norteiam os caminhos da variação para a mudança linguística, sendo: os fatores condicionantes, de transição, de encaixamento, de avaliação e de implementação (Weinreich; Labov; Herzog, [1968]). O primeiro

estágio, fatores condicionantes, trata da observação de fatores internos e externos que possam influenciar ou restringir a produção de uma forma linguística em detrimento de outra. A análise desses é de grande relevância, pois demonstra que a variação não é um processo aleatório e de que a heterogeneidade é ordenada na língua, sendo os diferentes usos linguísticos motivados por agentes internos ou externos ao sistema.

O problema de transição busca compreender como as formas inovadoras são adquiridas e eleitas pelos sujeitos dentro de um contexto que contém diferentes possibilidades de uso. Dessa forma, esse engloba questionamentos voltados ao entendimento de como uma mudança linguística evolui sem interferir na comunicação entre os membros pertencentes à determinada comunidade de fala.

Esta transição ou transferência de traço de um falante para outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2019, p. 122).

Já o encaixamento se refere aos processos que possam influenciar no encaixe do uso de variantes em determinado grupo. Esse encaixamento, no entanto, como discutem os autores, não ocorre de forma igual, especialmente na estrutura social, havendo uma distribuição desigual das motivações na trajetória da mudança. A investigação linguística tem como uma de suas tarefas entender como se dá esse encaixamento, de forma a compreender e determinar “o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2019, p. 123).

No problema da avaliação, por sua vez, os autores discutem sobre a consciência valorativa dos membros integrantes de uma comunidade de fala sobre as variantes, no julgamento do seu uso de forma positiva ou negativa. Desse modo, a avaliação está relacionada ao nível de consciência social do falante (subjetivo) sobre os elementos em variação “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente” (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2019, p. 124).

Por fim, a implementação se refere aos fatores que apresentam papel na expansão de determinada variante, buscando justificar como essa se implementa no

sistema (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2019). Entendida como um processo lento e gradual, a mudança linguística não ocorre de forma abrupta e nem atinge todo o sistema da mesma forma; logo, nesse processo, estão implicadas questões tanto da “sociedade quanto da estrutura da língua” (p. 124) e é sobre esses fatos que influenciam a mudança que se pauta o problema da implementação, a partir de seu encaixamento na estrutura linguística.

As pesquisas de Labov desenvolvidas na década de 60 impulsionam uma série de estudos que investigam o uso da língua em comunidades de fala real. Sua primeira pesquisa intitulada *The Social History of a Sound Change on the island of Martha's Vineyard*, analisou a pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/, como em “right”, e /aw/, como em “house”, com os habitantes da Ilha de Martha's Vineyard, localizada no estado de Massachusetts nos Estados Unidos, realizada em 1963. Entre os moradores do local, a realização do primeiro segmento /a/ é marcado pela centralização, sendo pronunciado como um /e/ ou /ə/.

Esse estudo fez parte da dissertação de mestrado do linguista e trata da observação da variação dos ditongos na fala dos habitantes da ilha, buscando estabelecer relações entre o comportamento linguístico e fatores sociais – faixa etária, etnia, sexo e localização na ilha (*up-island* – área rural – e *down-island* – área urbana) – e linguísticos – ambiente fonético, fatores prosódicos, influência estilística e o léxico. Ao todo, Labov coletou 69 entrevistas, o que representou um pouco mais de 1% da população de residentes nativos da comunidade, formando um *corpus* de 3500 ocorrências do ditongo /ay/ e 1500 ocorrências do ditongo /aw/. Os resultados obtidos pelo pesquisador apontaram que a centralização dos ditongos estava ligada à estratificação social dos informantes, mais do que a fatores linguísticos. Nessa perspectiva, a faixa etária que mais favoreceu a centralização dos ditongos foi a dos 31 aos 45 anos. No que diz respeito à localização na ilha, a região *up-island* (área rural) foi a que mais apresentou centralização. Quanto ao fator ‘etnia’, foram os descendentes de ingleses que se destacaram.

Outro trabalho significativo feito pelo teórico foi realizado em 1966, intitulado *The Social Stratification of English in New York City*, que buscava investigar a presença ou a ausência de /r/ em posição pós-vocálica no inglês, como em *car* e *four*. A primeira forma é considerada de prestígio, já a ausência do fonema /r/ sofre desprestígio, sendo estigmatizada pela sociedade. A pesquisa foi aplicada com funcionários de três lojas de departamento de Nova Iorque. Essas representavam

situações sociais distintas sendo uma de classe média alta (Saks Fifth Avenue), classe média (Macy's) e de classe baixa (S. Klein); ao todo, foram realizadas 80 entrevistas. Ao final, observou-se nos resultados maior incidência da produção de /r/ pós-vocálico com sujeitos que trabalhavam na loja de maior nível socioeconômico; já os funcionários que trabalhavam em lojas de menor nível socioeconômico, desfavoreceram o uso do fonema em posição final de sílaba.

Dentro dessa perspectiva, Coelho *et. al* (2010) afirmam que a consolidação do modelo teórico metodológico da Sociolinguística Quantitativa, juntamente com os principais postulados dessa ciência, se deu por meio da publicação da obra *Sociolinguistic Patterns* de Labov, em 1972, a qual estabelece métodos e conceitos importantes para os estudos vinculados à Sociolinguística, tratando da variação como inerente à língua.

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressem do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. (Coelho *et. al*, 2010, p. 22).

Em consonância com essa afirmação, Bortoni-Ricardo (2017) indica que a variação linguística pode ser entendida como uma marca identitária que define grupos sociais e étnicos, permitindo que os sujeitos identifiquem suas origens por meio dessa “[...] as peculiaridades do sistema fonológico de uma língua funcionam como marcas objetivas de identidade de seus falantes, permitindo que seus interlocutores identifiquem sua origem.” (Bortoni-Ricardo, 2017, p. 27). Logo, a variação não pode ser compreendida como caos linguístico, pois apesar da sua existência, os falantes conseguem se comunicar, não implicando no funcionamento do sistema linguístico. Isso ocorre, segundo Paiva (2016), devido ao caráter dinâmico, flexível e à heterogeneidade inerente à língua que se adapta e se acomoda diante das situações de comunicação.

Por conseguinte, a variação linguística engloba a existência de formas linguísticas diversificadas, nomeadas variantes. Sobre essas, Tarallo (2008, p. 8) as define como “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.”, estabelecidas para aumentar a compreensão mútua entre os participantes no processo de interação e vão caracterizar as regras

variáveis⁵ da língua. Elas constituem um fenômeno variável, quando debatidas como objeto de estudo, e são tratadas como variável dependente (Mollica, 2004). Ao realizar uma análise sociolinguística sobre essas, a ocorrência de cada forma é reportada e correlacionada com fatores que favorecem ou inibem as ocorrências (Labov, 2008 [1972]).

O surgimento das variantes, de acordo com Silva Neto (1977), ocorre em contexto de uso da língua, sendo motivadas por fatores regionais, sociais e históricos. Nesse sentido, a aplicação de uma forma em vez de outra por parte dos sujeitos, pode suscitar um olhar social diversificado em relação ao uso delas, acompanhada pela emissão de juízos de valor, como afirma Bortoni-Ricardo (2017, p. 42):

Em relação a línguas e variedades que compõem o repertório de uma comunidade de fala, os falantes podem ter sentimentos de orgulho, de lealdade, podem nutrir por elas sentimentos positivos, considerando-as bonitas e agradáveis de ouvir, ou sentimentos negativos, associando-as a *status* desprestigiados na sociedade.

Dessa forma, a avaliação social ou julgamento social da fala do indivíduo, pode influenciar na inserção desse nas categorias sociais (como discutido ao tratar do problema da avaliação). Nesse contexto, Tarallo (2008) distingue as variantes padrão e as variantes inovadoras. As primeiras são consideradas padrões e conservadoras, isto é, que normalmente deleitam do prestígio social. Já o segundo grupo, as variantes inovadoras, são também não-padrão, na maioria dos casos, estigmatizadas socialmente. Porém, essa definição nem sempre se aplica e os papéis podem se inverter, dependendo da configuração da comunidade linguística investigada.

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. Não-padrão; conservadoras vs. Inovadoras; de prestígio vs. Estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (Tarallo, 2008, p. 12, grifo do autor).

⁵ “Variable rule: A linguistic pattern which depends on a predicted frequency of its realization, rather than occurring on every occasion of use.” (Llamas; Mullany; Stockwell, 2007, p. 233). “Regra variável: Um padrão linguístico que depende de uma frequência prevista de sua realização, em vez de ocorrer em todas as ocasiões de uso.” (Llamas; Mullany; Stockwell, 2007, p. 233) (Tradução nossa).

Nesse entendimento de que variantes estão associadas a questões sociais e de que recebem valoração pelos indivíduos que a usam, Coelho *et al.* (2010) faz menção ao fato de que, no geral, às variações aplicadas pelos grupos dominantes, que detêm do poder econômico em uma escala de pirâmide social, são atribuídos valores positivos, diferentemente das utilizadas por grupos socialmente desprestigiados, que recebem concepções negativas. Ou seja, falantes associam os usos linguísticos de acordo também com os correlatos sociais, o que corrobora com a visão de que a variação não é aleatória e de que seu estudo deve levar em conta não somente a língua em sua estrutura, mas também a sua relação com fatores sociais, considerando a inserção social dos sujeitos que a usam.

Nesse cenário, como sinalizado, uma das contribuições da obra de Labov *Sociolinguistic patterns* (1972), está na sistematização do estudo da variação, no sentido de que o emprego das variantes não ocorre de maneira aleatória, pois sua aplicação pode ser influenciada por fatores linguísticos e/ou sociais, numa análise de variáveis (grupos de fatores linguísticos ou sociais). Dentro dessa perspectiva, Mollica (2004) apresenta, com base em Labov, as variáveis internas e externas, as quais também são referidas como variáveis independentes. O primeiro, diz respeito às características da língua, englobando princípios de natureza fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. As variáveis externas correspondem às condições sociais, histórico-regionais e próprias do indivíduo, como: gênero, faixa etária, etnia escolaridade, região, nível socioeconômico, dentre outras. Esses agentes não agem isoladamente, mas atuam em conjunto inibindo ou condicionando o uso de variantes.

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua reúnem-se os fatores inerente ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala. (Mollica, 2004, p. 11).

Nessa perspectiva, pesquisas de caráter sociolinguístico priorizam a investigação da fala de um grupo social. Logo, o foco não é o indivíduo, mas a

comunidade ou o grupo em que esse está inserido. Devido à dificuldade da coleta de dados linguísticos com todos os sujeitos que formam determinada comunidade, para a composição da amostra, alguns informantes deverão ser selecionados de maneira aleatória, seguindo critérios de dimensões sociais previamente estipulados. Dessa forma, de acordo com Tarallo (2008), a delimitação do tamanho da amostra depende da natureza linguística do fenômeno que se propõe a ser estudado. Também nessa perspectiva, Coelho *et al* (2010), definem que:

Numa amostra aleatória, cada sujeito de uma população/comunidade tem igual chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa – trata-se de uma amostra probabilística, cujos resultados podem, depois, ser projetados para a comunidade de fala como um todo, ou seja, podem ser generalizados. Parte-se, então, para uma localização aleatória dos informantes, desde que se contemplem as características sociais já definidas [...] (2010, p. 115).

Após esse processo, inicia-se a etapa de coleta de dados que pode ocorrer por meio de entrevistas, interações livres e testes (Silva, 2004). Independente da forma escolhida, o objetivo da coleta é se aproximar o máximo possível de situações naturais de comunicação. Para isso, o pesquisador deve tentar minimizar os efeitos negativos causados pelo “Paradoxo do observador”. Segundo Labov (2008 [1972]), esse se trata de uma interferência, incitada pela presença do pesquisador, que pode ocasionar em uma situação de constrangimento para o informante, fazendo com que esse monitore a sua fala se afastando do vernáculo.

Para Labov (2008 [1972]) uma alternativa para reduzir essas implicações é a realização de entrevistas de experiência pessoal, as quais buscam abordar temáticas familiares ao informante, fazendo com que esse se engaje nos assuntos estipulados, aproximando-se da fala espontânea e natural.

Uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada. Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. (Labov, 2008 [1972], p. 244-245).

Nessa perspectiva, Tarallo (2008) também propõe que o pesquisador assuma um papel de aprendiz-interessado, mostrando-se atento e curioso sobre os

problemas e peculiaridades levantadas pelo informante. Na entrevista de experiência pessoal, o pesquisador pode suscitar temas que estejam relacionados à vida do entrevistado, assuntos pelos quais tenha maior interesse, como: família, infância, viagens, experiências, entre outros.

Diante do exposto, observa-se que os pressupostos teóricos da Sociolinguística Laboviana, que emergem como uma reação à abordagem estruturalista e gerativista da linguagem, desempenham um papel fundamental na compreensão da variação linguística, especialmente no reconhecimento de que as línguas não são sistemas regulares e homogêneos, mas sim sistemas heterogêneos ordenados, moldados pela interação entre fatores linguísticos e sociais. Dessa forma, baseando-se nos princípios desenvolvidos pela Sociolinguística Variacionista, o presente trabalho, como exposto na seção introdutória, tem como objetivo analisar as diferentes formas aplicadas sobre a produção da lateral em posição de coda de sílaba, no município de Francisco Beltrão – Paraná. A partir da hipótese de que a preservação da lateral ainda é presente na comunidade, a pesquisa contribui para o entendimento também do avanço e distribuição de outras formas variantes, ao averiguar o papel de variáveis sociais e linguísticas subjacentes aos processos.

Ademais, este estudo busca contribuir para uma compreensão mais profunda da relação entre a língua e os aspectos históricos e sociais na fala dos moradores de Francisco Beltrão, Paraná. Por conseguinte, este auxilia no entendimento de como a variação fonético-fonológica se relaciona com a diversidade social e cultural do município investigado, colaborando assim para a descrição da língua e o entendimento dos diferentes usos linguísticos que se fazem nele presentes. As hipóteses, em conformidade a esses fatores sociais e históricos, preveem que na comunidade possa ainda haver tendência à preservação da lateral. Variantes como o rotacismo podem se fazer presentes também pela formação histórico-étnica da comunidade, estando presente sobretudo na fala de moradores mais velhos. Não obstante, em grupos de falantes mais jovens e com mais escolaridade, é possível que ocorram formas de vocalização.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA

Como exposto no capítulo introdutório, no português brasileiro, a lateral /l/ pode ocorrer nas posições de *onset* inicial simples, como em *láp̃is*; em onset complexo, como em *cl̃aro*; em coda medial, como em *alf̃ace*, e em coda final, como em *sãl*. Quanto à posição de coda, ao tratar da delimitação dos segmentos que ocorrem nesta posição, Câmara Jr. (1999) relata que podem ocupar esse espaço dentro da sílaba as consoantes líquidas /l/ e /r/, o arquifonema⁶ fricativo labial /S/ e o arquifonema nasal /N/. O autor ressalta ainda serem as líquidas e fricativas não labiais as únicas consoantes pós-vocálicas “na realidade, as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc)” (Câmara Jr, 2007, p. 51).

Tratando-se especificamente das consoantes líquidas, Lawson *et al.* (2011) advertem que o /l/ pós-vocálico tem como característica uma grande tendência à variação, podendo sofrer alternâncias entre laterais, róticos, róticos e laterais, laterais e róticos. Essa possibilidade de variação do /l/ na posição de coda silábica é também apontada por Hora (2010), ao afirmar que esse contexto favorece a produção de variações com maior ocorrência na posição final de palavra.

Podemos concluir que a coda é a posição mais débil da estrutura silábica, por isso torna-se bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final. (Hora, 2010, p. 73).

Dentro dessa perspectiva, no português brasileiro podem ser identificadas cinco maneiras distintas mais comuns de realização da lateral pós-vocálica, sendo estas: alveolar [l], velar [ɫ], vocalizada [w], rotacismo [r] ou apagamento [Ø]. No que diz respeito às formas velarizada [ɫ] – como em *saɫ* e a vocalizada [w] – como em *sa[w]* - Câmara Jr. (1999) relata que a primeira é articulada quando acontece uma elevação do dorso da língua em direção ao véu palatino e, a partir dessa, pode ocorrer o fenômeno de vocalização. Nesse processo, a elevação da ponta da língua junto aos alvéolos cessa, não chegando a interromper a passagem de ar, ocorrendo um suave arredondamento dos lábios, resultando em uma semivogal [w].

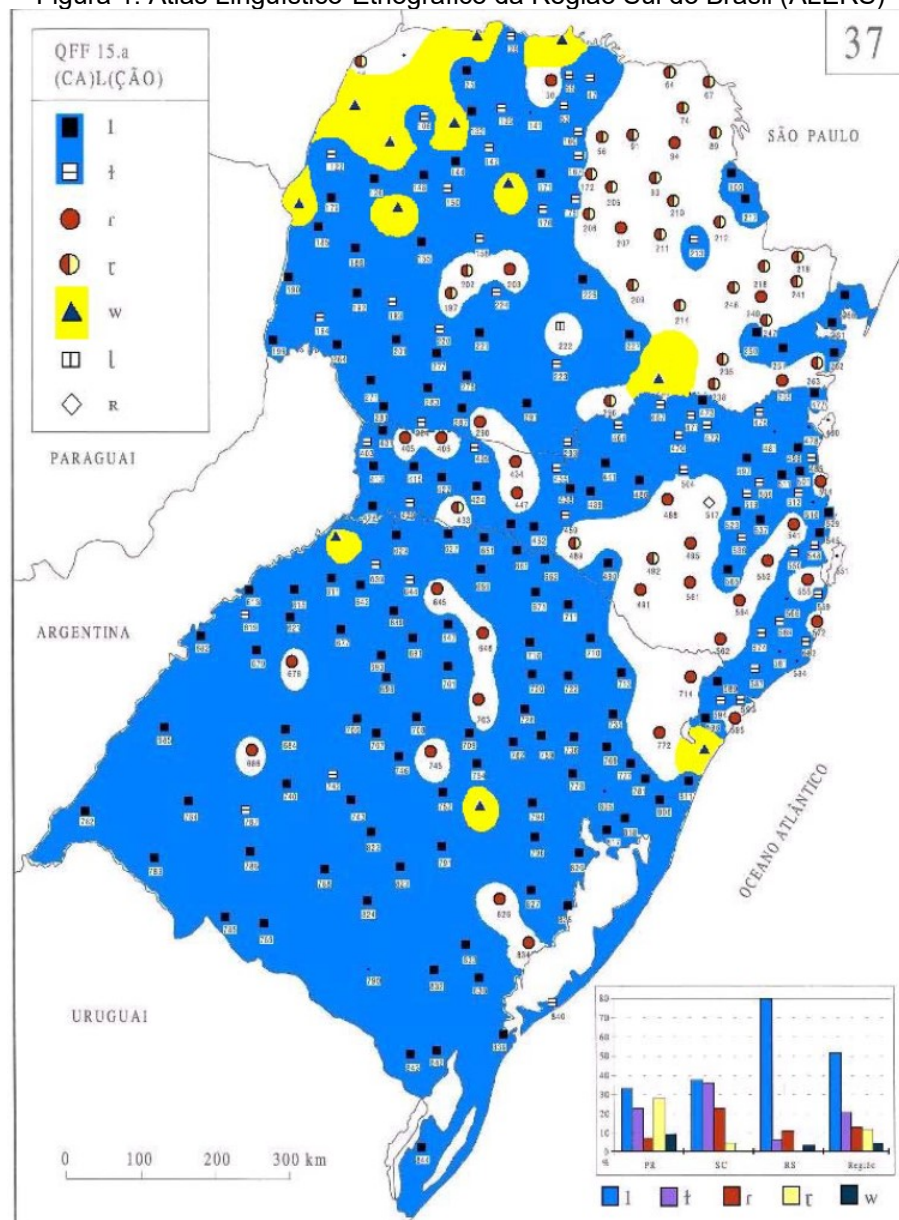
⁶ “Um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização de um ou mais fonemas em um contexto específico” (Silva, 2002, p.158).

[...] // pós-vocálico é posterior por alofonia posicional. Isto quer dizer que, além do movimento da ponta da língua junto aos dentes, há um levantamento do dorso posterior da língua para junto do véu palatino, dando o que provavelmente os gramáticos latinos chamavam o l pinguis ou «gordo». Daí decorre uma mutação, que em linguística diacrônica se chama a «vocalização» da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar, e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. O resultado é um /u/ assilábico, e mal torna-se homônimo de mau, vil de viu e assim por diante. (Câmara, Jr., 1999, p. 50).

Como resultado, desse processo, o autor conclui que desaparece na língua o // pós-vocálico. Nos grupos de líquidas, observa-se também a ocorrência do rotacismo, que define como a mudança do // para /r/, nos grupos sociais que define como populares “Nos grupos de líquida como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do //, que o muda em /r/” (Câmara Jr, 2007, p. 51). Esses fenômenos assumem, não obstante, nas diferentes regiões do Brasil, um aspecto variável, sendo predominante, em algumas regiões, a manutenção da lateral alveolar, em outras a forma vocalizada, ou, ainda, o rotacismo ou a forma velarizada.

Ao observar pesquisas anteriores (Pinho; Margotti, 2010; Espiga, 2001; Silva, 2002; entre outras) sobre a produção dessas variantes do // pós-vocálico no Brasil, verificou-se que a vocalização é o fenômeno que atua com predominância em quase todo o território, salvo a região sul que apresenta maior conservadorismo para a lateral plena ou a forma velarizada. Nesse cenário, o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen, Klassmann, Koch), elaborado em 2002, revelou que a forma vocalizada se sucedeu de forma limitada nessa região, tendo maiores indícios na região noroeste do estado do Paraná. A Figura 1 expõe o mapeamento realizado sobre as formas de produção da lateral // pós-vocálica na região Sul, englobando os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Figura 1: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)



Fonte: (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, 2002 *apud* Pinho; Margotti, 2010, p. 69)

De acordo com o mapa exposto na Figura 1, verifica-se uma predominância da preservação da lateral alveolar na maior parte da região sul (representada pela cor azul), salvo o estado de Santa Catarina, que além dessa variante, também apresentou maiores registros de produção da forma velarizada. Cabe destacar que a lateral alveolar e velar aparecem nos três estados, sendo a primeira predominante, principalmente no Rio Grande do Sul. Ademais, observou-se a manifestação de outras variantes para a lateral pós-vocálica, como a substituição da lateral por um rótico, com predominância dessa na região noroeste do Paraná. Nessa região, também se visualizou uma manifestação maior de produção da forma vocalizada,

diferentemente de que, como mencionado anteriormente, se observou no restante dos estados destacados na figura, que registraram baixas ocorrências da variante vocalizada.

A partir desses resultados, Pinho e Margotti (2010) apontam que o uso de variantes pode estar relacionado com a localização geográfica, estado ou a localidade em que se encontra. Quanto mais ao sul, por exemplo, menor é o uso da vocalização. Em contrapartida, nessas regiões pode tanto haver o predomínio da lateral plena, quanto o uso da velarizada (essa última ocorre especialmente nas regiões de contato com o espanhol). Outrossim, Quednau (1993), Espiga (1997), Dal Mago (1998) e Tasca (1999) observaram uma tendência à preservação da forma alveolar e à produção da forma velarizada pelos fronteiriços, regiões de contato com o espanhol, identificando um desfavorecimento ao processo de vocalização nessas regiões.

Em concordância a esses achados, em um estudo preliminar realizado por Machry da Silva; Borghelott; de Andrade (2020) em três cidades localizadas na região sudoeste do estado do Paraná – Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos – observaram, em uma amostra composta por 24 informantes, as possíveis formas de produção da lateral /l/ em coda. Nos resultados, verificou-se a predominância da lateral alveolar (percentual de 71,79%), sendo também notados registros das formas vocalizada (percentual de 15,38%), velarizada (percentual de 8,20%) e a realização do rotacismo⁷ (percentual de 4,50%). Ao verificar possíveis influências, além de fatores linguísticos, as autoras apontaram para o papel da etnia, especialmente de grupos descendentes de poloneses, alemães, espanhóis e italianos; e a manutenção da forma alveolar ou realização da velarizada nas áreas de contato linguístico, principalmente com o espanhol, devido à proximidade dessas cidades da fronteira com a Argentina.

Embora esse fenômeno não seja o foco desta pesquisa, Câmara Jr. (1977) também aponta para a realização de /i/ logo após a lateral /l/ em final de palavra registrados na região Sul do Brasil. A articulação desse segmento logo após /l/ provoca mudanças na pronúncia de vocábulos, como *mel* ~ *mele*, *cal* ~ *cale*, assim como propõe o autor:

⁷ Câmara Jr (1970) caracteriza a variante rotacismo pela troca da lateral /l/ pela líquida /r/. Essa pode ocorrer na posição de onset complexo (*blusa*~*brusa*) e em posição de coda (*calçada*~*carçada*).

o contraste entre /l/ e /w/ depois de vogal não deve ir ao ponto de se articular o /l/ depois de vogal exatamente como o /l/ antes de vogal. Salvo no extremo sul do país, esta pronúncia indiferenciada soa anômala, e dá a impressão de haver um ligeiro /i/ de pois do /l/ de maneira que uma palavra como *cal* quase se confunde com *cale* ou *mel* com *mele*. (Câmara Jr., 1977, p. 31).

No que diz respeito às outras formas, Amaral (1920), na obra intitulada “O dialeto caipira”, observou a linguagem regionalista no interior paulista e registrou trocas entre a lateral /l/ pela líquida /r/ na posição de coda de sílaba como em *papel~paper*, *alma~arma*, *mel~mer*, caracterizando ocorrências de rotacismo. O autor também verificou um apagamento da lateral /l/ como em *mal~má[Ø]*, *sol~só[Ø]* e *jornal~jorná[Ø]*. O rotacismo também foi averiguado por Silva Neto (1977) na região nordestina. Nesse estudo, o autor evidencia ainda a produção de outra variante, a semivogal anterior [j], como pode ser visto no excerto “O mesmo se dá com o *r* secundário, isto é, proveniente de *l*: *alma* passa a *arma*, e daí *aima*, *balcão* passa a *barcão* e daí a *baicão*, etc.” (Silva Neto, 1977, p. 170).

Tanto o apagamento da lateral /l/ quanto a produção do rotacismo em coda de sílaba são variantes estigmatizadas socialmente e consideradas, muitas vezes, formas errôneas de uso na avaliação social. Bagno (2007) observa que essas variantes são fenômenos que caracterizam a fala não-padrão, restringindo-se a indivíduos de pouca escolaridade e residentes em região rural. Esses fatores contribuem para o estabelecimento de um preconceito linguístico.

É válido, no entanto, observar que a variação da lateral /l/ não é algo exclusivo do português brasileiro. O uso de diferentes formas é também visto em outras línguas como no inglês e no francês. Além dessas, Dickey (1997) relatou a ocorrência de variações da lateral /l/ pós-vocálica no polonês, catalão e em mehri⁸, com a produção da forma vocalizada. Com relação à língua inglesa, Silva (2012) observa duas formas de /l/, denominados l-claro (*clear l*) e l-escuro (*dark l*). A diferença entre ambos é notada conforme a posição ocupada na palavra; o primeiro se delimita na produção da lateral antes de sons vocálicos, como em *life*, enquanto o *dark l* ocorre após sons vocálicos, como em *feel* e *help* (Silva, 2012). No que tange à pronúncia do l-escuro (*dark*), verificou-se em alguns contextos a realização da forma vocalizada da lateral em posição de coda de sílaba, como expõe Silva (2012, p. 157, grifo do autor):

⁸ Língua Semítica do sul da Arábia (Dickey, 1997).

Em algumas variedades do inglês britânico, americano e australiano, o l-escuro, quando ocorre em final de sílaba, é pronunciado com w. Esse tipo de fenômeno é denominado de processo de vocalização do “l”. Assim, uma palavra que é tipicamente pronunciada em inglês com um l-escuro em final de sílaba – como *feel* fi:l –, é pronunciada como fi:w nos dialetos que têm a *vocalização* do “l”.

No francês a variação de /l/ influenciou na formação da língua. De acordo com Malmberg (1954) e Alcântara e Matzenauer (2021), inicialmente pode se observar uma velarização na consoante líquida lateral, e após esse, há também uma tendência à vocalização de /l/. O processo de vocalização interferiu diretamente na constituição das formas plurais do francês, assim como afirma Malmberg (1954, p. 81-82, grifo do autor):

O francês teve antigamente um l velarizado que se transformou mais tarde num elemento vocálico (u) em consequência da perda da articulação apical. Este processo é o responsável, por exemplo, pelos plurais franceses de tipo *cheval* – *chevaux*. No antigo plural *chevalz*, o l velarizado transformou-se em u, daí um ditongo que terminou por se reduzir a ô.

Conforme o exposto, percebe-se que a variação da lateral /l/ em posição de coda de sílaba não é exclusiva do português brasileiro, sendo recorrente também em outras línguas e é também um processo historicamente observado. Em relação às diferentes formas de produção, percebe-se que a vocalização se sobressai diante das outras possibilidades, como uma tendência de mudança. Destarte, como sinalizado, a variação desse segmento não é recente na língua, podendo serem averiguados, desde o latim vulgar até o português moderno, os registros de usos diferentes da lateral pós-vocálica, como destacam as questões histórias tratadas na próxima subseção.

2.2.1 A variação da lateral /l/ na história da língua

Para compreender a formação do português, deve-se observar as influências históricas exercidas sobre a sua estruturação. Essa língua é originária do latim e engloba o conjunto de línguas românicas, também chamadas neolatinas “Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram [...]” (Ali, 1971, p. 17). Coutinho (1976) afirma que a língua portuguesa provém

especificamente do latim vulgar, sendo introduzido pelos povos romanos na Lusitânia, localizada ao ocidente da Península Ibérica.

A língua portuguesa proveio do *latim vulgar* que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica. Pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se asseverava, mas continua a viver, transformado, no grupo de línguas *românicas* ou *neolatinas*. (Coutinho, 1976, p. 46, grifo do autor).

Dentro dessa perspectiva, o percurso histórico da língua, compreende desde o latim, perpassando ao galego-português, português arcaico e posteriormente ao português moderno, até chegarmos ao português dos dias atuais. Ao explorar esse período de transição, Viaro (2015) identifica seis sincronias que constituem a formação do português, sendo estas:

- S0—Do latim comum à formação da koiné latina (entre o século I a.C. e o século V d.C.);
- S1—Do latim arcaico à formação do ibero românico (entre o século III a. C. e o século V d.C.);
- S2— Do ibero românico à formação do ibero românico do Noroeste Peninsular (entre os séculos VI e IX);
- S3— Do ibero românico do Noroeste Peninsular à formação do galego-português (entre o século X e o século XIII);
- S4—Do galego-português à formação do português antigo (entre os séculos XIV e XVII);
- S5—Do português antigo à formação do português moderno (entre o século XVIII e o XXI). (Viaro, 2015, p. 98-99).

Ao tratar especificamente do latim, Coutinho (1976) relata que havia sobre a mesma língua duas perspectivas distintas, o latim clássico e o vulgar. O primeiro se caracterizava pela forma formal, utilizada pelos escritores e representantes da classe culta. Já o latim vulgar era referente ao conjunto da língua falada e as suas variações utilizadas pelas classes mais pobres da sociedade.

Diz-se *latim clássico* a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, urbanitas. Era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Chama-se *latim vulgar* o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente. (Coutinho, 1976, p. 29-30, grifo do autor).

No que tange à lateral /l/, de acordo com Faria (1970), era possível identificar nesse período o som de /l/ em posição inicial de palavra (*lane*), como duplo⁹ (*ille*), intervocálico (*felice*) e em final de sílaba, *albus*, ou em final de palavra, *consul*. No que se refere ao início de sílaba, Leite de Vasconcelos (1911) relata que essa era articulada plenamente como uma alveolar e, no geral, se manteve no português atual. Já em posição final de sílaba ou palavra, a lateral /l/ era produzida de forma velarizada ou o também chamado /l/ *pinguís* (Faria, 1970). Sobre essa última realização, Maurer (1959) adverte sobre a dificuldade em encontrar registros da produção dessa no latim vulgar, em razão da limitação de vocábulos que utilizavam essa estrutura, restringindo-se mais ao nominativo singular dos nomes da terceira declinação “[...] mas como as formas românicas geralmente procedem do acusativo, e.g., *sole(m)*, não temos quase nada a respeito do travamento românico desta final, o que torna difícil o conhecimento do uso latino vulgar neste ponto” (Maurer Jr., 1959, p. 42, grifo do autor).

Ao longo dos anos, foram observadas mudanças nesse segmento, entre essas o apagamento de /l/ em posição medial intervocálica “[...] o l pronunciou-se unido à vogal antecedente, e por tanto ficou final de sílaba, e naturalizou-se, caindo em seguida: *mala* > *mała* = *mal-a* > *maa* > *má*” (Leite De Vasconcellos, 1911, p. 295). De forma semelhante, Teyssier (1997) também aponta para a queda do fonema em posição intervocálica e conceitua que essa mudança influenciou diretamente na constituição de algumas formas plurais do português. Esse fenômeno, porém, foi apenas verificado em galego-português, não sendo frequente na formação de outras línguas. No entanto, a queda de /l/ não é caracterizada como regra geral, que tenha afetado todos os vocábulos. Por exemplo, Teyssier (1997) observa que em palavras de origem erudita ou semi-erudita, o fonema /l/ permanece inalterado.

Queda de -l- intervocálico — Este fenômeno, provável resultado de uma pronúncia velar do l intervocálico, ia ter consequências importantes. Ocorreu possivelmente em fins do século X, pois num documento em latim bárbaro de 995 lê-se *Fiiz* (< *Felice*) e *Fafia* (< *Fáfila*). Ele incidiu sobre um grande número de palavras e contribuiu para criar em galego-português vários grupos de vogais em hiato. ex.: *salire* > *sai*, *palatium* > *paaço* (hoje *paço*), *calente* > *caente* (hoje *quente*), *dolore* > *door* (hoje *dor*), *colore* > *coor* (hoje *cor*), *colubra* > *coobra* (hoje *cobra*), *voluntade* > *voontade* (hoje *vontade*), *filu* > *fio*, *candela* > *candea* (hoje *candeia*), *populu* > *poboo* (hoje *povo*),

⁹ Nomenclatura utilizada pelo autor.

periculu > perigoo (hoje perigo), diabolus > diaboo (hoje diabo), nebula > névoa, etc. É a queda do -l- intervocálico que explica a forma que possuem no plural as palavras terminadas em -l- no singular: sol, plural soes, hoje sóis.

Em grande número de palavras de origem semi-erudita ou erudita, o -l- intervocálico conservou-se; ex.: escola, astrologia. Em português moderno, os -l- intervocálicos deste tipo são inumeráveis; ex.: palácio (ao lado de paço), calor (ao lado de quente < calente), alimento, cálice, guloso, volume, violento, etc. (Teyssier, 1997, p. 16).

Ao considerar este cenário, não apenas o apagamento de /l/, mas de fonemas subsequentes à lateral, constata-se que diversos termos que terminam em /l/ no português atual derivaram da supressão de sons como *difficilem* > *difficile* > *difícil*; *facilem* > *facile* > *fácil*; *utilem* > *utile* > *útil*; *possibilem* > *possibile* > *possibil* > *possível* (Pinho, 2012). Nesses casos o fonema /l/ foi preservado, porém passou a ocupar um espaço diferente na sílaba. Anteriormente, integrava a posição de onset e, com a síncope de alguns fonemas, passou a fazer parte da coda da sílaba anterior.

Atentando-se à lateral /l/ em posição de coda, Pinho (2012) averigua que desde o latim, em meados do século VI, já havia indícios de variações do fonema sendo produzido na forma vocalizada (*calculus~caucus*). Algumas dessas se concretizaram na língua modificando a forma do vocábulo e criando novos ditongos no português no decorrer do tempo, como *palpare~poupar*, *alterum~outro* e *altariu~outeiro*. Segundo Callou, Leite e Moraes (2002), os primeiros registros da variação de /l/ a /u/ no português foram vistos em meados de 775 d.C, no século VIII, em *salu~sauto*.

O primeiro exemplo de vocalização do l diante de consoante, em território português, data de 775 – na palavra latina *salu* escrita *sauto*. Na língua portuguesa, a primeira ocorrência remonta ao século XIII, no *Auto da partilha*: ‘outros perdamentos’ (Callou, Leite; Moraes, 2002, p. 538, grifo do autor).

Tratando-se do rotacismo, indícios da alternância entre a lateral /l/ para /r/, podem ser averiguados desde o latim vulgar, sendo observadas em um documento chamado *Appendix Probi*. Esse consiste em uma lista de palavras que continha a forma considerada correta da pronúncia dos termos (Silva Neto, 1977). Registros dessa variação podem ser verificados em ‘*flagellum non fragellum*’, ‘*suppellex non superlex*’ e ‘*glatri non cracli*’. Segundo Bagno (2007), essa troca entre os fonemas influenciou diretamente na criação de novos grupos consonantais, como por exemplo, a transformação de /kl/ em /kr/, ao longo da constituição da língua

portuguesa, principalmente na posição de onset complexo como em *sclavu>escravo*, *clavu>cravo*, *duplu>dobro*, entre outros.

Outra variação que se sucedeu com a lateral na formação do português foi a palatalização do fonema /l/ que se transformou em /ʎ/. Esse fenômeno trata-se de “[...] um desdobramento do dorso da língua com a musculatura frouxa no palato anterior” (Câmara Jr., 1965, p. 43). Segundo Teyssier (1997), a palatalização de /l/ foi motivada pela sequência de l e um yod¹⁰ (*filium>filho*); e mudanças fonéticas de *ly*, *lly*, *gl*, *pl* > /ʎ/ (*scop(u) lu>escolho*); *cl*, *pl*, *gl* > /ʎ/ (*espec(u) lu>espelho*); *bl*, *gl*, *tl* precedidos de vogal > /ʎ/ (*trib(u) lu>trilho*).

Diante dos fatos apresentados, verifica-se que a lateral passou por processos de variação desde o latim até a constituição do português brasileiro. Entre esses, o apagamento de /l/ em posição intervocálica, a palatalização do segmento que resultou na formação do fonema /ʎ/ e a vocalização da lateral pós-vocálica. No que se refere especificamente ao último, observou-se que se trata de um fenômeno antigo, sendo possível averiguar registros desde o século VI, esse também influenciou na mudança de termos atuais do português e de outras línguas.

2.3 ESTUDOS SOBRE A LATERAL PÓS-VOCÁLICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL

A variação da lateral pós-vocálica tem sido investigada por diversos estudos realizados em diferentes regiões brasileiras¹¹. Esta seção busca apresentar alguns dos resultados obtidos em diferentes pesquisas realizadas especificamente na região Sul do Brasil. Essa delimitação se sucedeu devido à localização do município alvo deste trabalho, Francisco Beltrão, situado na região sudoeste do estado do Paraná.

Um dos trabalhos pioneiros sobre o comportamento da lateral pós-vocálica na região sul do Brasil foi realizado por Quednau (1993) em sua dissertação. A autora buscou verificar a realização da lateral pós-vocálica como variante velarizada ou

¹⁰ “Em várias outras palavras um i ou um e não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados yod em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. ” (Teyssier, 1997, p. 12).

¹¹ Estudos sobre a produção da lateral pós-vocálica são mais recorrentes na região sul do Brasil. No entanto, também são averiguados alguns estudos realizados em outras regiões brasileiras, tais como na cidade de João Pessoa, por Hora (2006), e em comunidades baianas, por Santos e Oliveira (2018).

vocalizada. O *corpus* utilizado foi composto por 28 informantes pertencentes a quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos do estado do Rio Grande do Sul, sendo estas: região metropolitana (Porto Alegre), de colonização alemã (Taquara), de colonização italiana (Monte Bérico) e fronteira (Santana do Livramento). Para a análise, Quednau (1993) observou variáveis linguísticas e extralinguísticas. No primeiro grupo foram observados os grupos de fatores: acento da sílaba, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, posição da lateral e se o /l/ está ou não em contexto de sândi. Já nas variáveis sociais, tem-se: sexo, faixa etária e grupo étnico.

Nos resultados encontrados, Quednau (1993) constatou que a variável grupo étnico foi o que mais favoreceu a presença das duas variantes investigadas. Sobre a vocalização do /l/, de 2244 dados, foram registradas 1016 ocorrências, totalizando um percentual de 45%. Esse esteve mais presente na fala de metropolitanos, peso relativo¹² 0.95, seguido pelos fronteirões, peso relativo de 0.31, italianos, peso relativo de 0.26, e alemães, peso relativo de 0.25. A variável faixa etária não se mostrou relevante, ambos os grupos de informantes mais jovens (20 a 40 anos de idade) e mais velhos (41 a 55 anos de idade) aplicaram a variante de forma semelhante. No que diz respeito ao sexo, as mulheres realizaram mais o fenômeno, com peso relativo de 0.53, em comparação aos homens, peso relativo de 0.47.

Tratando-se das variáveis linguísticas no processo de vocalização do /l/, no fator acento houve um favorecimento de aplicação do processo em sílabas tônicas e pretônicas, e, um desfavorecimento, em átona final. Para contexto fonológico precedente, observou-se um favorecimento para as vogais médias anteriores /e/, /ɛ/, seguido pelas vogais posteriores /ɔ/, /o/ e pela vogal central /a/. As vogais altas /i/ e /u/ são as que menos favorecem o fenômeno. Em contexto fonológico seguinte, foram obtidos valores mais significativos em consoantes altas (palatal e velar) e lateral, seguidas por alveolar e pausa, labial e vogais. Para a posição da lateral, a vocalização de /l/ ocorreu mais em composição e sufixos, seguido por final de vocábulo e no interior do vocábulo.

¹² Na Sociolinguística, são frequentemente calculados os pesos relativos que indicam a probabilidade de aplicação da regra e a importância de cada variável. Os valores dos pesos relativos variam entre 0,00 e 1,00. O valor 0,50 é considerado o ponto neutro, acima desse valor o fator é considerado favorável e abaixo, pouco favorável. Valores próximos ao ponto neutro indicam que o fator investigado não influencia na aplicação do fenômeno investigado.

Espiga (1997) também realizou um estudo no estado do Rio Grande do Sul, este intitulado “Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira”. A pesquisa teve como cenário a cidade de Chuí e contou com um *corpus* composto por 18 informantes. No total, foram registradas 945 ocorrências, 512 (54%) realizadas na forma alveolar, 365 (39%) na forma velar e 68 (7%) na forma vocalizada. Na análise de variáveis independentes, foram considerados aspectos internos à língua e externos. O primeiro engloba vogal precedente, acento, lugar de constrição do contexto fonológico seguinte, ponto de articulação da consoante seguinte, modo de articulação da consoante seguinte e tipo de fronteira vocabular. Para fatores externos à língua, tem-se: faixa etária (até 25 anos; de 26 a 45 anos; mais de 45 anos) e grau de contato com outras variedades dialetais do PB (contato intenso e contato moderado).

Para a vogal precedente, observou-se que a vocalização foi mais favorecida pela presença da vogal [a]. Já a forma velarizada foi favorecida pelas vogais [o] e [ɛ]. Enquanto isso, a manutenção da lateral alveolar foi favorecida pelas vogais [u] e [i]. Quanto ao acento, as formas vocalizada e alveolar foram favorecidas pela sílaba tônica, enquanto a velarizada foi favorecida pela sílaba pós-tônica. Na variável da constrição do contexto fonológico seguinte, observou-se que as labiais favorecem mais a forma vocalizada, as dorsais favorecem a forma velarizada, e as coronais favorecem a forma alveolar. Em relação ao ponto de articulação da consoante seguinte, constatou-se que a vocalização é favorecida pelas alveolares, a velarização pelas palatais, e a manutenção da alveolar pelas labiodentais. No que diz respeito ao modo de articulação da consoante seguinte, foi observado que a vocalização e a alveolar são favorecidas pelas africadas, enquanto a velarização é favorecida pelas nasais. Finalmente, em relação ao tipo de fronteira vocabular, constatou-se que a forma vocalizada e a alveolar são favorecidas pelo contexto com sândi, enquanto a velarizada é favorecida pelo contexto sem sândi.

No que tange ao conjunto de variáveis sociais, em relação à faixa etária, notou-se que a vocalização foi mais comum entre os informantes com até 25 anos de idade. Quanto à velarização, esta foi mais prevalente entre os informantes com idade entre 26 e 45 anos, enquanto a manutenção da lateral alveolar foi mais evidente entre os informantes com mais de 45 anos. No que se refere ao grau de contato com outras variedades dialetais do português brasileiro, constatou-se que as formas vocalizada e velarizada foram mais comuns em indivíduos com um contato

mais intenso, ao passo que a forma alveolar foi mais frequente em contextos de contato moderado.

No estudo realizado por Tasca (1999), intitulado "A ocorrência da lateral em coda de sílaba no Sul do Brasil", foram investigadas quatro comunidades do estado Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, São Borja e Panambi. O corpus da pesquisa consistiu em 80 informantes, sendo 20 provenientes de cada cidade. No total, foram registradas 9914 ocorrências, sendo a maioria delas na forma alveolar. A análise contemplou variáveis sociais e linguísticas. No aspecto social, foram examinados fatores como escolaridade (primário, ginásio e segundo grau), etnia (interior e capital), idade (25 a 50 anos e mais de 50 anos) e sexo (feminino e masculino). Quanto às variáveis linguísticas, foram considerados a classe gramatical, a posição na palavra, a vogal precedente, o contexto seguinte e tonicidade da sílaba.

Na aplicação dos dados no programa estatístico VARBRUL, seis variáveis foram identificadas como significativas: etnia, sexo, faixa etária, escolaridade, posição na palavra e tonicidade da sílaba. Em relação à etnia, foi observado que os informantes residentes em áreas do interior (Flores da Cunha, São Borja e Panambi) demonstraram um peso relativo de 0.89 na preferência pela forma alveolar, totalizando um índice de 100%, enquanto os informantes da capital (Porto Alegre) apresentaram um peso relativo de 0.00, com percentual de 54% referente à manutenção da alveolar. Quanto ao sexo, os homens exibiram uma tendência mais pronunciada em favor da forma alveolar, com um peso relativo de 0.65, comparado às mulheres, que registraram um peso relativo de 0.28. Em relação à faixa etária, foi notado que os informantes mais velhos, com 50 anos ou mais, utilizaram mais frequentemente a variante alveolar, com um peso relativo de 0.58, em contraste com os informantes mais jovens, que apresentaram um peso relativo de 0.40. No que diz respeito à escolaridade, os informantes com menor nível de escolaridade, pertencentes ao grupo primário, demonstraram uma preferência mais marcada pela forma alveolar, com um peso relativo de 0.68.

No que se refere às variáveis linguísticas, apenas duas foram selecionadas. Em relação à posição na palavra, constatou-se que as palavras simples tendem a preservar mais a forma alveolar, com um peso relativo de 0.51, em comparação com as palavras compostas, que apresentaram um peso relativo de 0.31. Quanto à tonicidade da sílaba, observou-se que a manutenção da forma alveolar foi mais

frequente em sílabas tônicas, com um peso relativo de 0.52, em comparação com as sílabas átonas, que apresentaram um peso relativo de 0.33.

A pesquisa de Costa (2007), por sua vez, teve seu *corpus* delimitado por 12 informantes porto-alegrenses com ensino superior completo. Foram coletados 1742 dados, sendo em sua maioria produzidos na forma vocalizada, *input* de 0.97. Nesses, foram observados os fatores: categoria gramatical, acento, posição, contexto vocálico precedente, contexto fonológico seguinte, idade e sexo. Ao rodar os dados em programa estatístico, apenas idade, contexto fonético seguinte e contexto fonético anterior foram selecionados.

Em idade, observou-se que os informantes mais velhos tendem a preservar mais o uso da lateral plena em detrimento da forma vocalizada, peso relativo 0.11. Já os informantes mais jovens favoreceram a produção da semivogal, peso relativo 0.82. Em contexto fonológico seguinte, a vocalização é favorecida com fricativas labiodental e alveolar, oclusivas alveolares e dorsais, e desfavorecidas com fricativas palatais. Em contextos em que a lateral é seguida de pausa ou vogal, poucas foram as ocorrências registradas. No fator contexto vocálico anterior observou-se um alto favorecimento em vogal baixa /a/, peso relativo 0.74; já as outras vogais apresentaram um desfavorecimento para a produção da vocalização.

Em um estudo realizado especificamente na cidade de Londrina (PR), as pesquisadoras Hahn e Quednau (2007) averiguaram as possíveis formas de realização da lateral pós-vocálica em um *corpus* constituído por 8 informantes. Nesse, as autoras verificaram possíveis influências de fatores linguísticos (classe de palavra, acento, fronteira de morfema e contexto precedente e seguinte) e extralinguísticos (sexo, idade e escolaridade).

Nos resultados descritos pelas autoras observou-se uma maior aplicação da lateral vocalizada, percentual de 80%, em relação às variáveis velar e alveolar, percentual 20%. No que se refere ao contexto fonológico precedente, notou-se um favorecimento para a aplicação da vocalização em vogal baixa /a/, peso relativo de 0.62; as demais vogais apresentaram pesos relativos inferiores a 0.50. No fator fronteira morfológica, maiores resultados de produção foram encontrados em fronteira de palavra, em sufixo, peso relativo 0.75, e houve um desfavorecimento quando no interior da raiz do vocábulo e em fronteira de morfema em sufixo. As variáveis sociais não mostraram influência na produção da forma vocalizada no estudo apresentado.

Collischonn e Quednau (2009) analisaram a variação da lateral nas localidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS). No estudo, as autoras verificaram as possibilidades de ocorrência de realização de /l/ na forma vocalizada, velarizada, alveolar, com tepe e também o apagamento da lateral. Ao todo, o *corpus* da pesquisa foi constituído por 72 informantes. As autoras também investigaram o papel de variáveis na aplicação dos processos, sendo: localidade, sexo, idade e escolaridade – e linguísticas – posição do seguimento alvo, acento, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e classe de palavra. Os resultados mostram maiores índices de aplicação da forma vocalizada nos municípios investigados, com percentual de 61%. Houve baixa incidência de produção da lateral como tepe e apagamento. Já a lateral alveolar e a lateral velarizada obtiveram resultados parecidos, com registros de baixo percentual de produção. Nesse sentido, Collischonn e Quednau (2009) constataram que houve um prevalecimento da vocalização sobre o uso das outras variantes.

Para a vocalização, os fatores linguísticos selecionados pelo programa estatístico foram: contexto fonológico precedente, acento e posição do seguimento alvo. Em contexto precedente se observou um desfavorecimento para a vogal /u/, com peso relativo de 0.29. Já os outros fatores, como vogais médias anteriores /e/ e /ɛ/, vogais posteriores /ɔ/, /o/ e /a/, e vogal alta /i/, tiveram os pesos relativos próximos ao ponto neutro. As variáveis contexto seguinte e classe de palavra não foram selecionadas; desse modo, as autoras concluíram que a variação entre /l/ ~ /w/ é determinada pela estrutura silábica e não pelo contexto fonológico. Em relação ao acento, verificou-se que contextos átonos, como postônicas e monossílabos, são os que menos favorecem a vocalização. Já em posição do segmento alvo, percebeu-se que o fenômeno é mais recorrente quando em final de palavra, e menos frequente quando a lateral se encontra no interior do vocábulo.

Nos fatores extralinguísticos, para a variável localidade, os pesos relativos mais altos foram observados para Porto Alegre, Pato Branco, Curitiba e Londrina, que produziram mais a forma vocalizada. Já Irati, Lages e São José do Norte apresentaram índices de vocalização mais baixos e maiores indícios de realização da lateral plena e da forma velarizada. Diante desse panorama, as autoras acreditam que o baixo índice de vocalização nessas cidades se deve à diversidade étnica que caracteriza essas comunidades, e também confirmam a constatação de

Dal Magno (1998) de que há uma tendência de vocalização no estado do Paraná que se reduz gradativamente, ao passo em que vai em direção ao sul.

Com relação ao uso da vocalização por homens e mulheres, ambos os sexos apresentaram peso relativo próximo ao ponto neutro, com maior incidência no sexo feminino, peso relativo de 0.54, do que no masculino 0.46. Em escolaridade houve também uma aproximação do ponto neutro entre as categorias: informantes com escolarização secundária registraram maior produção da vocalização, com peso relativo de 0.57, do que informantes com escolarização primária, com peso relativo de 0.43. Na variável idade, verificou-se maior aplicação da vocalização entre os informantes mais jovens, com menos de 50 anos de idade, peso relativo de 0.57, em comparação aos informantes mais velhos com mais de 50 anos, peso relativo de 0.41.

Na análise do apagamento, constatou-se que esse é favorecido quando a vogal precedente for /u/ e na atonicidade final de sílaba. Para a produção dos róticos, ambos o contexto fonológico precedente e o seguinte foram selecionados pelo programa, mostrando-se relevante para a aplicação do processo.

Em sua dissertação intitulada “A lateral pós-vocálica em Lages/SC: análise variacionista”, Nedel (2009) observou as possíveis formas de produção da lateral /l/ quando em posição final de sílaba, sendo estas: [l] alveolar, velar [ɫ], semivogal [w], apagamento [ɰ] ou rotacismo [r]. O autor também buscou verificar o papel das variáveis sociais – sexo, faixa etária; escolaridade - e linguísticas – classe de palavras; acento, fronteira de morfema, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, ressilabação. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 16 informantes, 8 homens e 8 mulheres e as entrevistas utilizadas pertencem ao Banco de dados VARSUL, coletadas em meados de 1990 em Lages (SC).

Ao todo, foram analisadas 1048 palavras. Ao observar os resultados apresentados pelo programa estatístico GoldVarb, o autor verificou maior incidência da lateral vocalizada, percentual de 61%, seguida pela lateral alveolar, percentual de 20%, lateral velar, percentual de 11%, rotacismo, percentual de 4%, e apagamento, percentual de 3%. Devido a maior produção da lateral vocalizada, essa foi escolhida como variável dependente.

No que diz respeito às variáveis sociais, em faixa etária notou-se que a vocalização da lateral foi mais aplicada por indivíduos mais jovens, com menos de 50 anos, peso relativo 0.78. Os informantes com mais de 50 anos apresentaram

uma baixa incidência do processo, peso relativo 0.12, realizando mais as formas da lateral como alveolar ou velar. No fator escolaridade, verificou-se maior favorecimento de vocalização para o grupo de informantes de maior escolaridade, peso relativo 0.66, do que informantes com menor escolaridade, peso relativo 0.27. Tratando-se do gênero, constatou-se maior produção de vocalização pelo sexo feminino, peso relativo 0.68, do que pelo masculino, peso relativo 0.36.

Já no grupo de variáveis linguísticas, três foram selecionadas pelo programa, sendo estas: acento, fronteira do morfema e contexto fonológico precedente. No primeiro grupo, houve um favorecimento da vocalização nas sílabas postônicas, peso relativo 0.79, seguido por monossílabas, peso relativo 0.48, tônica, peso relativo, 0.47, e pretônica, peso relativo 0.46. Em fronteira do morfema, houve maior aplicação em sufixo, peso relativo 0.94. Outras posições também tiveram comportamento semelhante, destacando-se o interior de palavra, peso relativo 0.56, fronteira de palavra em sufixo, peso relativo 0.49, e final de palavra, peso relativo 0.41. Em contexto fonológico precedente, constatou-se um favorecimento pela vogal média-baixa anterior /ɛ/, e um desfavorecimento para as vogais alta posterior /u/ e a vogal média-baixa posterior /ɔ/.

Ao verificar as possíveis formas de variação da lateral pós-vocálica no português brasileiro, Pinho e Margotti (2010) observaram dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) das seguintes regiões brasileiras: norte (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco, Posto Velho), nordeste (São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador), centro-oeste (Cuiabá, Campo Grande, Goiânia), sudeste (Belo Horizonte, São Paulo, Vitória, Rio de Janeiro), sul (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre). Ao todo, foram analisadas 200 entrevistas, sendo 8 entrevistados de cada capital. Entre os resultados obtidos, verificou-se o predomínio da forma vocalizada no português brasileiro, atingindo um percentual de 88% de aplicação. Ao examinar separadamente a produção da variante por região, constatou-se que quanto mais ao sul do Brasil, menor a ocorrência da vocalização. Nessa região, também houve maiores registros da lateral plena e da variante velarizada, diferentemente das outras regiões em que não tiveram dados registrados – com exceção de Goiânia (1 registro da lateral plena) e Campo Grande (um registro da forma velarizada).

No que diz respeito aos róticos, apesar da baixa produção com percentual 0.7%, os autores destacam que essa variante ocorreu com mais frequência em

cidades que pertencem à região centro-oeste. O apagamento da lateral, percentual 7.04%, teve maior incidência nas regiões noroeste e norte, esse mostrou-se favorecido quando é constituído pelas vogais [u], [o] e [ɔ] em contexto fonológico precedente.

Em um estudo mais recente intitulado “Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS)”, de autoria de Battisti e Moras (2015), foi analisada a ocorrência da vocalização da lateral pós-vocálica na cidade de Flores Cunha, localizada no estado do Rio Grande do Sul. Nessa pesquisa, as autoras realizam uma comparação entre os dados obtidos em uma pesquisa realizada 1990, na mesma comunidade investigada, com entrevistas coletas entre 2008 e 2009.

Na amostra mais antiga, coletada por Tasca (1999 *apud* Battisti; Moras, 2015), não foi observada a aplicação da vocalização de /l/ pós-vocálico na cidade de Flores da Cunha (RS). Já no *corpus* analisado pelas autoras foi verificado um percentual de 72% de vocalização. Esse foi constituído por um total de 48 informantes, sendo 24 homens e 24 mulheres. Foram verificados fatores extralinguísticos e linguísticos. Quanto ao primeiro, observou-se: sexo, idade e local de residência. Já os fatores linguísticos observados foram: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba e posição da lateral.

Foram observados 3978 dados, desses em 72% aplicou-se a vocalização. No que tange à análise das variáveis sociais, em sexo verificou-se uma aplicação um pouco maior, mas próxima ao ponto neutro, do fenômeno pelo sexo feminino, peso relativo de 0.53, do que pelo sexo masculino, peso relativo de 0.47. No fator idade, os resultados mostraram que jovens favoreceram a vocalização, peso relativo 0.90, e informantes mais velhos desfavorecem a aplicação do processo, peso relativo de 0.03. No que diz respeito ao local de residência, verificou-se que a vocalização foi mais realizada por informantes que pertencem à zona urbana, peso relativo de 0.66, do que por informantes que pertencem à zona rural, peso relativo de 0.34.

Nas variáveis linguísticas, em contexto fonológico precedente, notou-se favorecimento para a vogal alta posterior (*faculdade*), peso relativo de 0.66; seguido por vogais posteriores (*hospital*), peso relativo de 0.46; vogal alta anterior (*difícil*), peso relativo de 0.45; e vogais altas (*voltar*), peso relativo de 0.40. Em contexto fonológico seguinte, as consoantes labiais (*culpa*) e altas (*salgado*) favorecem o

processo, ambas com peso relativo de 0.65; seguidas por consoantes alveolares (*asfalto*), peso relativo de 0.57; e vogais posteriores (*tal hgra*), peso relativo de 0.55. Já a pausa, peso relativo de 0.54, vogais anteriores (*legal isso*), peso relativo de 0.44, e consoante lateral (*hotel lá*), peso relativo de 0.16, desfavorecem a variante.

Para tonicidade de sílaba, o processo mostrou-se favorecido por sílabas átonas (pretônicas, como em *cultura*, e postônicas, como em *agradável*), com peso relativo de 0.66 e 0.62, respectivamente. Enquanto os fatores tônica (adulto) e monossílabo (*mal*) desfavorecem a vocalização, com peso relativo de 0.42 e 0.30, respectivamente. Em posição da lateral, o fator interior da palavra favorece o processo, com peso relativo de 0.55, e o fator final de palavra desfavorece, peso relativo de 0.45.

A seguir apresenta-se um panorama geral dos resultados obtidos nas pesquisas sobre a lateral // pós-vocálica relatados nesta seção.

Quadro 1 – Síntese dos estudos apresentados

Quednau (1993)		
Metodologia	Número de Informantes	28
	Estratificação dos informantes	Grupos étnicos (região metropolitana, região de colonização alemã e região de colonização italiana).
	Variável dependente	Vocalização [w]
	Variáveis independentes extralinguísticas	Grupo étnico (metropolitanos, alemães, italianos e fronteiriços); Sexo (masculino e feminino); Faixa etária (20 a 40 anos e 41 e 55 anos);
	Variáveis independentes linguísticas	Acento; Contexto fonológico precedente; Contexto fonológico seguinte; Posição da lateral; Sândi.
	Região/regiões	Porto Alegre (RS), Taquara (RS), Monte Bérico (RS) e Santana do Livramento (RS).

Resultados	Percentual de aplicação	45% de vocalização.
Variáveis sociais	Selecionadas	Etnia (metropolitanos) e sexo (feminino).
	Não selecionadas	Idade e escolaridade.
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Acento (sílabas tônicas e pretônicas), posição da lateral (sufixos), contexto precedente (/e/, /ɛ/, /ɔ/, /o/, /a/) e contexto seguinte (consoante alta e pausa).
	Não selecionadas	—
Espiga (1997)		
Metodologia	Número de informantes	18
	Variável dependente	Preservação da lateral alveolar, vocalização e velarização.
	Variáveis independentes extralinguísticas	Faixa etária (até 25 anos; 26 a 45 anos e mais de 45 anos); Grau de contato com outras variedades dialetais.
	Variáveis independentes linguísticas	Vogal precedente; Acento; Lugar de constrição do contexto fonológico seguinte; Ponto de articulação da consoante seguinte; Modo de articulação da consoante seguinte; Tipo de fronteira vocabular.
	Região/regiões	Chuí (RS)
Resultados	Percentual de aplicação	Variante alveolar 54% Variante velar 39% Variante vocalizada 7%.
Variáveis sociais	Selecionadas	Faixa etária: Vocalização favorecida por jovens com idade de até 25 anos; Velarização favorecida por informantes com idade de 26 e 45 anos; Alveolar é favorecida por informantes com mais de 45

		anos. Grau de contato com outras variedades dialetais do PB: Vocalização é favorecida com o contato intenso; Velarização é favorecida com contato intenso; Alveolar é favorecida com o contato moderado.
	Não selecionadas	_____
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Vogal precedente: [a] para vocalização; [o] e [ɛ] para velarização; [u] e [i] para alveolar. Acento: Vocalização favorecida pela sílaba tônica; Velarização favorecida pela sílaba pós-tônica; Alveolar favorecida pela sílaba tônica. Lugar de Construção do contexto fonológico seguinte: Labial favorece vocalização; Dorsal favorece velarização; Coronal favorece alveolar. Ponto de articulação da consoante seguinte: Alveolar favorece a vocalização; Palatal favorece a velarização; Labiodental favorece a manutenção da alveolar. Modo de articulação da consoante seguinte: Vocalização favorecida pela africada; Velarização favorecida pela nasal; Alveolar favorecida pela africada. Tipo de fronteira vocabular: Vocalização é favorecida com sândi; Velarização é favorecida sem sândi; Alveolar é favorecida com sândi.
	Não selecionadas	_____
Tasca (1999)		
	Número de Informantes	80
	Estratificação dos informantes	Sexo, idade e escolaridade.

Metodologia	Variável dependente	Preservação da lateral alveolar
	Variáveis independentes extralinguísticas	Sexo (masculino e feminino); Idade (25 a 50 anos e 50 anos ou mais); Escolaridade (primário, ginásio e segundo grau); Etnia (interior e capital).
	Variáveis independentes linguísticas	Classe gramatical; Posição na palavra; Voga precedente; Contexto fonológico seguinte; Tonicidade da sílaba.
	Região/regiões	Porto Alegre (RS), Flores da Cunha (RS), Panambi (RS) e São Borja (RS)
Resultados	Percentual de aplicação	Interior 100% de preservação da lateral; Capital 54% de preservação da lateral.
Variáveis sociais	Selecionada	Etnia (o interior tendo a preservar mais a lateral) Sexo (homens preservar mais a lateral) Faixa etária (mais velhos produzem mais a forma alveolar) Escolaridade (menos escolarizados produzem mais a forma alveolar).
	Não selecionadas	_____
Variáveis linguísticas	Selecionada	Posição da lateral (em posição final ou interior de palavras simples tendem a preservar mais a lateral alveolar); Tonicidade da sílaba (sílabas tônicas favorecem mais a aplicação na lateral alveolar).
	Não selecionadas	Classe gramatical, vogal precedente e contexto fonológico seguinte.
Costa (2007)		
Metodologia	Número de Informantes	12
	Estratificação dos informantes	Sexo e idade.
	Variável	Vocalização [w]

	dependente	
	Variáveis independentes extralinguísticas	Sexo (masculino e feminino); Idade (20 a 30 anos; 30 a 30 anos; 60 a 75 anos).
	Variáveis independentes linguísticas	Categoria gramatical; posição; acento; contexto fonológico precedente; contexto fonológico seguinte.
	Região/regiões	Porto Alegre (RS)
Resultados	Percentual de aplicação	Vocalização – 0.97 ¹³ Velarizada – 0.20
Variáveis sociais	Selecionadas	Idade (jovens)
	Não selecionadas	Sexo
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Contexto precedente (vogal baixa /a/) e contexto seguinte (fricativas labiodental e alveolar, oclusivas alveolares e dorsais).
	Não selecionadas	Categoria gramatical, acento e posição.
Hahn; Quednau (2007)		
Metodologia	Número de Informantes	8
	Estratificação dos informantes	Sexo (masculino e feminino); Idade (20 a 60 anos) Escolaridade (primária ou secundária).
	Variável dependente	Vocalização [w]
	Variáveis independente extralinguísticas	Sexo, idade e escolaridade.
	Variáveis independente	Classe de palavra; Acento;

¹³ Resultados verificados por Costa (2009) foram apresentados em peso relativo.

	linguísticas	Fronteira de morfema; Contexto fonológico precedente; Contexto fonológico seguinte.
	Região/regiões	Londrina (PR)
Variáveis sociais	Percentual de aplicação	Vocalização – 80% Velar e alveolar – 20%
	Selecionadas	—
	Não selecionadas	Sexo, idade e escolaridade.
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Fronteira de morfema (fronteira de palavra em sufixo) e contexto precedente (vogal /a/).
	Não selecionadas	Classe de palavra, acento e contexto seguinte
Collischonn; Quednau (2009)		
Metodologia	Número de Informantes	72
	Estratificação dos informantes	Idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos); Escolaridade (primária e secundária); Sexo (feminino e masculino).
	Variável dependente	Vocalização [w]
	Variáveis independentes extralinguísticas	Localidade (Pato Branco, Irati, Lages, Londrina, São José do Norte e Curitiba); Sexo; Idade; Escolaridade.
	Variáveis independentes linguísticas	Contexto precedente; Contexto seguinte; Acento; Posição do segmento-alvo Classe de palavra.
	Região/regiões	Pato Branco (PR), Irati (PR), Lages (SC), Londrina (PR),

		São José do Norte (PR) e Curitiba (PR).
Resultados	Percentual de aplicação	61% de vocalização; 39% outras variantes (lateral alveolar; rotacismo; velarização; apagamento).
Variáveis sociais	Selecionadas	Localidade (Porto Alegre, Curitiba e Londrina), sexo (feminino), escolaridade (maior nível de escolarização) e idade (mais jovens).
	Não selecionadas	—
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Contexto precedente (/ɛ/, /ɔ/, /a/, /e/, /i/, /o/), acento (pretônica) e posição do seguimento alvo (sufixo)
	Não selecionadas	Contexto fonológico seguinte e classe de palavra.
Nedel (2009)		
Metodologia	Número de Informantes	16
	Estratificação dos informantes	Idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos); Escolaridade (primário e colegial); Gênero (masculino e feminino).
	Variável dependente	Vocalização [w]
	Variáveis independentes extralinguísticas	Sexo (masculino e feminino); Faixa etária (menos de 50 anos e mais de 50 anos); Escolaridade (primário e colegial).
	Variáveis independentes linguísticas	Classe de palavra; Acento; Fronteira de morfema; Contexto fonológico precedentes; Contexto fonológico seguinte; Ressilabação.
	Região/regiões	Lages (SC)
Resultados	Percentual de	Vocalização – 61%

Variáveis sociais	aplicação	Lateral alveolar – 20% Velar – 11% Rotacismo – 4% Apagamento – 3%
	Selecionadas	Sexo (feminino), faixa etária (jovens) e escolaridade (maior nível de escolarização).
	Não selecionadas	—
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Acento (postônica), fronteira de morfema (sufixo) e contexto precedente (vogal média-baixa anterior /ε/).
	Não selecionadas	Ressilabação, contexto seguinte, classe de palavras.
Pinho; Margotti (2010)		
Metodologia	Número de Informantes	200
	Estratificação dos informantes	Idade (18 a 30 anos; 50 a 65 anos); Gênero (masculino e feminino).
	Variáveis investigadas	Vocalização, velarizada, lateral plena, róticos e apagamento.
	Região/regiões	Capitais brasileiras – norte (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco, Posto Velho), nordeste (São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador), centro-oeste (Cuiabá, Campo Grande, Goiânia), sudeste (Belo Horizonte, São Paulo, Vitória, Rio de Janeiro), sul (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre).
Resultados	Percentual de aplicação	Vocalização – 88%
Variáveis		Apagamento – 7.04% Rotacismo – 0.7% Velar e alveolar – 0.41% ¹⁴

¹⁴ Essas variantes foram produzidas em sua maioria na região sul do Brasil, especialmente na cidade de Porto Alegre (RS). Nessa localidade, também foram observados níveis relativamente baixos de vocalização e apagamento em comparação com outras capitais investigadas (Pinho; Margotti, 2010)

sociais	Selecionadas	Predomínio da forma vocalizada com menor ocorrência na região sul. Na região também foram registradas ocorrências da lateral plena e da variante velarizada. Baixa ocorrência de apagamento (maior incidência nas regiões noroeste e norte) e róticos (mais frequente na região centro-oeste).
Battisti; Moras (2015)		
Metodologia	Número de Informantes	48
	Estratificação dos informantes	Gênero (masculino e feminino); Faixa etária (18 a 29 anos; 30 a 49 anos; 50 a 69 anos e 70 anos ou mais); Local de residência (zona urbana e zona rural).
	Variável dependente	Vocalização [w]
	Variáveis independentes extralinguísticas	Sexo/gênero; idade; local de residência.
	Variáveis independentes linguísticas	Contexto fonológico precedente; contexto fonológico seguinte; tonicidade da sílaba; posição da lateral.
	Região/regiões	Flores Cunha (RS)
Resultados	Percentual de aplicação	72% de vocalização.
Variáveis sociais	Selecionadas	Sexo (feminino), idade (jovens) e residência (zona urbana).
	Não selecionadas	_____
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Contexto precedente (vogal alta posterior, posteriores, vogal alta anterior e vogais altas), contexto seguinte (consoantes labiais e altas), tonicidade (sílabas átonas) e posição da palavra (interior da palavra).
	Não selecionadas	

Machry da Silva; Borghelott; de Andrade (2020)		
Metodologia	Número de Informantes	24
	Estratificação dos informantes	Sexo (masculino e feminino); Escolaridade (ensino fundamental e ensino médio); Faixa etária (19 a 50 anos e 50 anos ou mais).
	Variável investigadas	Vocalização, velarizada, lateral plena, rotacismo.
	Variáveis independentes extralinguísticas	Escolaridade; sexo; etnia; faixa etária e cidade.
	Variáveis independentes linguísticas	Vogal precedente e posição na palavra.
	Região/regiões	Francisco Beltrão (PR), Pato Branco (PR) e Dois Vizinhos (PR)
Resultados	Percentual de aplicação	Lateral alveolar - 71,79% Vocalização - 15,38% Velarização - 8,20% Rotacismo - 4,50%
Variáveis sociais	Selecionadas	A variante rotacismo e a lateral velarizada estiveram mais presente entre falantes mais velhos e com menor escolaridade; A vocalização de //l/ teve mais recorrência por falantes mais jovens e com maior escolaridade; Para etnia houve um favorecimento da aplicação da vocalização por poloneses e alemães; o rotacismo, por alemães e brasileiros; e a lateral velarizada, por italianos e espanhóis.
Variáveis linguísticas	Selecionadas	Vogal precedente (vogal /a/)
	Não selecionadas	Posição na palavra.

Fonte: elaborado pela autora.

Com base nos resultados desses estudos, percebe-se que apesar do registro da lateral pós-vocálica nas formas alveolar, velarizada, rotacismo [r] e apagamento, observou-se um predomínio da variante vocalizada [w], vindo ao encontro das hipóteses sobre o avanço da variante vocalizada no português brasileiro. Dentro

dessa perspectiva, verificou-se que tanto fatores sociais quanto linguísticos apresentaram papel no uso dos fenômenos. Destarte, ainda que não se possa fazer uma comparação direta entre os resultados obtidos, pelas especificidades de cada pesquisa (diferenças metodológicas e de análise), há apontamentos possíveis sobre o uso das variantes nas variedades de fala observadas do PB (aqui levando em conta especialmente os dados da região sul do Brasil).

Embora se mostre predominante o uso da vocalização no PB, a aplicação da variante não se aplica de igual forma a todas as regiões (como já temos discutido). Fatores como a formação étnica da região, idade e escolaridade parecem influenciar no uso de uma ou outra variante. Desse modo, a vocalização parece estar mais presente nos grupos de falantes mais jovens e com mais escolaridade (Costa, 2007; Collischonn; Quednau, 2009; Nedel, 2009); nos demais grupos, falantes mais velhos e menor escolaridade, ainda há preferência pela preservação da lateral e também pelo uso de outras variantes, como a forma velarizada (Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020; Pinho; Margotti, 2010; Espiga, 1997; Tasca, 1999). Além disso, a região e sua formação étnica também parecem ter papel: resultados apontam ainda para a preservação da lateral, por exemplo, em variedades de fala mais ao sul do Brasil com formação étnica italiana (Collischonn; Quednau, 2009; Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020; Tasca, 1999). No que diz respeito às variáveis linguísticas, as que apresentaram maior relevância na aplicação da forma vocalizada foram: posição da lateral, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e acento. No geral, houve um favorecimento do uso da variante em sufixos e um desfavorecimento para a vogal precedente /u/.

Tais resultados, portanto, reforçam a hipótese de que na região investigada por esta pesquisa, localizada no interior do estado do Paraná, município de Francisco Beltrão, região de formação étnica italiana e polonesa, como será discutido na metodologia da pesquisa (próximo capítulo), há ainda tendência à manutenção da lateral plena, com o uso da vocalização e de outras variantes, em menor proporção e em grupos específicos. Tal justificativa se deve ao fato de que, ao visualizar especificamente as cidades situadas mais próximas do município observa-se que essas apresentam menores índices de produção da forma vocalizada como pontuam, em especial, as pesquisas de Pinho e Margotti (2010) nos resultados para a região sul e Machry da Silva, Borghelott e de Andrade (2020).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos que nortearam o desenvolvimento deste estudo. Nessa perspectiva, para a realização da investigação do processo de variação da lateral pós-vocálica em posição de coda no município de Francisco Beltrão, Paraná, o presente trabalho parte de uma proposta metodológica de análise quantitativa e qualitativa dos resultados, com base nos princípios teórico-metodológicos postulados pela Sociolinguística laboviana (Labov, 2008).

O capítulo se encontra dividido em sete segmentos, sendo estes: (i) aspectos históricos, geográficos e sociais de Francisco Beltrão/PR; (ii) constituição da amostra; (iii) procedimentos e instrumentos utilizados durante as entrevistas para a coleta de dados; (iv) variáveis investigadas e as possíveis formas de realização da lateral pós-vocálica; (v) delimitação da variável dependente; (vi) definição de possíveis fatores sociais que possam influenciar na aplicação do processo - faixa etária, sexo, escolaridade e etnia; (vii) definição de possíveis fatores linguísticos que possam influenciar na aplicação do processo - contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, posição da lateral, acento e classe de palavras.

3.1 O MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO/PR

O município de Francisco Beltrão está localizado na região sudoeste do estado do Paraná. Essa região é composta por 42 municípios, segundo o IBGE (2022), estando dividida em quatro microrregiões – Capanema, Francisco Beltrão, Pato Branco e Palmas. A intensificação do povoamento do sudoeste ocorreu a partir de 1940, quando imigrantes descendentes de italianos, alemães e poloneses, vindos principalmente do estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, se alojaram nesse território.

No início do século XX, esse espaço era habitado, de acordo com Corrêa (1970), por caboclos que totalizavam um conjunto de 3.000 pessoas. Esses ocupavam basicamente as áreas rurais, exercendo atividades de extração de madeira, erva-mate e a pecuária extensiva. Posteriormente, a partir da criação do projeto governamental “Marcha para o Oeste”, instituído por Getúlio Vargas, que

tinha como objetivo a ocupação efetiva de terras remotas do interior do Brasil, a migração na região para o sudoeste do Paraná foi impulsionada.

Dentro desse projeto, o governo promoveu a instalação de sete colônias nomeadas Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), uma dessas foi fundada em Francisco Beltrão, em 1943. De acordo com Mondardo e Backes (2006), a CANGO era responsável por organizar a distribuição gratuita de terras para os colonos, bem como proporcionar assistência técnica, auxiliando na produção e fixação desses nas novas propriedades. Essa colônia também promoveu melhoramentos na região, realizando instalações e oferecendo uma melhor estrutura para os habitantes.

A CANGO realizou um trabalho extraordinário no povoamento e colonização da região. Uma grande parte dos primeiros habitantes foram trazidos de fato, pela CANGO, ou foram atraídos pelos melhoramentos feitos por ela. Convém lembrar que foi a CANGO que abriu picadas, estradas, construiu pontes, permitindo a vinda de grandes levas de colonos e o escoamento de suas produções. Convém lembrar que foi a CANGO que construiu uma serraria inicialmente em Santana e depois em Santa Rosa, para serrar madeiras para a construção de casa para os primeiros agricultores. Convém lembrar que foi a CANGO que construiu o primeiro hospital e a primeira farmácia e trouxe o primeiro médico [...]. Convém lembrar que foi a CANGO que construiu a primeira selaria, marcenaria, olaria, cerâmica, ferraria, oficina mecânica, para atender os moradores. Convém lembrar que foi a CANGO que construiu a primeira escola [...] (Lazier, 1977, p. 17).

Nos anos de 1947, em Francisco Beltrão, de acordo com o site oficial da Prefeitura, os primeiros imigrantes colonizadores, vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, formaram o distrito “Vila Marrecas” que, posteriormente, em 1951, foi transformado em município. O povoado inicial era constituído por trabalhadores de fazenda, que buscavam terras para sobreviver. Essas possuíam uma economia voltada para a subsistência, ou seja, eram vendidos somente o excedente da produção agrícola. Os produtos comercializados na época eram basicamente milho, feijão, mandioca e alguns produtos derivados de caças (Abramovay, 1981). Devido ao aumento populacional, houve a necessidade de aberturas de estradas ao redor e dentro do município para a realização do escoamento da produção agrícola e para facilitar a comunicação entre campo e cidade.

[...] o município de Francisco Beltrão já contava com 15.248 pessoas. Deste modo, acompanhando o crescimento populacional da região, as relações campo-cidade começavam a se estabelecer de maneira “intensa” e complexa. Houve, principalmente entre 1940 e 1960 (período de chegada

intensa de migrantes riograndenses e catarinenses incentivados principalmente pela CANGO), a abertura de estradas, tanto no entorno da cidade de Francisco Beltrão que se constituía, bem como em todo o interior do município. Isso ocorria em virtude do aumento do número populacional no município e da necessidade de escoamento da produção agrícola que cresceu com a chegada destes migrantes, demandando uma maior comunicação entre campo e cidade. (Mondardo; Backes, 2006, p. 74).

Atualmente, Francisco Beltrão possui, aproximadamente 91 mil habitantes (IBGE, Cidades, 2022), sendo considerado o maior município da região sudoeste do Paraná, abrangendo uma área territorial de 735,111 km². Esse faz divisa com Marmeleiro, Manfrinópolis e Enéas Marques, e está localizado a 474,41 quilômetros de distância da capital Curitiba.

Figura 2: Estado do Paraná – localização do município de Francisco Beltrão



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Beltr%C3%A3o

Ademais, o município está localizado próximo à região de fronteira com a Argentina, totalizando em torno de 96 quilômetros de distância da cidade de Bernardo de Irigoyen, Argentina, que faz divisa com o Brasil. Essa proximidade possibilita aos habitantes de Francisco Beltrão, que frequentemente visitam e fazem compras no país vizinho, um maior contato com a língua espanhola, o que pode influenciar na produção de diferentes formas linguísticas.

O pilar econômico de Francisco Beltrão é constituído pela agricultura familiar, tendo como base fundiária a predominância de pequenas propriedades. Os setores de agropecuária, indústria e comércio também contribuem para a renda do município, que possui o segundo maior PIB da região sudoeste do Paraná (IBGE,

2022). Dessa forma, a cidade exerce um importante papel na mesorregião, destacando-se e sendo referência no ramo econômico e de desenvolvimento.

Nos aspectos socioeconômicos o município destaca-se no contexto estadual, no segmento de abate de aves, graças à BRF-SHB, antiga Sadia, que gera mais de 3100 empregos diretos na cidade e tantos outros indiretos nos 467 aviários atendidos no município. Ainda no setor primário, a região Sudoeste tem a maior bacia leiteira do Estado e o município se encontra em primeiro lugar no ranking de produção de leite na região, com uma produção anual de mais de 75.000.000 de litros. No setor secundário, destacam-se o polo de confecções de vestuário e também o setor moveleiro concentrando um pequeno polo do ramo, além do setor de metal-leve na fabricação de utensílios de alumínio. O setor terciário da cidade tem grande importância regional concentrando a maioria dos serviços médicos e hospitalares e também serviços automotivos (peças e concessionárias), além de um comércio bem diversificado que cresce ano a ano. (Plano Diretor Municipal de Francisco Beltrão, 2017, p. 88).

No que se refere aos aspectos educacionais, o município oferece centros de educação infantil, escolas e instituições de ensino superior, nas modalidades pública e privada. Já na área da saúde, Francisco Beltrão possui diversos postos de atendimentos à população e hospitais que atendem não só os habitantes locais, mas também os municípios vizinhos. Esses fatores contribuem para o fluxo migratório na cidade, que recebe diariamente diversos habitantes vindos de localidades circundantes.

A seleção do município de Francisco Beltrão para este estudo, como discutido na parte introdutória, deve-se, primeiro, pela sua formação histórico-étnica, formada principalmente por descendentes de alemães, italianos e poloneses, inicialmente instalados no Rio Grande do Sul; segundo, pelo fato de o município integrar a região sudoeste do Paraná, sendo um município do interior do estado, distante de sua capital. Os participantes deste trabalho, sobre os quais se trata na próxima seção, são todos residentes da área urbana do município.

3.2 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: SOBRE OS PARTICIPANTES

Com o intuito de enquadrar esta pesquisa no modelo sociolinguístico seguem-se, para a construção dos aspectos metodológicos, os estudos da Sociolinguística Quantitativa de Labov (1972), no que diz respeito à constituição da amostra. Desse modo, para a composição do *corpus* foram selecionados informantes nativos do

município de Francisco Beltrão/PR ou que tenham vivido nessa comunidade pelo menos 2/3 de suas vidas.

Neste contexto, os participantes foram designados com base no método aleatório estratificado¹⁵, seguindo a proposta Laboviana, incluindo indivíduos que integram diferentes grupos sociais, mas que compartilham o mesmo local de vivência. Tratando-se da delimitação sobre o número de informantes que devem compor uma amostra, Silva (2004) observa que essa escolha dependerá de cinco critérios, sendo estes: da homogeneidade da população, do número de variáveis pesquisadas, do fenômeno, do método e do orçamento e outras condições materiais. Sobre essas, a autora explana:

a) *da homogeneidade da população*. Felizmente a língua é uma propriedade humana relativamente homogênea, entre outros motivos porque, para haver comunicação, é imprescindível que todos tenham acesso pelo menos ao âmago da língua da sua comunidade. Se algum excêntrico resolver criar expressões próprias, seria dificilmente compreendido, e essas expressões seriam eliminadas por seleção natural. A língua falada por uma comunidade, por outro lado, é suficientemente heterogênea para tornar desejável que se estudem diferenças entre sexos, classes sociais, faixa etárias e tantas outras que se possam. Essas variáveis são chamadas variáveis sociais;

b) *do número de variáveis pesquisadas*.

c) *do fenômeno*. Outra faceta da homogeneidade da língua é que ela é mais homogênea para alguns fenômenos do que para outros. A realização do *i*, por exemplo, não precisaria de amostra tão grande quanto o estudo da realização do *s*, bem mais variável.

d) *do método*. Conforme a precisão da técnica estatística usada, pode-se diminuir até certo ponto a amostra se forem usados métodos estatísticos mais sofisticados;

e) *do orçamento e outras condições materiais*. Por fim, deve-se levar em conta que é necessário ser realista. Entrevistas são bastante onerosas não apenas pelas fitas gravadas, gravadores e transporte, mas principalmente pelo número de horas gastas para ir ao local e, mais ainda, para transcrição o que torna mais importante a redução da amostra. Como há um limite, abaixo do qual não há estatística possível, talvez seja necessário reduzir o número de variáveis que o pesquisador ambiciosamente planejou no início. (Silva, 2004, p. 119-120, grifo do autor).

Ainda sobre a composição da amostra, Tarallo (2008) observa que, para garantir a representatividade da amostra, orienta-se totalizar no mínimo 5 informantes para o preenchimento de cada célula. Porém, nesta pesquisa, devido à dificuldade de seu preenchimento de maneira plena, em razão das particularidades da pesquisa e das condições para a composição da amostra, essa foi constituída

¹⁵ Para proceder a esse método, divide-se a população em “células” (“casas”, “estratos”) compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a uma seleção aleatória. (Silva, 2004, p. 121).

pelo total de 14 informantes. Levamos em conta também, para a composição deste número para a amostra, o tempo disponível para este estudo, considerando as etapas de coleta, transcrição e análise dos dados. Partindo da proposta de seleção pelo método aleatório estratificado, foram delimitadas as variáveis sociais que nortearam o processo, sendo estas – sexo, faixa etária e escolaridade. Dessa forma, os informantes foram distribuídos do seguinte modo:

Quadro 2 – Estratificação dos informantes por célula

Informantes						
Sexo	Ensino fundamental			Ensino médio		
	18-29 anos	30-59 anos	60 ou +	18-29 anos	30-59 anos	60 ou +
Masculino	-	1	1	2	1	1
Feminino	-	-	2	2	2	2

Fonte: elaborado pela autora

Dos informantes selecionados, não foi possível igual distribuição de informantes por célula. Esse cenário deve-se ao fato de: (i) dificuldade de contato com alguns informantes (o que ocorreu ainda durante a pandemia de Covid 19); (ii) algumas entrevistas desconsideradas devido a gravações por vezes muito curtas e com poucos dados ou não realização de todas as etapas, que impossibilitavam uma análise efetiva das falas dos informantes; (iii) descarte de entrevistas com pouca qualidade acústica (com ruídos ou baixa captação sonora), tornando inviável uma análise precisa dos dados coletados.

Por conseguinte, a seleção foi composta por: (i) na faixa etária de 30 a 59 anos, ensino fundamental, há 01 informante do sexo masculino; (ii) na faixa etária 60 anos ou mais, ensino fundamental, 01 informante do sexo masculino e 02 do sexo feminino; (iii) na faixa etária 18 a 29 anos, ensino médio, 02 informantes do sexo masculino e 02 informantes do sexo feminino; (iv) na faixa etária 30 a 59 anos, ensino médio, 01 informante do sexo masculino e 02 informantes do sexo feminino; (v) na faixa etária 60 anos, ensino médio, 01 informante do sexo masculino e 02 informantes do sexo feminino. Na célula, idade 18 a 20 anos, ensino fundamental,

não há participantes, o que se explica pela dificuldade de seleção de informantes apenas com ensino fundamental para essa faixa etária¹⁶.

O corpus desta pesquisa integra a amostra coletada no projeto de pesquisa “Variação fonológica em língua materna: panorama sociolinguístico das regiões centro-oeste e sudoeste do Paraná”, o qual tem como intuito oferecer um mapeamento sociolinguístico dos processos fonológicos em variação na região sudoeste do Paraná. A composição dessa amostra constitui projeto previamente avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da instituição (CAAE: 60270316.5.0000.5547). Todas as coletas de dados foram realizadas a partir do consentimento prévio dos sujeitos (Anexo A). As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2019 e 2024, sendo utilizados os mesmos modelos de instrumentos dispostos no Anexo C deste trabalho, com a adição de outras imagens, frases e contextos dispostos, possibilitando a análise de outros fenômenos de variação. Algumas dessas foram gravadas na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Pato Branco, e outras nas casas dos informantes. Atualmente, o projeto contém 50 entrevistas das cidades de Francisco Beltrão, Pato Branco, Dois Vizinhos e Marmeleiro. Salienta-se que esse projeto segue em desenvolvimento e entrevistas ainda estão sendo coletadas.

3.3 COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta de dados foram utilizados computador portátil e gravador, modelo ICD – PX 240. Antes da aplicação da entrevista, os informantes preenchem um termo de consentimento, autorizando o emprego do material coletado para uso de análise científica, e um questionário sociolinguístico (Anexo B) com informações a respeito de suas características sociais, como: nome completo, estado civil, idade, escolaridade, entre outros. Após, essa primeira etapa, que consistiu também de uma conversa para conhecer melhor os informantes, estes eram convidados para participarem das próximas etapas, explicando que seriam gravados.

¹⁶ Vale observar que durante a seleção e coleta de dados, os quais fazem parte do banco de dados de “Variação Fonológica: Mapeamento Sociolinguístico das regiões centro-oeste e sudoeste do Paraná”, estávamos vivenciando a pandemia de Covid 19, fato que dificultou a participação dos informantes e a realização de algumas entrevistas.

Com o objetivo de minimizar o efeito negativo do Paradoxo do Observador (Tarallo, 2008), causado pela presença do pesquisador, ocasionando um possível constrangimento ao sujeito, fazendo com que esse monitore a sua fala se afastando do vernáculo, foi proposto um instrumento lúdico e mais próximo da entrevista sociolinguística de experiência pessoal. De modo a garantir a participação e fala de todos os informantes, assim como suscitar a produção de alguns vocábulos, de forma mais lúdica, optamos por instrumentos com imagens, produção de frases e, uma terceira etapa, de conversa mais informal, a partir de tópicos selecionados. As entrevistas contemplaram, portanto, três momentos, sendo estes: (i) nomeação e descrição de imagens; (ii) produção de frases; e (iii) conversa informal sobre temas diversos (educação, infância, lazer, viagens, sonhos, livros, entre outros). Ao todo, a aplicação de cada entrevista teve uma duração média de 40 minutos a 1 hora.

O primeiro instrumento, (i) nomeação e descrição de imagens, foi aplicado a partir da exposição de imagens contextualizadas. Nessa fase, o informante era convidado a visualizar a figura e descrever, falar sobre os elementos exibidos. Esse instrumento foi composto por imagens que continham apenas um item para nomeação e outras, contextualizadas, que suscitavam uma descrição mais detalhada sobre o conteúdo exposto (cores, objetos, local), podendo se estender para uma conversa sobre algum fato ou situação a que a imagem poderia remeter, ou, estabelecer um diálogo sobre uma memória provocada por essa, como exemplificam as imagens a seguir.

Figura 3: (i) nomeação e descrição de imagens



Fonte: sites de domínio público

O segundo instrumento, (ii) produção de frases, se refere ao processo de leitura e memorização de frases. Nele, foram apresentados, aleatoriamente, aos

participantes *slides* que continham frases curtas, e esse era convidado a fazer uma leitura silenciosa da frase apresentada, memorizá-la e, em sequência, reproduzi-la. Em cada frase procuramos colocar pelo menos um item com o segmento alvo de análise. Um exemplo de frase utilizada é “A **bolsa** fica na parede”, nesse caso a palavra alvo é “bolsa”. Esse instrumento continha, ao todo, 20 frases para memorização e reprodução.

Já no terceiro instrumento, (iii) conversa informal sobre temas diversos, temáticas eram apresentadas ao informante, para o qual era dada a liberdade de escolher os assuntos propostos ou era sugerida a realização de um sorteio para a delimitação. As temáticas propostas englobavam questões relacionadas ao cotidiano como educação, infância, lazer, viagens, sonhos, livros, filmes, comunidade, entre outros, tendo como objetivo estabelecer familiaridade com o informante para que esse se sentisse confortável para discutir sobre o assunto. A partir da definição da temática, uma conversa informal era estabelecida e norteadas por perguntas previamente preparadas. Esse instrumento teve um tempo médio de gravação de 15 a 20 minutos, sendo o que mais se aproximava da proposta de entrevista de experiência pessoal.

3.4 VARIÁVEIS INVESTIGADAS

Como discutido nas seções iniciais, a variação linguística é um processo inerente à língua. Logo, a existência de formas distintas utilizadas em situações semelhantes é considerada uma característica comum à língua. Esse fenômeno, porém, não ocorre de maneira aleatória, podendo ser sistematizado e previsível, devido ao uso ser influenciado por agentes internos e externos ao sistema linguístico (Mollica, 2004). Na proposta que segue de Labov (2008 [1972]) esses agentes constituem grupos de fatores ou variáveis e podem atuar com maior ou menor força no condicionamento da variação.

A partir dessa compreensão relacionada ao condicionamento da variação, que segue da proposta Laboviana, este trabalho busca verificar o papel de variáveis sociais e linguísticas na produção da lateral pós-vocálica no município de Francisco Beltrão, Paraná. As variáveis investigadas neste estudo foram fundamentadas em pesquisas anteriores sobre o processo (Quednau, 1993; Battisti; Moras, 2015;

Collischonn; Quednau, 2009; Nedel, 2009; Pinho; Margotti, 2010; Hahn; Quednau, 2007; Costa, 2007; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020).

3.4.1 Variável dependente

A variável dependente é constituída por formas linguísticas alternativas que competem dentro de um sistema linguístico. O emprego dessa, segundo Mollica (2004), não é aleatório, mas influenciado pelas variáveis independentes, sendo estas linguísticas e/ou sociais. Nesse sentido, tomando por base estudos prévios, especialmente os realizados em regiões com características semelhantes deste estudo (a exemplo dos trabalhos de Pinho e Margotti, 2010; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020; Espiga, 2001), definiu-se para esta pesquisa como variável dependente a preservação da alveolar plena. Essa decisão se sustenta na hipótese de que na região, dadas as suas características geográficas e de formação étnica, ainda prevalece o uso da lateral alveolar em relação a outras formas variantes (como a vocalização, que se mostra em estágio avançado em outras regiões do Brasil).

Todavia, leva-se em conta também resultados apresentados por outras pesquisas (Quednau (1993), Battisti; Moras (2015), Collischonn e Quednau (2009), Nedel (2009), entre outros), observando também o registro de outras formas de produção da lateral pós-vocálica na região sul, como a vocalização, a velarização, rotacismo e o apagamento, na hipótese de que essas são distribuídas em grupos mais específicos. Por conseguinte, delimitou-se para este estudo as seguintes possibilidades de realização da lateral pós-vocálica:

- (1) Preservação da lateral alveolar (bolsa; sol);
- (2) Outras realizações.

Definida a preservação da lateral como variável dependente, trabalhou-se com uma variável binária, olhando para a preservação da lateral plena em relação a outras formas variantes. Assim, o grupo nomeado “Outras realizações”, engloba as variantes vocalização (sal ~ sa[w]), velarização (sal ~ sa[ɣ]), rotacismo (sal ~ sa[r]) e o apagamento (sal ~ sa[ə]). No que tange aos resultados que se espera obter na

análise desta pesquisa, as hipóteses levantadas são de que haja um favorecimento para a manutenção da lateral alveolar (Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020; Pinho; Margotti), mas também a incidência da forma vocalização como observado por Quednau, (1993), Battisti; Moras (2015), Collischonn; Quednau (2009) e Costa (2007), especialmente em falantes mais jovens. Também são esperadas produções das formas velarizada, rotacismo e apagamento, porém com menores incidências.

3.4.2 Variáveis sociais

As variáveis sociais ou externas são constituídas por fatores de natureza social que de algum modo podem influenciar no comportamento linguístico. No que diz respeito a essas, a partir dos resultados obtidos em estudos anteriores (Nedel, 2009; Collischonn; Quednau, 2009; Quednau, 1993; Battisti; Moras, 2015; Costa, 2009), é averiguado o papel das variáveis faixa etária, sexo, escolaridade e etnia. A seleção das variáveis neste estudo levou em consideração os resultados de outras pesquisas sobre a lateral pós-vocálica, porém observando mais diretamente as características sociais dos informantes e da comunidade em estudo.

3.4.2.1 Faixa etária

A variável faixa etária tem por finalidade observar o comportamento linguístico dos indivíduos com diferentes idades, numa divisão que busca contemplar as diferentes gerações. No decorrer da vida, os falantes alteram seu comportamento linguístico, sem que essas mudanças de conduta se tornem evidentes (Paiva; Duarte, 2004). Dentro dessa perspectiva, fundamentando-se nas propostas de Labov (1994) e Eckert (1997), este estudo buscou abranger informantes de diferentes faixas etárias que representam fases da vida do indivíduo, tais como jovens, adultos e idosos.

Labov (2008) menciona que a comparação da fala de indivíduos com idades distintas pode revelar diferentes estágios de manifestações linguísticas. Dessa forma, a análise deste fator permite que seja verificado o estado em que se encontra uma variante em determinada comunidade. Em concordância com o autor, Naro (2004) conceitua que falantes pertencentes à faixa etária adultos e idosos tendem a

preservar formas mais antigas, enquanto falantes mais jovens, mostram-se mais sensíveis às formas inovadoras.

[...] os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista: existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos são capazes de utilizar e entender todas as formas. Com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos. (Naro, 2004, p. 44).

Diante do exposto, a presente pesquisa contempla os seguintes grupos: (i) jovens – idade entre 18 e 29 anos; (ii) adultos – entre 30 e 59 anos; (iii) e idosos – idade igual ou superior a 60 anos. Pretende-se observar o papel da variável faixa etária sobre a produção de diferentes formas de // pós-vocálico. Conforme resultados apresentados em pesquisas anteriores, espera-se que informantes mais jovens preservem menos a lateral alveolar e estejam em estágio mais avançado do uso da forma vocalizada (Costa, 2007; Nedel, 2009; e Collischonn e Quednau, 2009). Outrossim, a preservação da lateral e a realização dos fenômenos rotacismo e velarização, acredita-se que esses serão mais realizados por informantes mais velhos (Costa, 2007; Quednau, 1993).

3.4.2.2 Sexo

A variável sexo tem por objetivo, neste estudo, verificar o comportamento de homens e mulheres sobre as diferentes formas de produção da lateral // pós-vocálica. No que diz respeito ao primeiro grupo, Labov (2008) observa que as mulheres são mais propensas à produção de formas linguísticas de prestígio. No entanto, essa atitude, segundo o autor, pode apresentar-se de modo variado em outras comunidades de fala, dependendo dos valores culturais estabelecidos e dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres em cada comunidade. Em consonância com Labov (2008), Paiva (2004, p. 35) conceitua:

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. A consistência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres merge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham de diversos aspectos de organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no

entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizados por outros valores culturais e outra forma de organização social.

Diante desse contexto, busca-se averiguar se esta variável apresenta ou não papel na produção da lateral pós-vocálica. As hipóteses levantadas baseadas nos resultados obtidos por Nedel (2009), Collischonn e Quednau (2009), Battisti e Moras (2015) e Quednau (1993), é de que as mulheres possam fazer mais o uso de formas variantes como a vocalização, preservando menos a lateral alveolar.

3.4.2.3 Escolaridade

A análise da variável escolaridade busca observar se os anos de escolarização podem influenciar ou não no comportamento linguístico exercido pelos indivíduos referente à produção da lateral pós-vocálica. Neste estudo, esta variável é constituída por dois fatores, sendo estes: informantes que possuem frequentaram o ensino fundamental (concluído ou não) e informantes que possuem ensino médio e/ou superior.

A escola representa um dos principais ambientes de socialização na vida do ser humano, exercendo um importante papel na formação dos sujeitos. No que se refere à fala, a escola propicia o contato com formas cultas e padronizadas, promovendo adaptação linguística e atuando como conservadora das formas linguísticas prestigiadas (Votre, 2004). No que tange às formas inovadoras, muitas vezes, a depender da valoração social da variante, a escola pode colaborar para a opressão do uso dessas, contribuindo para a estigmatização e, conseqüentemente, a constituição de uma avaliação negativa.

O modo de comunicação de pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado. A forma estigmatizada é interpretada como inferior em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. Assim, criam-se consensos quanto ao caráter estigmatizado dos usuários de *framengo*, *pobrema* e *homi*. A forma estigmatizada é objeto de comentário jocoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva. É registrado como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, sobretudo nos níveis fundamental e médio. A escola move campanhas em prol da pureza do idioma, na variante padrão, e atua constante na luta contra *barbarismos*, *solecismos* e *estrangeirismos*. (Votre, 2004, p. 52, grifo do autor).

Frente ao exposto, observa-se que a análise desta variável pode apresentar resultados significativos quanto à produção da lateral // pós-vocálica. Dentro dessa perspectiva, espera-se que nos grupos com mais escolaridade se observe tanto a preservação da lateral quanto o uso de variantes inovadoras, como a vocalização; já nos grupos de falantes com menos escolaridade, se espera ocorra além da manutenção o rotacismo, de certa forma, condizente ao que apontam estudos realizados por Nedel (2009), Collischonn e Quednau (2009) e Battisti e Moras (2015).

3.4.2.4 Etnia

O processo de povoamento da região sudoeste do Paraná, como discutido no início deste capítulo, deu-se principalmente pela vinda de migrantes dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses, na grande maioria, possuíam descendência europeia, sendo basicamente compostos por alemães, italianos e poloneses (Ortolan, 2007). Por conseguinte, o município de Francisco Beltrão/PR possui um panorama diversificado no que tange à formação étnica da comunidade.

Diante do exposto, busca-se averiguar se a variável etnia apresenta ou não papel na realização da lateral // em posição de coda de sílaba. Essa variável compreende quatro fatores, sendo estes: alemã, italiana, espanhola, polonesa e brasileira. É essencial explanar que a classificação de cada etnia era definida por declaração do próprio informante.

Posto isso, conforme os resultados observados por Quednau (1993) e Dal Mago (1998), espera-se que a descendência tenha papel na preservação da lateral. Por exemplo, informantes que fazem o uso tanto da forma plena da lateral como de variantes como a forma velarizada, pode estar mais presente nos descendentes italianos e alemães (Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020).

3.4.3 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são constituídas por grupos de fatores estruturais da língua que podem favorecer o processo de aplicação de fenômenos linguísticos, isto é, a escolha de uma variante em detrimento de outra. Dentro dessa perspectiva, para este estudo, buscou-se observar variáveis linguísticas consideradas relevantes

em pesquisas anteriores sobre o processo investigado (Quednau, 1993; Battisti; Moras, 2015; Collischonn; Quednau, 2009; Nedel, 2009; Pinho; Margotti, 2010; Hahn; Quednau, 2007; Costa, 2007; Machry da Silva; Borghelott; de Andrade, 2020). Desse modo, essas variáveis foram constituídas pelos fatores: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, posição da lateral, acento e classe de palavras.

3.4.3.1 Contexto fonológico precedente

Este fator analisa a influência que um fonema próximo que antecede a lateral em posição de coda de sílaba, medial ou final, pode exercer no comportamento dessa. Dessa forma, foram consideradas as vogais: /a/, /e/, /i/, /ɛ/, /ɔ/, /o/ e /u/.

/a/: **balde**, **calçado**;

/e/: **provável**, **saudável**;

/i/: **gentil**, **perfil**;

/ɛ/: **mel**, **fel**;

/ɔ/: **volta**, **pólvora**;

/o/: **bolsa**, **polpa**;

/u/: **azul**, **sul**.

Esta variável se mostrou relevante em estudos anteriores (Quednau, 1993; Battisti; Moras, 2015; Collischonn, Quednau, 2009; Nedel, 2009; Hahn; Quednau, 2007; Costa, 2007). Por conseguinte, espera-se obter resultados significativos sobre o seu papel, quanto à produção e preservação de /l/ pós-vocálico. Com base nas pesquisas realizadas anteriormente, as hipóteses levantadas são de que as vogais /ɛ/, /ɔ/, /a/, /e/, /i/, /o/ favoreçam o uso da forma vocalizada, enquanto as vogais altas /i/ e /u/ inibem o fenômeno. Para a produção da lateral alveolar, a hipótese é de que as vogais [i] e [u] favoreçam a produção dessa forma (Espiga, 1997).

3.4.3.2 Contexto fonológico seguinte

No que diz respeito à variável contexto fonológico seguinte, observa-se que estudos têm apontado que esse fator pode desempenhar um papel importante

quanto à variação que incide sobre a lateral pós-vocálica (Quednau, 1993; Nedel, 2009; Costa, 2007; entre outros). Sendo assim, o fator contexto fonológico seguinte foi constituído da seguinte forma:

- a) Vogais: *difficilé*; *malapenas*;
- b) Oclusivas bilabiais /p b/: *desculpa*; *álbum*;
- c) Oclusivas alveolares /t d/: *alto*; *alternativa*;
- d) Oclusivas velares /k g/: *qualquer*; *delgado*;
- e) Fricativas labiodentais /f v/: *olfato*; *envolver*;
- f) Fricativas alveolares /s z/: *calça*; *hospitalzinho*;
- g) Nasal labial /m/: *almoço*; *realmente*;
- h) Nasal alveolar /n/: *normalné*; *legalnão*;
- i) Produção de /r/¹⁷: *animalreal*; *milreais*;
- j) Lateral /l/: *difficillargada*; *hotellá*;
- k) Pausa: *tal##*

Espera-se que a análise desse fator apresente papel na produção e preservação da lateral pós-vocálica. Tratando-se especificamente da forma vocalizada, a hipótese levantada é de que as consoantes altas e labiais favoreçam esse processo, assim como observado nos estudos de Quednau (1993), Battisti e Moras (2015) e Costa (2007). Para a manutenção da lateral alveolar, espera-se que os contextos labiodental e alveolar favoreçam mais a produção dessa forma (Espiga, 1997).

3.4.3.3 Posição da lateral

Com o intuito de verificar se a posição em que a lateral pós-vocálica ocupa dentro da palavra influencia ou não nos processos de variação sofridos por esse segmento, objetiva-se observar as seguintes posições, sendo estas:

- a) Interior de palavra (coda medial): *alma*;
- b) Final de palavra (coda final): *animal*;

¹⁷ Essa categoria abrange as formas de produção de /r/ como tepe, retroflexo e vibrante.

A escolha da análise dessa variável foi também embasada em pesquisas anteriores que mostraram a relevância desse grupo de fatores quanto ao fenômeno investigado. Dessa forma, acredita-se que o contexto de interior de palavra favoreça a forma vocalizada, assim como sugerem os resultados obtidos por Quednau (1993), Battisti; Moras (2015) e Nedel (2009). Já a manutenção da lateral alveolar, espera-se que seja mais preservada no final do vocábulo (Quednau, 1997; Nedel, 2009).

3.4.3.4 Posição quanto ao acento

Objetivando averiguar se a posição na sílaba pode ou não apresentar papel na variação da lateral pós-vocálica, consideraram-se os seguintes fatores:

- a) Sílaba tônica: *pólvora; locali; mal*
- b) Sílaba pretônica: *cultura; almoço;*
- c) Sílaba postônica: *diffícil; nível;*

Conforme os estudos revisados (Quednau, 1993; Battisti; Moras, 2015; Nedel, 2009), observa-se que os contextos pretônico e postônico favorecem a aplicação da variante vocalização (Battisti; Moras, 2015; Nedel, 2009), assim como o contextoônico, como relatado por Quednau (1993). Para a manutenção da lateral alveolar, espera-se que a sílaba tônica favoreça mais a aplicação da forma, assim como observado por Espiga (1997) e Tasca (1999).

3.4.3.5 Classe de palavras

Para verificar se a função sintática da palavra pode favorecer ou não a variação de /l/ pós-vocálico, ou preservação da lateral, propõem-se contemplar as seguintes classes morfológicas:

- a) Substantivos: *papeli; jornali;*
- b) Verbos: *almejar; soltar;*
- c) Adjetivos: *alto; horrível;*
- d) Outros: *mali.*

Ao verificar pesquisas anteriores como Costa (2007), Collischonn; Quednau (2009) e Nedel (2009), a variável classe de palavras não se mostrou relevante, não sendo selecionada pelos programas estatísticos utilizados nesses trabalhos. Dentro dessa perspectiva, objetiva-se observar se o presente estudo apresentará resultado semelhante ou se os fatores investigados poderão ter influência sobre os processos de variação analisados, observando se a lateral tende a se mostrar na sua forma plena em alguns grupos de palavras (a exemplo de substantivos).

3.5 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo, vinculado à Sociolinguística Quantitativa, procede uma análise de cunho quantitativo e interpretativo dos dados, com base nas variáveis sociais e linguísticas elencadas. O levantamento e transcrição dos dados obtidos se deu por meio de uma análise de oitiva, observando a forma de produção da lateral pós-vocálica e fazendo o registro desta, com base na codificação de cada variável delimitada.

A análise estatística dos dados obtidos foi realizada por meio do programa Rbrul (versão 3.6.1). Esse é um *software* gratuito, desenvolvido por Daniel Ezra Johnson em 2009, estando disponível no site www.danielezrajohnson.com, juntamente com o manual. A utilização do programa Rbrul proporciona a análise de processos linguísticos por meio de regressões logísticas, permitindo também verificar quais as variáveis apresentam papel na aplicação de variantes, e averiguar o efeito de cada fator das variáveis investigadas. Esse também reconhece arquivos comuns e arquivos token.

O programa foi desenvolvido com o intuito de cumprir três grandes objetivos, sendo estes: (i) realizar todas as funções que as versões Goldvarb e Varbrul realizam (regressão múltipla, tabulação cruzada, *step up/step down*); (ii) realizar funções que as versões Goldvarb e Varbrul não realizam, como suporta preditores contínuos (variáveis independentes), como idade ou frequência lexical; suporta respostas contínuas (variáveis dependentes), como medidas de formantes vocálicos; ajustar-se a modelos mistos (com efeitos aleatórios); considerar correlações por falante e por item para estimar os efeitos entre grupos (como gênero) e os efeitos dentro do grupo (como falante individual); (iii) estabelecer interface com as

capacidades gráficas do R para produzir gráficos que mostram o comportamento individual e por grupo.

Ademais, o programa Rbrul oferece resultados em unidade de peso relativo e *log-odds*. Considera-se o valor de 0.50, apresentado pelo peso relativo, e o valor 0, apresentado pelo log-odds, como ponto neutro. O aparecimento de log-odds positivo e peso relativo superior a 0.50, indicam favorecimento de um fator para a aplicação do processo; enquanto que valores negativos para log-odds e peso relativo abaixo de 0.50 apontam para menor favorecimento do fator investigado.

4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Está seção tem como propósito descrever e discutir os resultados quanto à produção de // pós-vocálico no município de Francisco Beltrão, realizados por meio do levantamento das ocorrências e análises realizadas. Conforme tratado na seção metodológica deste trabalho, a análise do comportamento da lateral pós-vocálica é realizada com base nos dados transcritos de quatorze (14) entrevistas, feitas com informantes nativos, e a codificação dos dados a partir das variáveis investigadas.

Recorda-se que os objetivos deste estudo são observar se na comunidade investigada existe uma inclinação para preservar a lateral alveolar em coda medial e final e identificar as outras formas variantes presentes; ademais, busca-se investigar quais fatores linguísticos e sociais desempenham um papel na ocorrência dos fenômenos observados.

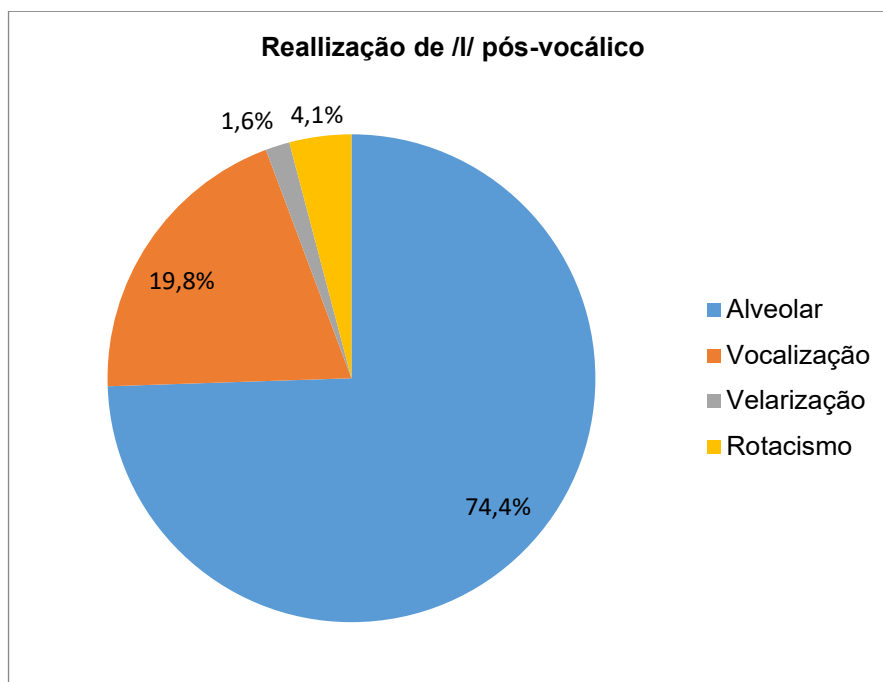
4.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Durante a escuta e transcrição das 14 (quatorze) entrevistas, oito informantes do sexo feminino e seis do sexo masculino, coletadas no município de Francisco Beltrão, Paraná, observou-se quatro formas distintas da realização da lateral pós-vocálica, sendo estas:

- Alveolar *a[l]face*;
- Semivogal *bo[w]sa*;
- Velar *ca[t]mo*;
- Rotacismo *vo[r]tar*.

Ao todo foram registrados 802 vocábulos com a lateral pós-vocálica. Desses, 597 (74,4%) foram produzidos com a lateral alveolar [l], 159 (19,8%) com vocalização [w], 13 (1,6%) velarizadas [t] e 33 (4,1%) com rotacismo [r]. A forma apagamento [Ø] não foi identificada nos dados coletados. Esta distribuição pode ser verificada no gráfico 1:

Gráfico 1 – Formas de realização da lateral pós-vocálica



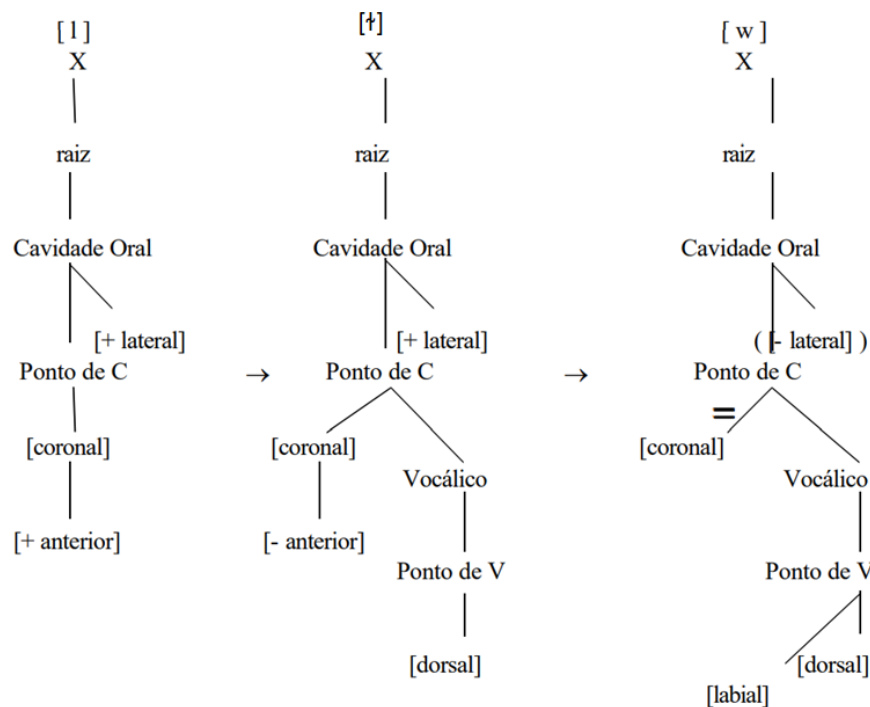
Fonte: elaborado pela autora.

Conforme o Gráfico 1, percebe-se uma maior incidência da manutenção da lateral alveolar, com 74,4% de aplicação. Ainda que o uso dessa tenha se destacado nos dados analisados, nota-se a manifestação de outros fenômenos em menor percentual, como: a vocalização, com 19,8% de aplicação; o rotacismo, com 4,1% de aplicação; e a velarização, com 1,6% de aplicação.

Por esses dados nota-se, em conformidade com a hipótese inicial, uma proporção em percentual significativa de manutenção da lateral pós-vocálica, o que está em concordância com as suposições iniciais baseadas nas observações feitas por Pinho e Margotti (2010), Espiga (1997) e Tasca (2000), os quais destacam uma tendência conservadora em relação ao uso de // na forma alveolar em regiões do Sul do Brasil. A maior propensão a uma manutenção da lateral, difere das contribuições de Nedel (2009), Collischonn e Quednau (2009), Battisti e Moras (2016), pesquisas que observaram maiores índices de produção vocalizada da lateral. Não obstante, se pode evidenciar que há, ainda que não em predominância, o uso da forma vocalizada no município de Francisco Beltrão/PR (19,8%), sugerindo que essa variante está sendo introduzida na comunidade.

Dentro dessa perspectiva, os resultados obtidos neste estudo se baseiam na regra telescópica¹⁸ discutidos por Quednau (1993), Espiga (1997; 2002) e Tasca (1999). De acordo com Hyman (1975), esse processo linguístico se caracteriza pela perda diacrônica de estágios intermediários, em um processo de derivação fonológica. No contexto específico da lateral pós-vocálica, a regra telescópica pode envolver a substituição desse som por alofones (variantes fonéticas) em etapas sucessivas. Nesse sentido, cada variante da lateral pós-vocálica representa um estágio da regra telescópica, distribuindo-se da seguinte maneira:

Figura 4: - Representação geométrica simplificada da regra telescópica da lateral pós-vocálica, em três estágios



Fonte: (Espiga, 1977, p. 42).

Posto isso, nota-se que a regra telescópica pode se desdobrar em fases. Inicialmente, a lateral alveolar [l] está presente, sendo posteriormente substituída, em posição de coda, pelo alofone velar [ɭ]; em seguida, é modulada pela forma vocalizada [w]. Nesse contexto, Quednau (1993) destaca que a manifestação das distintas variantes de [l] pós-vocálico ocorre em grupos específicos, como

¹⁸ "... pode ser definida geralmente como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica" (Hyman, 1975, p. 173, tradução nossa) "... can be defined generally as the loss of an intermediate stage in a phonological derivation" (Hyman, 1975, p. 173).

evidenciado em sua pesquisa, sendo influenciada por diversos fatores sociais, tais como etnia, idade e nível educacional. Espiga (2002) também constatou que a escolha de uma forma em detrimento da outra pode ser motivada pela localização da comunidade estudada e pelo contato desta com diferentes idiomas, como foi exemplificado na região dos Campos Neutrais, conforme analisado pelo autor.

Outrossim, esses resultados também concordam com as análises realizadas por Quednau (1993) e Tasca (2000), no que diz respeito às comparações realizadas por essas sobre a produção da lateral em posição de coda na capital e no interior do estado do Rio Grande do Sul. No que concerne à produção da semivogal [w] e manutenção da lateral alveolar, as autoras observam que nos grandes centros, como Porto Alegre (RS), há uma maior incidência da forma vocalizada. Esse panorama, segundo as autoras, pode estar relacionado com a influência das diferentes etnias que compõem a comunidade. Já em cidades localizadas no interior do estado do Rio Grande do Sul, Quednau (1993) e Tasca (2000) verificaram maior incidência da lateral alveolar e da forma velarizada. Nesse viés, Tasca (2000) também acrescenta que a manifestação mais acentuada da // alveolar é uma característica dos falantes das regiões povoadas por italianos e alemães.

Dentro dessa perspectiva, conforme abordado na seção metodológica, a localidade de Francisco Beltrão/PR se encontra em uma área colonizada por descendentes de italianos, alemães e poloneses, o que reflete uma ampla diversidade étnica em sua composição. Ademais, o município, estando afastado da capital Curitiba e localizado em área relativamente próxima à fronteira com a Argentina, favorece um maior contato dos seus habitantes com o espanhol, o que pode influenciar a emergência de variantes linguísticas distintas das observadas em outras regiões. Esse panorama possivelmente pode ter motivado a preferência dos informantes pela utilização da lateral alveolar em detrimento da sua forma vocalizada.

No que tange às formas velarizada e ao rotacismo, verificou-se uma incidência reduzida dos fenômenos na comunidade estudada. Esse resultado está em consonância com os dados apresentados por Nedel (2009) e Collischonn e Quednau (2009), os quais constaram também poucas ocorrências dessas variantes em seus estudos. Os autores observaram que tais fenômenos linguísticos são identificados especificamente no discurso de alguns participantes, particularmente entre os mais idosos.

Diante desse panorama, a fim de analisar mais detalhadamente a aplicação da vocalização, alveolar, velarização e rotacismo, decidiu-se elaborar um levantamento da realização dessas na fala individual de cada informante apresentado na subseqüente seção.

4.1.1 Análise da lateral // considerando os informantes

Com o intuito de examinar a utilização das formas alveolar, vocalizada, velarizada e rotacismo na fala de cada entrevistado, realizou-se uma análise percentual da incidência desses processos. A seguir, são apresentados os dados, organizados da seguinte maneira: a primeira coluna indica os entrevistados; a segunda indica a quantidade de dados produzidos; as colunas três, quatro, cinco e seis revelam o total de dados registrados para cada variante por entrevistado, juntamente com a respectiva porcentagem.

Quadro 3 – formas de realização da // para cada informante

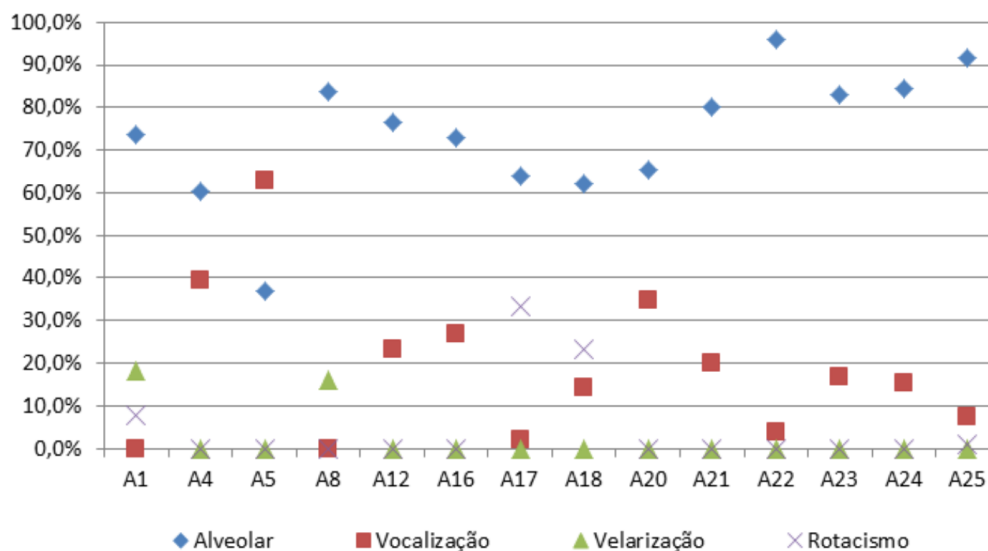
Informante	Número de dados	[l]	[w]	[ʎ]	[r]
A1	38	28 73,6%	-	7 18,4%	3 7,8%
A4	43	26 60,4%	17 39,5%	-	-
A5	70	26 37%	44 62,8%	-	-
A8	37	31 83,7%	-	6 16,2%	-
A12	77	59 76,6%	18 23,3%	-	-
A16	48	35 72,9%	13 27%	-	-
A17	39	25 64%	1 2%	-	13 33,3%
A18	69	43 62,3%	10 14,4%	-	16 23,1%

A20	46	30 65,2%	16 34,7	-	-
A21	60	48 80%	12 20%	-	-
A22	49	47 95,9%	2 4%	-	-
A23	53	44 83%	9 16,6%	-	-
A24	52	44 84,6%	8 15,3%	-	-
A25	121	111 91,7%	9 7,4%	-	1 0,8%
Total de dados	802	597 74,4%	159 19,8%	13 1,6%	33 4,1%

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 4 detalha a quantidade e os percentuais relativos às produções de lateral pós-vocálica por cada participante da amostra. Nota-se que a variante lateral alveolar foi mais utilizada pelos informantes A22 (95,9%), A25 (91,7%) e A21 (80%); enquanto o informante A5 a empregou em menor proporção, com apenas 37% de aplicação. Em relação à vocalização, esta foi mais frequente entre os informantes A5 (62,8%), A4 (39,5%) e A12 (23,2%), sendo ausente na fala de A1 e A8. Quanto à velarização, foi identificada na fala de A1 e A8, com percentuais de 18,4% e 16,2%, respectivamente, não sendo observada nos demais. No que diz respeito ao rotacismo, foi registrado apenas nas falas de A17 (33,3%), A18 (23,1%), A1 (7,8%) e A25 (0,8%). Visando uma melhor compreensão e comparação das ocorrências desses fenômenos linguísticos entre os informantes, elaborou-se um gráfico. Este gráfico dispõe, no eixo horizontal, os informantes, e no eixo vertical, o percentual de realização dessas produções, como ilustrado a seguir.

Gráfico 2 – realização de // por cada informante



Fonte: elaborado pela autora.

Conforme evidenciado no gráfico 2, os informantes que demonstraram maior preservação da lateral alveolar foram A25, A12, A21 e A22. Estes apresentam algumas características sociais em comum, todos possuindo ensino médio completo. Os informantes A22 e A25 são do sexo masculino, com etnia brasileira, enquanto A12 e A21 são do sexo feminino e de etnia italiana. Em relação à faixa etária, A21 e A25 situam-se no grupo dos jovens, com idades entre 18 e 29 anos; A12 pertence ao grupo dos adultos, com idades entre 30 e 59 anos; e A22 ao grupo dos idosos (com 60 anos ou mais). Em relação à idade, destaca-se que a preservação da lateral está presente em todas as faixas etárias, sendo manifestada por jovens, adultos e idosos.

No que se refere à vocalização, os informantes A5, A12 e A4 foram os que mais evidenciaram o processo. Todos possuem ensino médio completo, sendo que tanto o informante A5 quanto o informante A4 são do sexo masculino e de etnia brasileira, enquanto A12 é do sexo feminino e de etnia italiana. A12 e A4 estão inseridos no grupo de faixa etária entre 29 e 59 anos, enquanto o informante A5 pertence ao grupo de jovens, com idades entre 18 e 29 anos. Esses resultados descritivos quanto à produção da lateral por informante, demonstram estarem os mais jovens fazendo uso da variante vocalização, dado que corrobora com o estudo conduzido por Nedel (2009) e Battisti e Moras (2015), os quais sugerem que falantes mais jovens e com maior grau de escolaridade tendem a realizar mais a forma vocalizada.

Tratando-se da velarização, essa foi produzida apenas pelos informantes A1 e A8. Ambos possuem mais de 60 anos e ensino fundamental, diferenciando apenas o gênero e a etnia. Enquanto o A1 é do sexo masculino e de etnia brasileira, a informante A8 é do sexo feminino e de etnia italiana. Esses resultados corroboram com a hipótese levantada a partir de Collischonn e Quednau (2009) e Battisti e Moras (2015), de que os informantes mais velhos e com menor nível de escolarização realizariam mais o fenômeno. Esses também não empregaram a forma vocalizada da lateral, optando pela realização de /l/ pós-vocálico na forma alveolar.

Semelhante caso pode ser averiguado com a variante rotacismo, vista principalmente na fala de dois informantes, sendo estes A17 e A18. Ambos possuem ensino fundamental, com etnia brasileira. A17 é do gênero feminino, com mais de 60 anos e, A18, é masculino com 56 anos de idade. O resultado age de acordo com o esperado, com base nas pesquisas realizadas por Costa (2007) e Quednau (1993), de que informantes mais velhos e com menor nível de escolarização, produziram mais o rotacismo. Esses também fizeram pouco uso da forma vocalizada: A18 obteve 10 ocorrências e A17 apenas uma ocorrência. A troca de /l/ por /r/ em posição de coda de sílaba também pode ser verificada na fala dos informantes A1 e A25, porém em menor frequência, registrando três (*a[l]face* ~ *a[r]face*, *vo[l]ta* ~ *vo[r]ta* e *calcu[l]adora* ~ *ca[r]culadora*) e uma (*vo[l]ta* ~ *vo[r]ta*) ocorrências, respectivamente. Dessa forma, destaca-se o uso do fenômeno por parte do informante A25 em *voltar* ~ *vortar*.

Neste contexto, foi notado que a forma alveolar foi mais prevalente entre os falantes que constituem a amostra em termos percentuais, em comparação com outras formas de realização. Portanto, na análise dos dados usando o programa computacional *Rbrul*, a forma alveolar foi tratada como variável dependente em relação às demais formas de produção agrupadas, que incluem vocalização, rotacismo e velarização. Os resultados dessas análises são examinados nas seções seguintes.

4.2 ANÁLISE DOS GRUPOS DE FATORES

4.2.1 Tomada de decisões para a primeira rodada

Na primeira rodada, todas as variáveis foram incorporadas, abrangendo sexo, faixa etária, escolaridade, etnia, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, posição na palavra, acento e classe de palavra. Após uma análise dos dados e cruzamentos para visualizar a distribuição em células, optou-se, nesta fase inicial, por agrupar os seguintes elementos, utilizando a função de recodificação do programa. Quanto à variável contexto fonológico seguinte, decidimos considerar os seguintes fatores:

Oclusivas bilabiais + alveolares e velares = oclusivas

Fricativas labiodentais + fricativas alveolares = fricativas

Nasal labial + nasal velar = nasais

Lateral + 'r' (vibrante ou tepe) = r

Vogais = vogais

Pausa = pausa

Posto isso, na primeira rodada, incluindo todas as variáveis, o programa selecionou: contexto fonológico precedente, localização na palavra e acento. Nesta primeira rodada, nenhuma variável social foi selecionada. Devido ao programa ter selecionado poucas variáveis na primeira rodada e com o intuito de observar o papel das outras variáveis, especialmente as variáveis sociais, não selecionadas na rodada inicial, decidiu-se por uma segunda rodada. Para isso algumas decisões foram tomadas, com base nas seguintes observações:

- (1) Não rodar as variáveis sociais idade e escolaridade juntas, uma vez que os cruzamentos mostraram a ocorrência de células vazias para o fator idade 'a' (grupo dos mais jovens) com ensino fundamental;
- (2) Não rodar juntas as variáveis sexo e etnia, pela ocorrência de células vazias nos fatores italianos e poloneses com ensino médio;

(3) Excluir o fator poloneses – por haver apenas um informante polonês, ocasionando células vazias quando cruzada a variável com outras variáveis sociais (ex.: escolaridade e idade).

A partir desses critérios, as seguintes variáveis foram levadas em consideração na segunda rodada: escolaridade, etnia, posição na palavra, contexto fonológico precedente, acento (com amalgamação = átonas x tônicas) e classe gramatical (com amalgamação dos grupos de fatores adjetivos e advérbios). Posteriormente, o programa considerou as variáveis contexto fonológico precedente, classe gramatical e etnia.

Ainda se optou por conduzir uma terceira rodada, levando em conta o fato de que eram necessárias rodadas diferentes para incluir os grupos de fatores que não poderiam ser rodados juntos (como explicado nos itens (1), (2) e (3). Nesse processo, novas decisões foram tomadas, levando em consideração as seguintes variáveis: sexo, idade, contexto fonológico precedente (sem amálgama), contexto fonológico seguinte (com amálgamas), posição da lateral e classe de palavras. Ou seja, nessa terceira rodada, incluímos variáveis sociais que não foram incluídas na segunda.

O programa *Rbrul*, seguindo esses critérios, selecionou as variáveis contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e posição da lateral. A seguir, os resultados obtidos com base nas três análises que realizamos das variáveis e consideradas as decisões tomadas a partir de amálgamas e exclusão de grupos de fatores.

4.2.1.1 Contexto fonológico precedente

A primeira variável selecionada pelo programa *Rbrul* como relevante para a manutenção da lateral alveolar foi o contexto fonológico precedente. A seguir, na Tabela 1, são apresentados os resultados obtidos ao analisar esta variável.

Tabela 1 – Efeito da variável contexto fonológico precedente

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
/u/ <i>sultão</i>	79/87	90%	0.75	1.098
/o/	65/81	81%	0.60	0.409

<i>solto</i>				
/ɔ/ <i>volta</i>	46/58	77%	0.54	0.155
/ɛ/ <i>fel</i>	18/25	76%	0.45	-0.202
/a/ <i>caldeira</i>	350/494	70%	0.43	-0.286
/e/ <i>saudável</i>	14/21	66%	0.36	-0.556
/i/ <i>gentil</i>	24/36	66%	0.35	-0.618

Log.likelihood: - 436.027

Grau de liberdade = (8)

Fonte: elaborada pela autora.

Conforme apresentado na Tabela 1, observa-se que as vogais /u/, peso relativo 0.75, e /o/ peso relativo 0.60, são as que mais favorecem a manutenção da lateral alveolar. Este resultado corrobora com as pesquisas realizadas por Espiga (1997) e Quednau (1993), que ressaltam a importância da vogal /u/ como um fator que favorece a manutenção da lateral no contexto fonológico precedente. Em contraste, as vogais /e/, peso relativo 0.36, e /i/, peso relativo 0.35, parecem inibir o processo, apresentando pesos relativos mais baixos. As demais vogais - /a/, /ɔ/ e /ɛ/ - exibem pesos relativos próximos ao ponto neutro, não mostrando relevância para a aplicação da forma.

4.2.1.2 Posição da lateral

A segunda variável considerada relevante pelo programa na aplicação da forma alveolar foi a localização na palavra. Os resultados correspondentes podem ser visualizados na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Efeito da variável posição da lateral

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
Final do vocábulo <i>saudável</i>	287/360	79%	0.60	0.388
Interior <i>bolsa</i>	310/442	70%	0.40	-0.388

Log.likelihood: - 436.027

Grau de liberdade = (8)

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 2, observa-se que a posição final da palavra favorece mais a manutenção da lateral alveolar, com um peso relativo de 0.60, em comparação com a posição interior, que possui um peso relativo de 0.40. Esses resultados corroboram com estudos anteriores realizados por Quednau (1993), os quais constataram uma maior ocorrência da forma alveolar na posição final das palavras, como em *sa[l]*.

4.2.1.3 Acento

Conforme apresentado pela Tabela 3, a seguir, observa-se que a variante alveolar foi mais favorecida em contexto pretônico, peso relativo de 0.66, seguido peloônico, peso relativo de 0.53. Já o contexto postônico, desfavoreceu a aplicação da forma, com peso relativo de 0.31.

Tabela 3 – efeito da variável Acento

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
Pretônica <i>cultura</i>	147/196	75%	0.66	0.655
Tônica <i>pólvora</i>	429/570	75%	0.53	0.127
Postônica <i>nível</i>	21/36	58%	0.31	-0.783

Log.likelihood: - 436.027

Grau de liberdade= (8)

Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados concordam em parte com a hipótese inicial levantada, baseada nos estudos realizados por Espiga (1997) e Tasca (1999). Dentro dessa perspectiva, esperava-se que o fatorônico favorecesse mais a aplicação da forma alveolar; porém, o fator pretônico foi o que mais se destacou.

4.2.1.4 Classe de palavra

Na segunda rodada, a variável classe de palavra foi a segunda variável selecionada pelo programa. Os resultados obtidos, podem ser observados na Tabela 4.

Tabela 4 – efeito da variável classe de palavra

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
Substantivo	401/508	76%	0.58	0.327
Outras (adjetivo, advérbios)	155/194	75%	0.57	0.271
Verbos	41/54	63%	0.35	-0.598

Log.likelihood: -408.979

Grau de liberdade = (9)

Fonte: elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 4, é evidente que o grupo dos substantivos e o grupo designado como "outros", que inclui adjetivos e advérbios, são os que mais favorecem a manutenção da lateral alveolar, com pesos relativos de 0.58 e 0.57, respectivamente. Por outro lado, a classe gramatical dos verbos parece desfavorecer a aplicação dessa forma, apresentando peso relativo de apenas 0.35.

Diante desse resultado, optou-se por conduzir um levantamento para identificar em quais vocábulos a forma alveolar foi mais frequente. Este pode ser observado no quadro 4:

Quadro 4 – Aplicação da lateral alveolar conforme item lexical

Realização da lateral alveolar		
Classe gramatical	Item lexical	Ocorrências
Substantivos	Azul	59
	Bolsa	38
	Varal	35
	Balde	31
	Alface	24
	Calça	18
	Calçado	14
	Anel	12
	Anzol	12
	Jornal	11
	Alfinete	10
Outros (adjetivo, advérbios)	Mal	19
	Algum (derivações)	11
	Difícil	10
	Calmo	8

	Legal	6
	Alto	6
	Igual	6
Verbos	Voltar (conjugações)	27
	Soltar (conjugações)	18
	Faltar (conjugações)	5

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme exposto no Quadro 4, o levantamento revelou que os vocábulos "azul" (com 59 ocorrências), "bolsa" (com 38 ocorrências), "varal" (com 35 ocorrências), "balde" (com 31 ocorrências), o verbo "voltar", incluindo suas conjugações (com 27 ocorrências) e o verbo "soltar", com conjugações (18 ocorrências), foram os termos mais frequentes produzidos na forma alveolar. Pode-se também notar a aplicação dessa variante nos itens "algum" e as suas conjugações (11 ocorrências), "difícil" (10 ocorrências) e "calmo" (8 ocorrências). Ademais, observou-se a realização da lateral alveolar em outros vocábulos, porém com menor frequência. A formação desse cenário pode ter sido influenciada pela natureza dos instrumentos utilizados durante as entrevistas, os quais frequentemente apresentavam imagens sugestivas para a produção das palavras mencionadas e essas incluíam em maior número dados com substantivos (ex.: bolsa, alface, anel). O uso de verbos, por sua vez, apareceu mais nas entrevistas finais, de fala espontânea.

4.2.1.5 Contexto fonológico seguinte

A variável contexto fonológico seguinte foi a segunda variável selecionada pelo programa na terceira rodada. Os resultados obtidos podem ser visualizados na tabela abaixo.

Tabela 5 – efeito da variável contexto fonológico seguinte

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
Fricativas ([f], [s]) <i>Olfato; alça</i>	136/178	76%	0.58	0.332
Vogais <i>Difícil é</i>	18/21	86%	0.57	0.310
Nasais ([m], [n]) <i>Almondegas; legal né</i>	58/79	73%	0.54	0.167
Oclusivas ([b], [t], [k]) <i>Balbúrdia; alternativa</i>	180/262	69%	0.44	-0.254
Pausa	204/262	77%	0.36	-0.556

Log.likelihood: - 435.704

Grau de liberdade = (14)

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os dados apresentados na tabela acima, é evidente que as fricativas ([f], [s]) e as vogais representam os contextos que mais favorecem a aplicação da forma alveolar, com pesos relativos de 0.58 e 0.57, respectivamente. Esses resultados sustentam, em certa medida, a hipótese inicial, baseada em Espiga (1997), que indicou uma preferência para o contexto seguinte à fricativa [f]. Por outro lado, as oclusivas ([b], [t], [k]), com peso relativo de 0.44, e o contexto de pausa, com peso relativo de 0.36, parecem não favorecer a manutenção da lateral alveolar. Já as nasais ([m], [n]), com peso relativo de 0.54, aparentemente não influenciam na aplicação ou não da forma alveolar, exibindo um peso relativo próximo ao ponto neutro.

4.2.1.6 Etnia

A variável etnia foi a última selecionada como relevante pela segunda rodada realizada no programa Rbrul. Os resultados dessa podem ser visualizados na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – efeito da variável etnia

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
Italianos	182/227	80%	0.55	0.204
Brasileiros	385/529	72%	0.45	-0.204

Log.likelihood: -408.979

Grau de liberdade = (9)

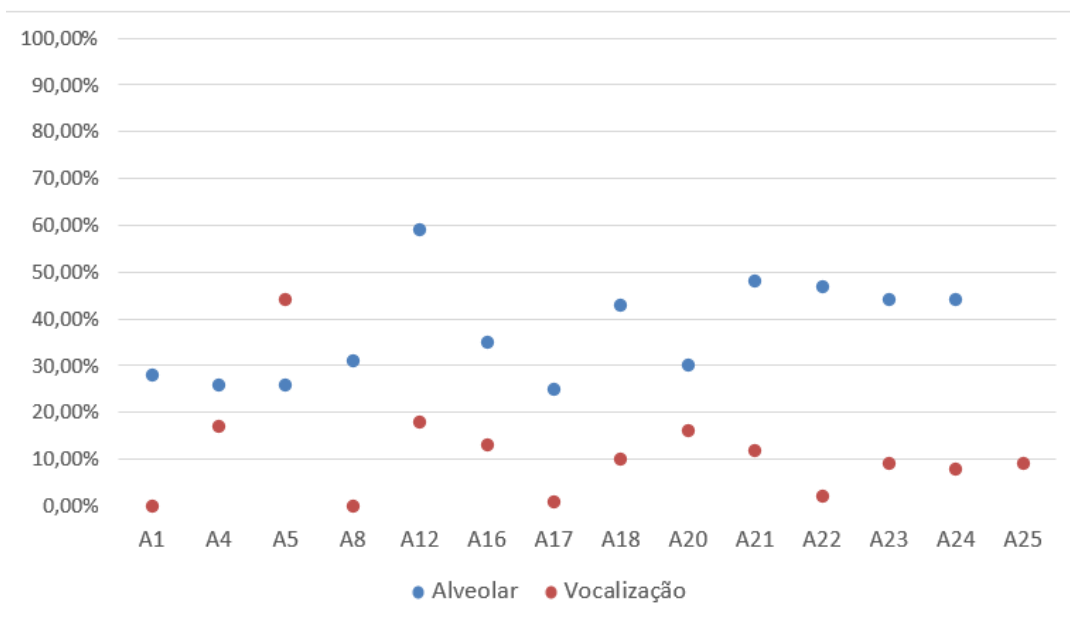
Fonte: elaborada pela autora.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 5, os italianos evidenciam uma inclinação para a manutenção da lateral alveolar, representando um peso relativo de 0.55, em contraste com os brasileiros, que exibem um peso relativo de 0.45. Como mencionado anteriormente, o grupo dos poloneses foi excluído devido à presença de apenas um informante dessa etnia (informante A20). No entanto, uma análise foi conduzida para examinar as distintas manifestações de // pós-vocálica na fala desse informante, que registrou um total de 46 dados. Entre estes, 30 foram produzidos com a forma alveolar e 16 com a forma vocalizada.

4.3 PRESERVAÇÃO DA LATERAL X VOCALIZAÇÃO

Conforme exposto nas seções anteriores referentes aos resultados, a variante vocalização, depois da manutenção da alveolar, foi a segunda forma com maior recorrência nos dados obtidos. Por hipótese, o uso dessa variante tem avançado no município, se espalhando especialmente entre as gerações mais jovens (cf.: quadro 3, na seção anterior). Ou seja, ainda que não se tenha observado um uso tão recorrente da vocalização como se atesta em outras regiões do Brasil (Quednau, 1993; Pinho; Margotti, 2010; Nedel, 2009), essa variante está sendo introduzida na comunidade. À vista disso, decidiu-se realizar uma rodada considerando a preservação da lateral e a vocalização, excluindo nessa rodada os dados produzidos com outras formas variantes. Como essas foram as ocorrências com maior número de dados na amostra, contou-se com um total de 756 dados. Desse total, a preservação da lateral representa um percentual de 79% da amostra, enquanto a vocalização representa um total de 21%. Tais dados confirmam as hipóteses anteriores sobre maior produção da preservação da lateral, mas estando também presente a forma vocalizada. A manifestação desses fenômenos na fala individual de cada informante, pode ser verificada no gráfico, a seguir.

Gráfico 3 – Realização da lateral alveolar e vocalização para cada informante.



Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma, conforme mencionado na seção 4.1.1 e evidenciado no gráfico 3 acima, observa-se que os informantes A5, A12 e A4 foram os que mais evidenciaram o uso da vocalização. Já os informantes A8 e A17 não fizeram uso do fenômeno. No que se refere ao uso da lateral alveolar, os informantes que demonstraram maior preservação da lateral alveolar foram A25, A12, A21 e A22. E os menores índices foram observados na fala do informante A5, A4 e A18.

No intuito de observar quais os grupos de fatores podem favorecer uma ou outra forma, na análise foram incluídas as seguintes variáveis: sexo, escolaridade, etnia (excluindo os poloneses), contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte (com amálgamas), localização da lateral, acento (com amálgamas), classe de palavras (com amálgamas). Ao final, o programa identificou apenas duas variáveis relevantes para o uso da preservação da lateral, que são: contexto fonológico precedente e escolaridade.

4.3.1 Contexto fonológico precedente

A variável contexto fonológico precedente foi a primeira selecionada nesta rodada. Semelhante caso se sucedeu na primeira, segunda e terceira rodada, discutidas anteriormente. Em sequência, expõem-se os resultados obtidos nesta análise.

Tabela 7 – efeitos da variável contexto fonológico precedente

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
/o/ <i>soldado</i>	58/	93%	0.72	0.985
/u/ <i>sul</i>	87/	92%	0.71	0.925
/ɔ/ <i>sol</i>	68/	85%	0.54	0.168
/ɛ/ <i>mel</i>	26/	80%	0.48	- 0.072
/a/ <i>alfinete</i>	462/	75%	0.39	- 0.417
/e/ <i>túnel</i>	20/	65%	0.32	- 0.755
/i/ <i>filme</i>	35/	65%	0.30	- 0.834

Log.likelihood: -364.828

Grau de liberdade = (8)

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 7, nota-se que as vogais /o/ e /u/ são as que mais favorecem a aplicação da lateral alveolar, exibindo 0.72 e 0.71 de peso relativo, respectivamente. Já as vogais /a/, peso relativo 0.39, /e/, peso relativo 0.32, e /i/, peso relativo 0.30, parecem desfavorecer o processo. As vogais /ɛ/ e /ɔ/ parecem não influenciar na manutenção da alveolar, apresentado pesos relativos próximos ao ponto neutro, sendo respectivamente 0.54 e 0.48.

4.3.2 Escolaridade

A variável escolaridade não tinha sido selecionada até o momento, apenas quando as variantes manutenção da alveolar e vocalização foram confrontadas, o que pode indicar, como revelam pesquisas anteriores (Quednau, 1993; Nedel, 2009), o papel dessa variável quando considerada a vocalização. Dessa forma, os resultados obtidos podem ser visualizados, a seguir.

Tabela 8 – efeito da variável escolaridade

Fator	Aplicação/total	Percentual de aplicação	Peso relativo	Log-Ods
Fundamental	138	92%	0.64	0.612
Médio ou superior	618	76%	0.35	- 0.612

Log.likelihood: -364.828

Grau de liberdade = (8)

Fonte: elaborada pela autora.

Conforme a Tabela 8, é possível observar que a manutenção da forma alveolar está mais presente na fala de informantes com ensino fundamental, com peso relativo de 0.64, em relação aos informantes com ensino médio e/ou superior, com peso relativo de 0.35. Esses resultados corroboram com a hipótese inicial levantada, com base em Espiga (1997) e Tasca (1999), de que falantes com menor nível de escolaridade tendem a utilizar mais a forma alveolar, enquanto informantes com maior escolaridade têm uma tendência a preferir a forma vocalizada.

4.4 APONTAMENTOS SOBRE A PRESERVAÇÃO DA LATERAL EM FRANCISCO BELTRÃO/PR

Durante a realização das rodadas no programa estatístico *Rbrul*, considerada a variável dependente a manutenção da lateral pós-vocálica, percebeu-se o predomínio dessa variante em detrimento das demais formas. Esse resultado, consideradas as características da cidade de Francisco Beltrão/PR, ressaltadas na seção de metodologia, tais como: (i) formação por diferentes grupos étnicos (muitos deles instalados primeiramente no estado do Rio Grande do Sul); aspectos culturais e socioeconômicos da região, atividades desenvolvidas na base de agricultura e comércio.

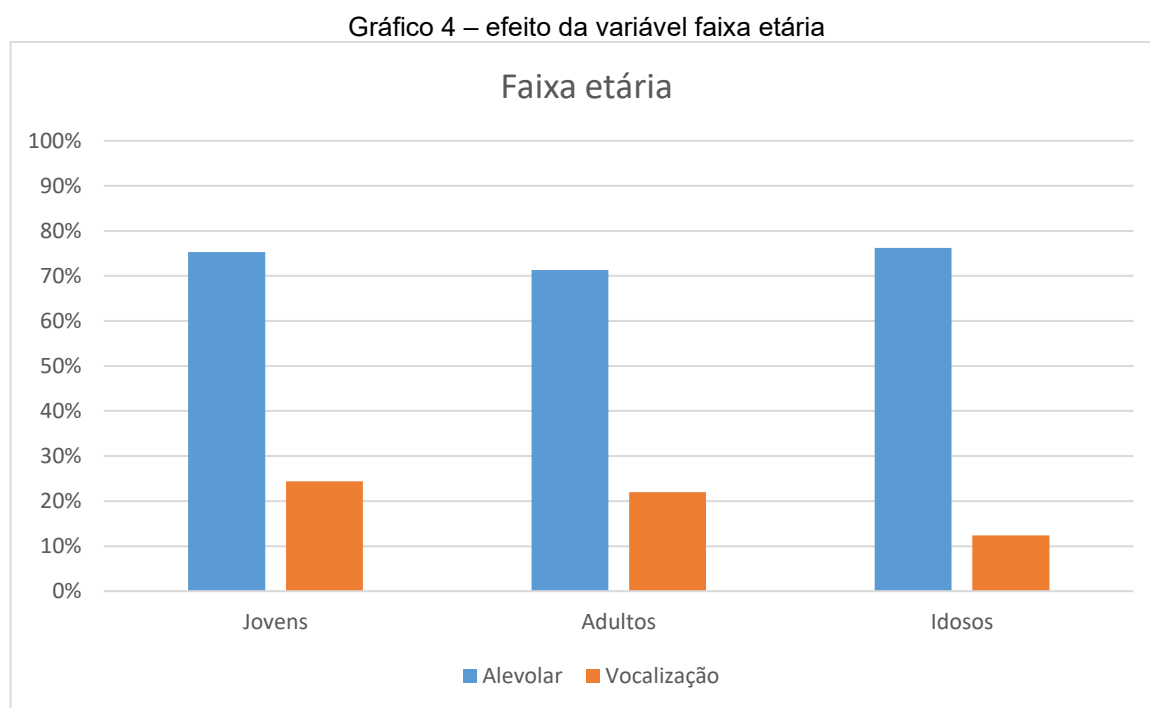
Nas análises em que se considerou a variável dependente preservação da lateral, as variáveis sexo e faixa etária não tiveram um papel muito expressivo. Ao revisar alguns estudos anteriores sobre a realização da lateral pós-vocálica, percebeu-se que essas variáveis também não foram consideradas relevantes na análise realizada sobre as diferentes formas de produção desse fonema. A exemplo disso, menciona-se Quednau (1993) e Quednau; Hahn (2007) que não atribuíram um papel significativo à variável faixa etária na produção de /l/ pós-vocálico. Semelhante caso pode ser averiguado com a variável sexo, que também não foi selecionada pelos programas utilizados nas análises de Costa (2007) e Quednau; Hahn (2007).

Dentro dessa perspectiva, para observar como a lateral pós-vocálica se manifesta nesses fatores, decidiu-se fazer um levantamento percentual, especificamente dos fenômenos de manutenção da lateral alveolar e de vocalização.

As variantes velarização e rotacismo não foram incluídas, devido às suas baixas produções nos dados registrados. A seguir, esses serão apresentados.

4.4.1 Faixa etária

Ao realizar o levantamento percentual sobre a manifestação das variantes vocalização e forma alveolar, verificou-se que a faixa etária dos jovens produziu 75.3% (229 dados) com a lateral alveolar e 24.4% da forma vocalizada (74 dados); o grupo dos adultos registrou um percentual de 71,3% (172 dados) da forma alveolar e 22% da vocalizada (53 dados); o grupo dos idosos produziu 76,2% (196 dados) da forma alveolar e 12,4% (32 dados) da forma vocalizada. Esses resultados são expressos no gráfico 3, a seguir.



Os resultados expostos concordam com os estudos realizados anteriormente. Assim como Espiga (1997), Costa (2007), Collischonn; Quednau (2009), Nedel (2009) e Battisti; Moras (2015) neste estudo também se observou maior manifestação da forma vocalizada na fala de informantes mais jovens com idade entre 18 e 29 anos. Já a forma alveolar aparenta estar distribuída de forma equilibrada entre as diferentes faixas etárias, destacando-se sutilmente no discurso

de informantes mais velhos, de 60 anos ou mais, assim como nos estudos realizados por Espiga (1997) e Tasca (1999).

4.4.2 Sexo

No levantamento realizado na amostra, verificou-se uma baixa diferença em percentual quanto a aplicação de ambas as formas, alveolar e vocalização, entre os sexos masculino e feminino. No entanto, para a manutenção da lateral alveolar, observou-se que essa foi mais realizada pelo público feminino, percentual de 76,6%, do que o público masculino, percentual de 72%. Já a variante vocalização foi mais aplicada por homens, percentual de 21%, do que mulheres, percentual de 18,6%.

Tabela 9 – efeito da variável sexo

Sexo	Alveolar	Vocalização
Masculino	281/390 72%	82/390 21%
Feminino	316/412 76,6%	77/412 18,6%

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se que a diferença em percentual entre os sexos não foi tão expressiva (o que levou a variável a não ser selecionada). Esperava-se, com base em Quednau (1993), Collischonn; Quednau (2009) e Nedel (2009) que a vocalização ocorresse mais na fala de informantes do sexo feminino, e que a alveolar fosse mais registrada na fala de integrantes do sexo masculino (Tasca, 1999).

A análise estatística conduzida com o programa *Rbrul* sobre a produção da lateral pós-vocálica revelou que o contexto fonológico precedente emergiu como o fator mais influente, destacando sua relevância na determinação da variante. As vogais /u/ e /o/ apresentaram-se como particularmente significativas. Adicionalmente, variáveis como posição da lateral, acento, classe de palavra, etnia e contexto fonológico seguinte desempenharam papéis importantes na manutenção da lateral pós-vocálica.

Em relação à posição da lateral, observou-se que ela é mais favorecida quando // ocorre no final das palavras. Quanto ao acento, a variante foi mais

frequente em sílabas pretônicas, enquanto no que diz respeito à classe de palavra, a aplicação da forma alveolar foi preferencial para substantivos. No contexto fonológico seguinte e na etnia, verificou-se que a forma alveolar é mais favorecida em contextos de fricativas ([f], [s]) e vogais, bem como entre falantes descendentes de italianos.

Assim, ao analisar especificamente os resultados encontrados em Francisco Beltrão/PR, sugere-se que, embora a lateral alveolar tenha sido a mais comumente produzida, a forma vocalizada, que apresentou o segundo maior percentual de ocorrência na amostra, com percentual de 19,8%, emerge na fala dos informantes; já a forma velarizada foi pouco produzida, podendo essa variante estar desaparecendo da comunidade investigada de acordo com os dados. Esse cenário pode indicar a regra telescópica na comunidade investigada, na qual a presença de diferentes formas de produção de // pós-vocálico pode ser influenciada por fatores linguísticos e sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objeto de estudo a investigação da produção da lateral pós-vocálica na fala de 14 (quatorze) participantes residentes do município de Francisco Beltrão, Paraná, fornecendo uma descrição do fenômeno nessa região, com base em aspectos linguísticos e sociais. Para a coleta dos dados de fala e a realização das entrevistas, foram elaborados três instrumentos, sendo estes: (i) nomeação e descrição das imagens, (ii) produção de frases e (iii) conversa informal sobre temas diversos.

A pesquisa teve como objetivo geral, seguindo a proposta da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972), apresentar o comportamento das distintas formas de produção do // pós-vocálico em Francisco Beltrão/PR, realizando a descrição e análise das formas em uso na comunidade, bem como a análise dos fatores linguísticos e sociais que poderiam estar associados às diferentes ocorrências. No que se refere aos objetivos específicos teve-se: (i) observar se haveria tendência à preservação da lateral pós-vocálica no município, e quais outras formas variantes estariam competindo com essa; (ii) averiguar quais os fatores linguísticos e sociais manifestariam papel na ocorrência dos fenômenos observados.

Esta pesquisa se justifica pela contribuição que os estudos vinculados à Sociolinguística oferecem para a descrição e entendimento dos fenômenos linguísticos nas formas atuais da língua. Os estudos nesse campo visam compreender a heterogeneidade da língua e os aspectos linguísticos e sociais subjacentes a esse processo. Ao seguir uma concepção heterogênea de língua, essas investigações são baseadas em dados de fala real, coletados em comunidades de fala, considerando toda a formação histórico-social dessas comunidades e de seus falantes.

Dentro dessa perspectiva, como evidenciado ao longo da pesquisa, a variação da lateral pós-vocálica pode ser identificada historicamente, desde o latim, sendo também observada em diversas línguas, incluindo inglês, francês, polonês e catalão (Leite De Vasconcellos, 1911). No contexto do português brasileiro são observadas cinco ou mais realizações, tais como: alveolar [l], velar [ɫ], vocalizada [w], apagamento [Ø] e rotacismo [r]. De acordo com Pinho e Margotti (2010), Espiga (2001) e Silva (2002), verifica-se que a vocalização é o fenômeno predominante em quase todo o território, com exceção da região sul, que apresenta maior

conservadorismo da lateral plena ou da forma velarizada, e menores percentuais de aplicação da forma vocalizada em comparação com a outras regiões do Brasil.

Ao revisar pesquisas anteriores realizadas nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na região sul do Brasil (Quednau, 1993; Espiga, 1997; Tasca, 1999; Costa, 2007; Hahn; Quednau, 2007; Collischonn; Quednau, 2009; Nedel, 2009; Battisti; Moras, 2015), constatou-se que as formas mais frequentes registradas nesses estados foram a preservação da lateral, a forma vocalizada, velarizada e rotacismo. O apagamento da lateral pós-vocálica também foi observado, mas com baixos percentuais de ocorrência.

A manutenção da lateral alveolar e a produção da forma velarizada foram registradas nos estudos de Espiga (1997; 2001), Tasca (1999) e Collischonn e Quednau (2007) nas cidades de Irati (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS), Chuí (RS), Panambi (RS), Flores da Cunha (RS) e São Borja (RS), como predominantes. Essas variações são especialmente notáveis em: dialetos fronteiriços, devido ao contato do português com o espanhol; variedades dialetais de municípios distantes dos grandes centros urbanos ou capitais; regiões que sofrem influências dialetais por diversidades étnicas.

No que se refere aos fatores sociais e linguísticos que podem influenciar na constituição desse cenário, observa-se que a vocalização parece estar mais presente nos grupos de falantes mais jovens e com maior escolaridade (Costa, 2007; Collischonn; Quednau, 2009; Nedel, 2009); nos demais grupos, falantes mais velhos e com menor escolaridade, ainda há preferência pela preservação da lateral e também pelo uso de outras variantes, como a forma velarizada (Pinho; Margotti, 2010, Espiga, 1997; Tasca, 1999). Além disso, a região e sua formação étnica também desempenham papel importante: resultados apontam ainda para a preservação da lateral, por exemplo, em variedades de fala mais ao sul do Brasil com formação étnica italiana (Collischonn; Quednau, 2009; Pinho; Margotti, 2010; Tasca, 1999). Quanto às variáveis linguísticas, as mais relevantes para a aplicação da forma vocalizada foram: a posição da lateral, o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte e o acento. De modo geral, houve um favorecimento para o uso da variante em sufixos e um desfavorecimento para a vogal precedente /u/.

Ao olhar especificamente para os dados de fala coletados no município de Francisco Beltrão-PR, foram reconhecidas quatro dessas variantes: alveolar,

vocalização, velarização e rotacismo. Nesses, confirmou-se a hipótese inicial, embasada nos estudos de Pinho e Margotti (2010), Machry da Silva; Borghelott; de Andrade (2020) e Espiga (2001), de que os residentes de Francisco Beltrão apresentariam uma tendência para preservar a forma alveolar, registrando um percentual de aplicação de 74,4% nos dados coletados. As outras variantes totalizaram um percentual de 25,6% de aplicação, divididas em 19,8% de vocalização [w], 1,6% de velarização [ɰ] e 4,1% de rotacismo [r].

Acredita-se que esse resultado, com maior propensão à preservação da forma alveolar, possa ter sido influenciado por fatores como: (i) a diversidade étnico histórica, sendo uma região formada por migrantes italianos, alemães e poloneses, inicialmente instalados no Rio Grande do Sul; (ii) a localização geográfica do município, estando esse próximo à fronteira com a Argentina, o que propicia um maior contato com a língua espanhola.

Os dados foram analisados quantitativamente utilizando o programa *Rbrul*. No total, foram conduzidas quatro rodadas de análise. Nas três primeiras rodadas, a forma alveolar foi considerada como a variável dependente em comparação com as outras produções (vocalização, rotacismo e velarização). Em todas essas diferentes rodadas, a variável do contexto fonológico precedente foi selecionada, revelando resultados consistentes com a hipótese inicial levantada, que sugere que a vogal /u/ atua como um fator favorecedor na manutenção da lateral. Em contraste, as vogais /e/ e /i/ parecem inibir o processo, exibindo pesos relativos mais baixos.

A posição da lateral na palavra foi uma variável também considerada relevante. Os resultados para essa variável, alinhados com a hipótese inicialmente proposta, revelaram um favorecimento na produção da forma alveolar quando a lateral estava situada na posição final da palavra. Quanto ao fator acento, se observou que o contexto pretônico favorece a variante alveolar, enquanto o contexto postônico a desfavorece.

No que tange à variável classe de palavra, foi notado que, dentre as categorias, os substantivos e o grupo denominado "outros", composto por adjetivos e advérbios, tendem a favorecer mais a preservação da lateral alveolar. Por outro lado, os verbos parecem desfavorecer o uso desta forma. Durante a análise para determinar em quais vocábulos a lateral alveolar aparecia com mais frequência, descobriu-se que "azul", "bolsa", "varal", "balde" e o verbo "voltar", juntamente com suas formas conjugadas, foram os termos em que mais recorrentemente foi

empregada a forma alveolar. A predominância desses resultados pode ter sido influenciada pelos instrumentos usados nas entrevistas, que frequentemente incluíam imagens que estimulavam a emissão das palavras citadas.

Para a variável contexto fonológico seguinte, por sua vez, evidenciou-se que as fricativas (f, s) e as vogais representaram os contextos que mais favorecem a aplicação da forma alveolar. Já as oclusivas (b, t, k) e o contexto de pausa parecem não favorecer a manutenção da lateral alveolar.

Em relação às variáveis sociais, etnia, faixa etária e sexo, verificou-se para a etnia que informantes descendentes de italianos produzem mais a forma alveolar do que descendentes de brasileiros. Para as variáveis sexo e faixa etária, constatou-se, num levantamento percentual, que os resultados estão alinhados com as hipóteses previamente estabelecidas, evidenciando maior ocorrência da forma vocalizada entre os participantes mais jovens, na faixa etária de 18 a 29 anos. Por outro lado, a forma alveolar foi mais produzida por informantes mais velhos, com 60 anos ou mais. Quanto ao sexo, não se notou uma grande diferença percentual entre as categorias, mas percebeu-se que a variante alveolar era mais frequente no discurso feminino, enquanto a vocalização prevaleceu entre os informantes do sexo masculino.

Quando confrontadas somente as variantes preservação da lateral e vocalização, os dados revelaram papel contexto precedente e da escolaridade. No que tange à primeira, percebeu-se que as vogais /o/ e /u/ tendem a favorecer o uso da lateral alveolar, ao passo que as vogais /a/, /e/ e /i/ tendem a desfavorecer. No aspecto da escolaridade, foi constatado que a preservação da forma alveolar é mais frequente no discurso de participantes com um nível de educação mais básico, limitando-se ao ensino fundamental, em comparação aos que têm ensino médio ou superior, validando a hipótese inicialmente proposta.

Diante do exposto, é esperado que este trabalho venha a ter a sua contribuição para futuros estudos sobre a produção do /l/ pós-vocálico no português falado no Paraná e em outras regiões do Brasil, assim como para pesquisas no campo da Sociolinguística que ajudam a elucidar e entender o emprego de variantes linguísticas. Espera-se também que auxilie em futuros mapeamentos linguísticos, facilitando a observação de mudanças na língua.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Transformações na vida camponesa: o sudoeste paranaense. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) USP.

ALCÂNTARA, Cintia da Costa; MATZENAUER; Carmen Lúcia B; CARNIATO, Miriam C.; AZEVEDO, Roberta Quintanilha. Vogais arredondadas do francês por falantes do português brasileiro. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 65, 2021.

ALI, M. Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: O Livro, 1920.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL(ALERS). Volume 2: **Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas**. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz?**. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane Tebaldi. Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS). **Caderno de Letras**, nº 24, p. 37-54, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual da Sociolinguística**. 1ªed. São Paulo: Contexto, 2017.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) **Gramática**

do português falado. v. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Uma reflexão crítica sobre a Teoria Sociolinguística. **Revista Delta**, 26:1, 2010, p. 141-162.

CAMARA JR., Joaquim M. **Dicionário de linguística e gramática.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMARA JR., Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa.** 30ª ed. Florianópolis: Vozes, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim. M. **História e estrutura da língua portuguesa.** 3ª ed. São Paulo: Paulistana, 2007.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

CHOMSKY, Noam. **Reflections on language.** New York: Pantheon, 1975.

COELHO, I.L. *et al.* **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COLLISCHONN, G; QUEDNAU, L. R. As laterais variáveis da região sul. In: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (org). **Português do sul do Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 152-173.

CORRÊA, Roberto L. O Sudoeste paranaense antes da colonização. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n.1, p.87-98, 1970.

COSTA, Cristine F. Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de // no PB. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

COSTA, Cristine Ferreira. Análise Variacionista da Vocalização em // em Porto Alegre. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. Porto Alegre, v. 5, n. 9, p.1-21, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

DAL MAGNO, D. O comportamento do // pós-vocálico no Sul do País. *Working Papers in Linguistics*, v.2, 1998.

DICKEY, Laura Walsh. **The phonology of liquids**. Amherst: GLSA, 1997.

ECKERT, Penelope. Ages as a sociolinguistic variable. In: Florian Coulmas (ed.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

ESPIGA, Jorge. Influência do Espanhol na Variação da Lateral Pós-Vocálica do Português da Fronteira. Dissertação (Mestrado em Letras). Pelotas: Universidade Católica, 1997.

ESPIGA, Jorge. O Português dos Campos Neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços do Chuí e Santa Vitória do Palmar. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

FIORIN, José Luiz. As línguas do mundo. In: FIORIN, José Luiz (org). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-73.

FRANCISCO BELTRÃO (cidade). Plano Diretor Municipal de Francisco Beltrão. Francisco Beltrão: Secretaria Municipal de Planejamento/ IPPUB, 2017. Disponível em: <<https://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/o-municipio/plano-diretor/>>. Acesso em março 2023.

HAHN, Laura Helena; QUEDNAU, Laura Rosane. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 100-113, 2007.

HYMAN, Larry M. **Phonology: theory and analysis**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

HORA, D. da. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79. 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/francisco-beltrao/panorama>>. Acesso em março 2023.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAWSON, E., STUART-SMITH, J., SCOBIE, JM, YAEGER-DROR, M. E MACLAGAN, M. Líquidas. In: Di Paolo, M. e Yaeger-Dror, M. (eds.) **Sociofonética: Guia do Estudante**. Routledge: Londres, 2011, p. 72-86.

LAZIER, Hermógenes. **Francisco Beltrão: 25 anos de lutas, de trabalho e de progresso** – edição histórica. Francisco Beltrão, Folha do Sudoeste, 1977.

LEITE DE VASCONCELLOS, José de. **Lições de philologia portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1911.

LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter. **The Routledge Companion to Sociolinguistics**. Routledge: New York, 2007.

MACHRY DA SILVA, S. *et al.* A pronúncia da lateral // no Sudoeste do estado do Paraná. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 1, 2020, p. 59-76.

MALMBERG, Bertil. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MARRA, Daniel; MILANI, Sebastião Elias. Uma teoria social da Língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. **Rev. Linha d'Água**, n. 25, p. 67-90, 2012.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MEYERHOF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. Routledge: New York, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceitualização e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27-31.

MONDARDO, Marcos Leandro; BACKES, Thaine Regina. A dinâmica migratória na (trans)formação territorial do sudoeste paranaense. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva Ciências Sociais em Perspectiva**. Unioeste: v.7, n.12, p. 47-60, 2008.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo nas línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 43-50.

NEDEL, Eduardo Luís. **A lateral pós-vocálica em Lages/SC: análise variacionista**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NEGRÃO, Esmeralda Vailatti. A natureza da linguagem humana. In: FIORIN, José Luiz (org). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 75-109.

ORTOLAN, Adrian A. Aspectos da construção histórica do sudoeste do Paraná e da cidade de Francisco Beltrão. **Revista Faz Ciência**, v. 9, n. 9, p.11-33, jan./ jul. 2007.

PAIVA, Maria da Conceição. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: Mollica, Maria Cecilia; FERRAREZI Junior, Celso. **Sciolinguística, sociolinguística: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 22-32.

PINHO, Antonio José. Aspectos da história da língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PINHO, Antonio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica // no português do Brasil. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, n.2, p. 67-88, 2010.

PREFEITURA DE FRANCISCO BELTRÃO. História. Disponível em: <<https://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/o-municipio/historia/>>. Acesso em março 2023.

QUEDNAU, L. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SANTOS, Robervaldo Correia; OLIVEIRA, Josane Moreira. A lateral pós-vocálica // em comunidades baianas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Leitura**, v. 1, n. 60, p. 39–61, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006

SILVA NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

SILVA, Giselle Machine de Oliveira. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 117-133.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 6ª.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Thais Cristófar. **Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2008.

TASCA, Maria. A lateral em coda silábica no Sul do Brasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

TASCA, Maria. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIARO, Mário Eduardo. Reconstrução fonético-fonológica de seis sincronias do latim ao português. **Rev. Estudos Linguísticos e literários**. Salvador, n. 52, p. 94-145, 2015.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2019, p.137-179.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2019.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) & TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV)

Título da pesquisa: Variação fonológica em Língua Materna: Panorama Sociolinguístico das Regiões Centro-Oeste e Sudoeste do Paraná.

Pesquisador(es) - responsável:

Susiele Machry da Silva - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Via do conhecimento – KM 1 – Pato Branco – PR \ Fone: 3220 - 2511

Denize Terezinha Teis - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Via do conhecimento – KM 1 – Pato Branco – PR \ Fone: 3220 - 2511

Local de realização da pesquisa: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Via do conhecimento – KM 1 – Pato Branco – PR \ Fone: 3220 - 2511

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre variação linguística na fala. O trabalho tem como propósito geral a análise dos usos linguísticos do português brasileiro por falantes de diferentes comunidades, nesse caso, estamos incluindo no trabalho algumas cidades do estado do Paraná. A partir dos dados, se desenvolverá uma investigação de possíveis fatores linguísticos e sociais (sexo, região, idade, entre outros) - que podem influenciar no modo de falar dos indivíduos e de sua comunidade.

Os dados obtidos são de suma importância para a descrição do português falado nessas comunidades, contribuindo com outras pesquisas que se desenvolvem em diferentes regiões do Brasil. É a partir de sua participação que temos a oportunidade de acesso aos falares do Brasil, mostrando diferentes variedades e a identidade linguística de sua região.

1. **Objetivos da pesquisa**

O objetivo geral do projeto é investigar, a partir da criação de um banco de dados de fala, os processos de variação fonológica em cidades do Paraná, contribuindo para a descrição Sociolinguística da região. Mais precisamente estão contempladas inicialmente as cidades de Pato Branco, Bom Sucesso do Sul, Saudades do Iguaçu, Francisco Beltrão, Coronel Vivida (da região sudoeste), e Quedas do Iguaçu (região centro-oeste). Com isso, queremos contribuir também com questões voltadas à formação do professor, preconceito linguístico e trabalho com variação em sala de aula.

1. **Participação na pesquisa**

Como o objetivo primário da pesquisa é investigar os processos de variação presentes na fala, o estudo requer coleta de dados por meio de entrevista e aplicação de experimentos, com gravação. Primeiro, você será convidado a responder um questionário com perguntas simples, sobre sua cidade, sexo, idade, costumes e afazeres. Seus dados não serão divulgados em hipótese alguma e devem ficar arquivados, sendo acessados apenas para consulta dos pesquisadores. Após este questionário, você é convidado a participar de uma atividade lúdica com descrição e nomeação de imagens e a fazer leitura/produção de frases simples. Depois, convidamos você a realizar uma entrevista; nesse caso, trata-se de uma conversa informal sobre temas diversos que envolvem sua rotina, afazeres cotidianos, a comunidade onde vive e também sobre assuntos que sejam de seu interesse. Nós precisamos gravar a sua fala em todos esses experimentos, mediante o seu consentimento para esse fim. Vamos realizar a entrevista em um local que seja acessível para você e onde se sinta mais confortável, nossa única exigência é de que tenha silêncio para fazermos a gravação. Ao participar da pesquisa, você também é convidado a doar seus dados gravados para o nosso banco de fala, se assim desejar.

1. **Confidencialidade**

Sua identidade será preservada. Nos trabalhos realizados a partir das entrevistas, o nome verdadeiro não será mencionado. Em substituição ao nome, você receberá um número ou código.

1. **Desconfortos, Riscos e Benefícios**

2. **a) Desconfortos e ou Riscos:**

Embora os testes aplicados sejam simples, você pode sentir-se constrangido ou desconfortável com a presença do gravador ou por questões que envolvam dados de natureza pessoal. Quando isso ocorrer, você tem a liberdade de pedir para parar a gravação, não responder, ou mesmo desistir da entrevista. Os instrumentos foram pensados de forma a deixar você bem à vontade e, embora se faça a gravação, vamos fazer uma conversa simples, evitando qualquer constrangimento, assim como questões que possam expor sua pessoa. Caso não se sinta confortável em algum momento, comunique e sua gravação será interrompida.

5. **b) Benefícios:**

Você não terá nenhum benefício direto ao participar da pesquisa. No entanto, ao participar dos testes e permitir gravar sua fala, você estará contribuindo para a formação do nosso banco de dados das cidades do Paraná, o que possibilitará a realização de investigações para a descrição do português, contribuindo também para o ensino, a formação de professores e, conseqüentemente, com a formação dos alunos nas escolas e universidades.

1. **Critérios de inclusão e exclusão**

6.a) **Inclusão:**

Estar residindo em uma das cidades: Pato Branco, Bom Sucesso do Sul, Saudades do Iguaçu, Coronel Vivida, Francisco Beltrão ou Quedas do Iguaçu. Você pode ser nativo, que vive por um longo tempo na comunidade (mais da metade de sua vida); ou, não nativo, que não tenha nascido, mas que estuda ou trabalha na comunidade por um tempo. Ter idade entre 18 e 70 anos de idade, ser homem ou mulher.

6.b) **Exclusão:**

Pessoas que apresentam dificuldade auditiva ou dificuldade para falar; Pessoas que não sejam alfabetizadas.

1. **Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo**

Garante-se o seu direito de desligar-se da pesquisa a qualquer momento, assim como da liberdade de você pedir outros esclarecimentos, se assim desejar. Além disso, mesmo após ter realizado a entrevista, você pode, se desejar, pedir para retirar sua entrevista do banco de dados a qualquer momento.

E também direito seu ter acesso aos resultados da pesquisa. Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse :

() quero receber os resultados da pesquisa (email para envio :_____)

() não quero receber os resultados da pesquisa

Autorizo que meus dados sejam armazenados em Banco de Dados? () Sim () Não

1. Ressarcimento ou indenização.

Você não terá nenhum gasto para participar da pesquisa, uma vez que os pesquisadores se responsabilizam por procurá-lo e por fornecer todo o material necessário. Seguindo a resolução 466/2012, caso, eventualmente, seja necessário seu deslocamento, garante-se, o ressarcimento do valor gasto nesse deslocamento, ou, a qualquer outra despesa que você e possíveis acompanhantes venham a ter por ocasião da pesquisa, tais como alimentação, hospedagem, entre outros. Em caso de eventuais danos, decorrentes ou causados por sua participação na pesquisa, garante-se a reparação com a indenização material. Além disso, salienta-se a liberdade que você tem de informar ao pesquisador caso não se sinta bem em realizar algum teste, responder a alguma questão, ou, de ser gravado e doar seus dados para o banco.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que estão trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi

informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4494, e-mail: coep@utfpr.edu.br.

B) CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Recebi informações a respeito da maneira como serão coletados os dados e tive oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Após conversar sobre a proposta do trabalho, decidi participar voluntariamente. Ciente de que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão sobre a participação no projeto, se assim desejar.

Tendo conhecimento do tipo de pesquisa a ser realizada, **manifesto concordância na gravação de minha fala nos instrumentos que envolvem esse procedimento**. Diante disso, após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, autorizar que a pesquisadora faça a gravação de minha voz para fins de estudos. A gravação tem propósito único de estudo e minha voz não será divulgada em hipótese alguma.

A pesquisadora responsável esclareceu que os dados serão utilizados para uma pesquisa na área de Letras e serão, mediante o meu consentimento, armazenados, sob sua responsabilidade, para a realização de outras pesquisas, mediante autorização prévia e análise do CEP, sempre respeitando o sigilo das informações pessoais que forneci. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos.

Susiele Machry da Silva, pesquisadora responsável pelo trabalho, certificou-me de que minha identidade será preservada e de que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento. O meu nome em nenhuma situação será divulgado.

Caso tiver novas perguntas sobre este estudo, sobre meus direitos como participante da pesquisa, ou caso pense que fui prejudicado, a qualquer momento posso entrar em contato com a pesquisadora.

Depois de analisar e refletir sobre a minha participação, decidi voluntariamente participar.

Nome completo: _____
 RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____
 Telefone: _____
 Endereço: _____
 _____ CEP: _____ Cidade: _____
 Estado: _____

Assinatura:

_____ Data: ____/____/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: _____
 (ou seu representante)

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com SUSIELE MACHRY DA SILVA, via e-mail: susiele.machry@gmail.com.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** 3310-4494. **E-mail:** coep@utfpr.edu.br

ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Nome: _____

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____

Estado civil: _____

Escolaridade: () fundamental I () fundamental II () ensino médio () superior completo () superior incompleto

Tempo de estudo em anos: _____ () até 8 anos () mais de 8 anos

Cidade onde reside atualmente: _____

Tempo que vive no local: _____

Já morou em outra cidade? () sim () não, qual _____ por quanto tempo _____

Quantas pessoas residem com você atualmente? _____ **Qual o nível de escolaridade destas pessoas?** _____

Você é descendente de qual (is) país (es)? _____

Profissão que exerce atualmente: _____

Já exerceu outras profissões em sua vida? () sim () não **Quais?** _____

Em que ambiente você passa a maior parte de seu dia? () em casa () no trabalho, outro: _____

O que você costuma fazer nos horários vagos?

() assistir televisão

() ouvir música/ rádio

() fazer pesquisa/ conversar na internet

() sair e conversar com amigos/ passear

Você participa de algum clube, igreja ou outro grupo na comunidade? () sim

() não qual: _____

Você fala outro idioma? () sim () não

Você tem contato frequente com pessoas falando em outro idioma? () sim () não

Qual é sua principal atividade lazer? _____

Qual atividade é mais proveitosa para você: () ler um livro () ouvir música () assistir televisão () navegar na internet

ANEXO C – INSTRUMENTO DE PESQUISA

(i) Nomeação e descrição de imagens









(ii) Produção de frases

“A **bolsa** fica na parede”

“A mulher usa **salto**”

“Sara plantou **alface** na horta”

“A mulher assiste o **jornal** do globo”

“O **varal** está cheio de roupas”

“A loja vende **calçados**”

“Usou **alfinete** para costura”

“A **bolsa** é **azul**”

“O mar parece **calmo**”

(iii) Conversa informal sobre temas diversos

Tema 1 - Comunidade

Tema 2 – Educação/escola

Tema 3 – Infância

Tema 4 – Lazer/viagens

Tema 5 – Culinária/gostos

Tema 6 – Sonhos

Tema 7 – Filmes e livros